



*A MULHER E OS ESPELHOS* reúne uma variedade de narrativas que estimulam o leitor a participar de reflexões que convergem sempre para a figura centralizadora da mulher - motivo dos conflitos apresentados nas histórias. Na maioria são relatos de um narrador que rememora dramas de amor, em meio a reuniões, encontros furtivos, nos mais diversos locais. Sentimos nesse narrar a recorrência de histórias de pessoas infelizes, seus amores, quase sempre frustrados...

A tônica é das mulheres indecifráveis, verdadeiras esfinges que provocam reações as mais diversas - como em "A honestidade de Etelvina amante", onde a fidelidade se torna apenas um caso de interpretação. De um modo geral, o autor se coloca diante do enigma da vida, através de histórias em que procura nos mostrar ser impossível entender as mulheres, pois nem mesmo elas se compreendem.

Mulheres, agentes do destino, contra ou a favor de certos indivíduos, assim se dividem basicamente as histórias. Há narrativas em que as mulheres aparecem como portadoras da fatalidade, verdadeiros ciclones que desarvoram, estragando o que se acha nos limites de sua ação destruidora, do destino inexorável. Exemplos em "A fada das pérolas" - agente arrasadora frente ao conformismo da pobreza e ignorância: homem envolvido e dominado -; "A aventura de Rosendo Moura", em que ninguém foge à mulher, ao seu destino.

Mulher sereia, sedução, que faz naufragar vidas em sua ânsia de conhecer-se, de desvendar-se a si mesma, que vai ornamentando a imensa vaidade dos homens e deixando-se amar como os gatos. A ela o homem teme, pois apenas espelha sem jamais a compreender. Em "Penélope" e "Exaltação", a felicidade da vida vem em conformidade com a força de mudar e



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Cesar Maia

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Helena Severo

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO  
E INFORMAÇÃO CULTURAL

Graça Salgado

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Heloisa Frossard

CONSELHO EDITORIAL

- \* Graça Salgado (*presidente*), Margarida de Souza Neves,  
Lygia Marina Pires de Moraes, Renato Cordeiro Gomes, Beatriz Resende,  
Heloisa Frossard, Margareth da Silva Pereira,  
Heloisa Buarque de Hollanda, Anna Maria Rodrigues, Alexandre Nazareth e  
Paulo Roberto Elian dos Santos.

# A MULHER E OS ESPELHOS

*João do Rio*

1995  
2ª Tiragem



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
Secretaria Municipal de Cultura  
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural  
Divisão de Editoração

Coleção BIBLIOTECA CARIOCA

Volume 13

Série Literatura

Organizadora

Heloisa Frossard

*Printed in Brazil*/Impresso no Brasil

ISBN 85-85096-14-4

Capa

Heloisa Frossard

Projeto gráfico

Ivone Barros

Equipe de editoração

Ana Lúcia Machado de Oliveira, Célia Almeida Cotrim, Diva Maria Dias Graciosa e Rosemary de Siqueira Ramos.

catalogação: Diretoria de Bibliotecas C/DGDI

---

Rio, João do, 1891-1921

R585m

A mulher e os espelhos / João do Rio. — Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

156 p., — (Biblioteca Carioca, v. 13, série literatura)

I. Conto brasileiro. I. Título. II. Série.

CDD B869.3

CDU 869.0(81)-3

---

Divisão de Editoração C/DGDI

Rua Amorososo Lin. nº 15, sala 112 Cidade Nova

20211-120 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone (021) 273-3141

Telefax (021) 273-4582

## SUMÁRIO

PREFÁCIO de Luiz Edmundo Bouças  
Um *dandy* decadentista e a estufa do novo, 7

### A MULHER E OS ESPELHOS, 13

Carta-oferta, 15

Créssida, 18

D. Joaquina, 25

A maior paixão, 32

A menina amarela, 38

A amante ideal, 44

História de amor num jardim..., 51

A aventura de Rosendo Moura, 56

A fada das pérolas, 64

Encontro, 73

Exaltação, 80

Puro amor, 86

O milagre de S. João, 91

A honestidade de Etelvina, amante, 98

Cleópatra, 107

A linda desconhecida, 113

O veneno da literatura, 121

Uma criatura a quem nunca faltou nada!, 132

Penélope, 139

GLOSSÁRIO, 147

BIBLIOGRAFIA

Obras do Autor/Sugestões de leitura sobre o Autor, 152



## Um dandy decadentista e a estufa do novo

A ficção textual do chamado Pré-Modernismo brasileiro vem suscitando releituras conduzidas especialmente a partir da readmissão de autores e obras até então desconhecidos ou efetivamente negligenciados pela crítica. Redimensionando o termo “*art nouveau* literário”, alguns estudiosos (PAES, J. P.) identificam parte daquele momento (1890-1920) apontando João do Rio como uma de suas marcações mais peculiares. Ornamental, *pasticheur* rasurando o próprio pastiche, o estilo de João do Rio gira uma indisfarçável caricatura de si mesmo, somando a esse acento um compromisso inaugural: estabelecer os primeiros flertes da literatura com a modernização no Brasil (SUSSEKIND, F.). O sopro de Wilde (FARIA, G. de) decide não apenas o suporte emblemático da prosa do cronista carioca, como igualmente ilustra o comportamento ambíguo, marcador do bovarismo cultural (SECCO, C.L.) vivido pelo Rio de Janeiro. É pelas vias do decadentismo europeu que nossos passos literários de aferição dos primeiros anos do século XX emitem um “discurso de modernização”. Esse enunciado tem um acabamento curioso nos contos de João do Rio, particularmente no ponto em que sinaliza - através da intervenção de seu(s) narrador (es) - os meneios que mobilizam o decalque afetado do dandismo *fin-de-siècle* (ANTELO, R.), expressando a crise de representação narrativa precursora de algumas das atribuições da escritura na Modernidade.

Percorrendo miragens textuais do estetismo decadentista, João do Rio publica em 1919 um conjunto de 18 contos, onde no entender de J. Carlos Rodrigues - o estilo do autor “alcança o auge do cinismo e da sofisticação”. Prezando o tema do “eterno feminino”, a sedimentação narrativa de *A mulher e os espelhos* traz por *leitmotiv* a imagem da Sereia, divisando o sensualismo decadente cujo canto de sedução faz a *Carta-Oferta* comentar: “As sereias desencadeiam tais apetites que levam os homens à pobreza e à morte”. Fragmento, ao que tudo indica, atravessado pelo conto “O pescador e sua alma”, publicado por Wilde em 1891, assim como

pela máxima animada em *Uma mulher sem importância* (1893): “A história das mulheres é a história da pior forma de tirania que o mundo já conheceu.”

Ao intensificar a sede de possessão da mulher romântica, em seu cruzamento do amor com a morte, a imagem da mulher no Decadentismo instituiu Salomé como um dos grandes emblemas finisseculares, presença que - divulgada pela peça de Wilde - levaria João do Rio a formular: “Salomé está em todas as mulheres e todas as mulheres estão em Salomé”. Como observa Richard Ellmann, Salomé, “tendo dançado no imaginário de pintores e escultores ao longo de séculos, no século XIX dirigiu seus jogos sedutores à literatura”, ali encontrando ampla receptividade e especial consagração nas páginas dos decadentistas, que coreografariam para ela os passos com os quais deslocaria os códigos da tradição romanesca. Atiçado por essa coreografia, *A mulher e os espelhos* trama no canto da Sereia a vertigem da Salomé decadentista. Entrelaçamento articulado desde o primeiro conto que registra: “Devia ter sido assim Salomé” - referência que chancela os textos seguintes, onde - “cantando para o naufrágio das vidas” - a Sereia não apenas devora seus apaixonados, mas especialmente leva-os à loucura, ou à “neurasthenia”, a exemplo de *A linda desconhecida*, cujo enredo move o dandy Justino Pereira, relatando suas experiências e recorrendo às injeções de “strychnina”.

Se a desmontagem do texto clássico apontou, para Foucault, o deslocamento discursivo que pôs a literatura moderna em convívio com a loucura, caberia ao Decadentismo “descrever” a crise de representação narrativa capaz de ilustrar os sinais desconstrutores que expressariam o trânsito para o texto moderno. É possível reconhecer, na impertinência textual do dandy decadentista, uma pilhagem de sentidos precursora da deriva assumida pelo texto moderno enquanto prática subversora do sentido fundado na relação de continuidade entre linguagem e mundo. Segundo Walter Benjamin, a mais adequada avaliação do final do século XIX estaria textualizada nas dicções do liminar, na produção do discurso que corre à margem, já que é na fala das personagens que deslocam a cena social que o diagnóstico da sociedade finissecular melhor se acusa. Na condução desse empreendimento deu-se o preparativo de uma “Estética da destruição da Estética”, aliada às intenções avaliadoras da “Alegoria da ruína” enquanto degenerescência da

tradição. Assim, na esteira dos motivos da lésbica, do *flâneur*, da prostituta, configurou-se igualmente a condição de conduta do *dandy* decadentista, que passou a assumir as relações consignadas por Baudelaire entre Dandismo e Escritura. Ao protagonizar o inconformismo *fin-de-siècle*, o *dandy* decadentista arrogou-se uma pose que só pode ser inferida indiretamente; tal comportamento - correlato às voltas da Salomé decadentista - convidaria o narrador-*dandy* a uma contradança próxima à rebeldia do louco. Instigando seu caráter ambíguo e contraditório, ele buscou reagir a toda unificação banalizadora, forjando um mundo oscilante, que - ao zombar das similitudes - pulsaria a latitude de um texto fronteira, homólogo ao próprio prazer de emitir paradoxos.

Tributária do surto científico do século XIX, a prosa do Naturalismo cumpria um exercício ilustrativo, onde alinhar os eventos sinalizados pela ciência equivalia a nutrir o enredo servil, conferido pelo romance de tese. Tutelada pela "sanidade" da doxa naturalista, a narrativa perfilava uma atitude documental, tomando por base o compromisso de se fazer registro da realidade interpelada empírica e experimentalmente. Contaminada pelo vírus saturnino da crise finissecular, a literatura decadentista - transgredindo o princípio de referência da narrativa com relação à natureza - recusou a instância de representação da noção de real elaborada no horizonte da dobradura real/verdade. Esgarçando o otimismo realista/naturalista em sua crença na ciência e na concepção técnico-analítica do mundo, a narrativa decadentista associou-se à noção de embriaguez sinestésica, fazendo a requisição do "truque" como estratégia de desmontagem que escavaria a sustentação do literário, estabelecendo uma incursão problemática da escrita conferida em termos do fantasmático. Aspecto freqüentado por vários instantes da produção ficcional de João do Rio - entre os quais o consagrado conto "O bebê de tarlatana rosa" (1910), cuja ressonância marca visivelmente a atmosfera de carnaval e morte construída em "A aventura de Rosendo Moura", que confidencia um funcionamento não apenas simpatizante da rutilação do exótico, mas da povoação mesma do exotismo enquanto flutuações de fingimentos que aderem ao gosto de inventar um cenário textual, onde labirintos e espelhos revestem a adulação do personagem e do engaste de seus postigos.

Desde que exhibir a sustentação do artifício contra as

determinações naturalistas equivaleu a instalar um discurso de “inversão” do mundo, a extravagância com que Huysmans (*A Rebours*, 1884) elaborou as fabulações do “avesso” anotou o desvio capaz de cunhar a metáfora da estufa, decidindo a índole cerebral da narrativa decadentista como uma planta rara e perversa. José Seabra Pereira considera que a extensão assumida no fim do século por esse curso, na senda baudelairiana dos *paradis artificiels*, passou a ligar-se mais estreitamente a formas pervertidas de sexualidade e desequilíbrio psico-nervoso. Embora rejeitando posições naturalistas, a análise da morbidez agiu sobre os decadentistas, estimulando-os diante do anômalo, do sórdido. *A mulher e os espelhos* responde sobretudo com “A menina amarela” a esse estímulo que declina nítida influência da obra de Jean Lorrain, cujas transgressões - como apontou Eugen Weber - mostram que vício, homossexualidade e travestis não andavam necessariamente juntos, mas faziam parte do mesmo apetite *fin-de-siècle* - herança que escoaria pelas mãos de João do Rio, traduzindo, no *bas-fonds* da *Belle Époque* carioca, o drama de seus “mutilados”, como percebeu Antônio A. Prado.

No dispositivo do texto decadentista, a Natureza, deixando de ser um distintivo emblemático de referência, passou a ser alvo de um projeto estilizador, que culminaria em arrevesados caprichos de transfiguração. Deslocando a visão tradicional da arte como reflexo do real, Wilde postulou um transtorno de papéis: “A Vida imita a Arte, muito mais do que a Arte imita a Vida” - tópica a partir da qual o *dandy* portou seu destino decadentista como “adereço” de quem ousou ser ou usar uma obra de arte. “Uma lapela bem florida é o único elo entre a arte e a natureza”, sentenciou o autor de *Dorian Gray*, ao que acrescentaria João do Rio: “A verdadeira conjugação entre os sentimentos da natureza e os sentimentos do civilizado está em uma árvore iluminada por uma lâmpada elétrica”. Parte do efeito ornamental desse traço transfigurador coteja particularidades do “*art nouveau* literário”, que, em *A mulher e os espelhos*, aparece especialmente tipificado pelo conto “História de amor num jardim”, onde - ao mostrar “todo o mistério feminino que se encerra no fuste de troncos e nas curvas dos ramos” - “a mulher é árvore”.

Para Michel Lemaire, o *dandy* decadentista exibiu-se enquanto espetáculo de uma zona limite que, inscrevendo um elenco de denúncias, conjugaria a uma atitude moral os componentes de uma

reação política e social. Pois o *dandy* decadentista, ao redigir a ostentação de sua diferença, contrariava o projeto massificador da sociedade, no mesmo trunfo com que repudiava o princípio de valorização do trabalho e do lucrativo, ao brindar o ócio e o prazer no cortejo do virtual e do inútil. Segundo Raúl Antelo, a atenção dedicada por João do Rio ao trajes, aos tecidos, aos perfumes... decide-se como manifestação de “discursos alternativos contra a voz autorizada”; nessa fisga, o dandismo de *A mulher e os espelhos* impele uma “poderosa denegação da moral vigente”. Afinal, “nada mais inútil que a psicologia das mulheres”.

É em *A mulher e os espelhos*, numa das cenas do conto “Créssida” - lembra-nos Gentil de Faria - que João do Rio promove o encontro dos dois principais *dandies* que flexionam sua obra: Godofredo de Alencar e Barão de Belfort. Personagens-mediadores - como sugere Flora Sússekind - que “percorrem a obra de João do Rio funcionando como narradores-segundos”. Se, logo no primeiro conto, a bizarraria do diálogo entre Godofredo de Alencar e o Barão de Belfort reforça o culto do leitor wildiano, veremos que se trata de uma celebração estendida até o conto final - “Penélope” -, que não hesita em coroar a cabeça do adolescente vendedor da loja de moda com a cabeleira do São Sebastião de Guido Reni, uma das pinturas favoritas de Wilde e mesclada no poema “O túmulo de Keats”(1881). Contudo, ainda que o (en)canto de Wilde pareça constituir a verdadeira Sereia cruzando esses 18 contos, sob o espelho de cada um deles João do Rio consegue animar um “coro de escritas” comprometido em executar no Pré-Modernismo brasileiro atenção às emergentes relações entre o sujeito, a literatura e o ser da linguagem.

**Luiz Edmundo Bouças**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTELO, Raúl. *João do Rio. O dândi e a especulação*. Rio de Janeiro, Taurus/Timbre, 1989.
- ELLMANN, Richard. *Oscar Wilde*. Trad. José Antonio Arantes. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- FARIA, Gentil Luiz de. *A presença de Oscar Wilde na Belle Époque literária brasileira*. São Paulo, Pennartz, 1988.

- PAES, José Paulo. "O art-nouveau na literatura brasileira". In:---. *Gregos & baianos*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- ."Huysmans ou A nevrose do novo". In: HUYSMANS, J-K. *Às avessas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e simbolismo na poesia portuguesa*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1975.
- PRADO, Antonio Arnoni. "Mutilados da Belle Époque". In: SCHWARZ, Roberto (org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- RODRIGUES, João Carlos. "A flor e o espinho" In:---. *História da gente alegre: contos, crônicas e reportagens da Belle Époque carioca/ João do Rio*. Seleção, introdução e notas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.
- SECCO, Carmem Lúcia Tindó. *Morte e prazer em João do Rio*. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Instituto Estadual do Livro, 1978.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- LEMAIRE, Michel. *Le dandysme de Baudelaire à Mallarmé*. Paris, Klincksieck, 1978.

A MULHER  
E OS ESPELHOS



## Carta-oferta

Assim, levo a coragem ao excesso de pedir que me ouça.

Em primeiro lugar, a vida é uma banalidade limitada.

Da banalidade da vida vieram decerto os símbolos divinos também limitados. Junte você todas as religiões, aglomere deuses e semideuses da Europa, da Ásia, da África, da América, da Oceania e afinal todos eles não exprimirão mais que meia dúzia de cousas que o homem teme, deseja ou venera porque não compreendeu ainda. Não o quero fatigar com uma erudição excessivamente empregada pelos almanaques provincianos.

Ora, entre as divindades que o homem teme por não compreender ou enaltece pelo mesmo amargo motivo, está desde o começo da reflexão, a Mulher. Sim. A Mulher! Um escritor espanhol observava que quando dizemos homem, dizemos humanidade e quando pensamos na Mulher, pensamos na exceção. Era essa a nossa opinião nas épocas legendárias e ainda o é hoje. Fizemo-la causa inicial de todos os males e todos os bens. E se você tiver o trabalho de abrir o venerável Heródoto, lá encontrará a Mulher como origem das guerras, mascarando a razão mercantil das ditas guerras — porque os fenícios roubaram Jó, os cretenses em represália foram a Tiro e roubaram Europa, os gregos navegaram para a Cólquida e roubaram Medéia, Alexandre Páris, filho de Prfamo, roubou Helena, e assim infinitamente a Mulher é sempre o motivo do conflito humano. Também a arte universal vive da espantada admiração do homem em torno da Mulher. Apenas, uns temem-na como a Sereia, outros adoram-na como Divindade.

Que momento atravessamos nós: o do terror ou o do amor?

O símbolo da Sereia como a perdição do homem, como a fêmea de temer, de que é preciso afastar-se a gente com prudência, devia existir no período da pedra lascada. Faltam documentos — o que é uma garantia da sua real existência. Mas a partir do tempo neolítico desde que o homem, de sflex em punho, pôde gravar os perigos que os seus sorrisos lhe traziam, a Sereia surgiu. É a Tentação.

Fizeram-na formosa, com cauda de peixe, entre as ondas. É possível vê-las com penas e pés de pássaro no *Hortus Deliciarum*\* de

---

N. do E. \* Jardim das Delícias

Herrade de Landberg, abadessa do convento de Santa Oflia no décimo-terceiro século; e no seu repertório dos vasos gregos Salomão Reinach ilustra os versos de Homero mostrando-nos num vaso do Museu Britânico, Odisseus preso ao mastro de sua nau, enquanto as sereias voavam-lhe em torno — sereias e harpias não surgiram de um mesmo horror: a tormenta devastadora.

Os misóginos poderiam manter da Sereia-Mulher a velha definição de Pierre le Picard no seu *Bestiário*:

*Trois manières de seraines sont, dont deux sont moitié feme moitié poisson e l'autre moitié feme moitié oiseox. Et chantent toutes trois moitié em buisines, les autres em harpes et les autres en droite vois. Les seraines signífient les feme qui abracent les hommes por lor blandissement et por lor déchénement á els par lors paroles que eles les ménent á proverté et á mort. Les eles de la seraine c'est l'amor de la feme qui tost va et vient.\**

Os elos da sereia são o amor da mulher, que cedo vai e vem; as sereias desencadeiam tais apetites que levam os homens à pobreza e à morte... Hoje a Sereia não é mais nem a mulher-pássaro do vaso grego e do episódio da Odisséia, nem a mulher-peixe das iluminuras bizantinas ou dos capitéis catedralescos. Tem de tudo, barbatanas de baleia, o fio do linho e os pássaros das árvores, frutos e flores, peles de bichos e frosos de larvas, asas de borboletas e vozes diversas. A vida democratizou-se. Os símbolos também, cruelmente. O homem sorri: — que Sereia! e pensa estar dizendo uma ironia. Não o diz. Ele está preso. A prudência de Odisseus parece inútil. Não há homem na terra que um momento não se deixe dominar. E não é Vênus tentadora, é a Sereia que impera e impera arrasadoramente, cantando para o naufrágio das vidas. Sobre os destroços de cada nau onde arqueja o nauta, canta a Sereia imperialmente a canção infinita da sedução. Veja os homens inimigos, a sanha do ganho, as rixas nas chombergas, os grandes conflitos internacionais. De pé, sobre o mastro grande da nau de Odisseus, a Sereia irradia.

Em compensação para os outros ela é a razão de todas as glórias, o incentivo de todas as coragens, o supremo bem, e cada um pensa da vida o eterno drama do Dante, com o coração indo do inferno para o purgatório na aspiração do paraíso, na aspiração de Deus que não se mostra a nós senão pela forma deliciosa da mulher, que nos inspira. E há de encontrar v., admirável amigo, o mesmo homem ora a dizê-la Deus, ora a chamá-la monstro.

---

N. do T. \*Existem três espécies de sereias, das quais duas são metade mulher, metade peixe, e a outra, metade mulher e metade pássaro. Todas as três cantam, metade em trombetas, as outras, em harpas e as outras, de forma direta.

As sereias equivalem às mulheres que prendem os homens por suas carícias e ardor. Por suas palavras, elas os conduzem à pobreza e à morte.

As asas da sereia são o amor da mulher, que vai e vem rapidamente.

(Tradução de Yara Pinto Demétrio de Souza)

É que afinal odiando-a, amando-a, caluniando-a, negando-a e ridicularizando-a, julgando-a portadora de todos os bens ou de todos os defeitos, nós, de Homero, o biógrafo de Helena, aos professores de ffsio-psicologia continuamos sem conseguir compreendê-la, pela simples razão de que só o nosso egoísmo a reflete. Até agora para mulher temos um sentido apenas: o do espelho. Ela quer conhecer-se, ela deseja ser explicada, ela procura o desvendamento do seu mistério. Cada espelho diz exclusivamente a verdade do próprio egoísmo. Entre ela e o espelho há a teimosia implacável do espelho refletindo a imagem que quer fazer dela. Antes de se mirar nos aços polidos, a mulher encontra nos olhos de cada homem espelhos côncavos, convexos, planos – que deformam, enfeiam ou refletem os transitórios gestos da sua alma. Nós reproduzimos a criatura que julgamos ser nossa, com o inconsciente estranhamento do nosso voraz egoísmo. E elas de se mirarem em vão nos espelhos homens, sem obter a decifração, não só desenvolveram a ambição de agradar como o secreto anseio de encontrar um dia o espelho revelador.

A mulher!

Ela aparece, de vestido de baile, com tecidos apenas para acentuar as curvas do corpo e uma cauda leve e coruscante. Ela aparece, mostrando os pés, de vestido curto e simples. Ela aparece, vestida de *chauffeur*, de óculos e véus. Está em toda a parte. A bordo dos *steamers*, nos comboios, nos restaurantes, nos chás, em cada canto, trabalhando ou jogando o *bridge*, mas naturalmente tentando, e não há moral nem distinções de classes, não há honestas, nem desonestas, porque são todas segundo o espelho que as vê: a Sereia, que exige, sacrifica e mata, ou a Divindade que nos satisfaz, nos incita, nos acalenta – tão distantes ambas da certeza como distantes estamos da realidade entregando a nossa alma aos reflexos com a ilusão de que eles nos compreendem.

Estas coisas digo-as eu, antes de v. ler as histórias a seguir – porque essas histórias sem o mérito da invenção – simples exposições de fatos verdadeiros, contam o eterno drama da Mulher diante dos espelhos. Na sua vária forma, ela não é aqui senão, diferente às vezes de espelho para espelho, sendo a mesma e querendo o espelho que a revele, sem o encontrar. Eu tremeria, porém, se me classificassem entre os erotógrafos, com a faculdade libertina de insinuar modelos. E se as mulheres são como os espelhos que as refletem, os homens estão tais quais foram e são. V. talvez encontre ironia. Encontrará também dor. V. talvez descubra amargura. Verá também doces bondades.

E sempre o único grande drama da vida: a Mulher e os Espelhos...

## Créssida

Fora, chovia a cântaros. André de Belfort sorria fatigado. Godofredo de Alencar fumava. Hortênsio Gomes parecia entre o pesar e uma vaga e tênue alegria. Alexandre estava abatidíssimo. Os quatro acabavam de jantar, no imenso salão deserto do mais elegante e mais detestável hotel da cidade. Ninguém poderia exprimir o sorriso do barão André. Era impossível definir a atitude de Godofredo. Hortênsio tinha o aspecto do revelador. O pobre Alexandre parecia um trapo de paixão. E, aos sucessivos cigarros de Godofredo, embebidos em essência oriental, uma densa nuvem aromática os envolvia.

— Precisamos acabar, meu caro amigo.

— Não tenho coragem!

— Todas as meninas são iguais . . .

— Faça o possível para esquecer, mas não posso! Não posso . . .

— Afinal, nunca a pediste, nunca lhe frequentaste a casa . . .

— Não!

— Idílio a distância, então?

— Sim, a distância. Olhem vocês que não fui eu, foi ela. Há um ano tocou-me o telefone. Conversou. Há seis meses marcou-me um encontro, onde a vi e a reconheci como a apaixonada do telefone, em companhia dos pais. Desde esse tempo foi toda a beleza de um idílio, com os mistérios infantis, o sonho, a fantasia dourada da graça ingênua. Ainda há vinte dias ela tocava o telefone e sonhávamos a nossa futura casa, com um amor muito bonito, amor eterno beijo . . . Imaginem vocês quando entrei no teatro e a vi no camarote, loira e ardente, com o outro, já noivo oficial . . . Como pôde ser? Nunca essa criança seria capaz de uma duplicidade! E, entretanto, estava no teatro com ele; e, entretanto, os jornais deram o contrato do casamento!

Paternalmente, André de Belfort continuava a sorrir.

— O pobre Alexandre! Como tudo isso é banal, romanesco e triste!

— A culpa é aliás dele! . . . sentenciou Godofredo.

— Por quê?

— Porque levou tempo sem se decidir. O ideal da menina é casar. Qual o casamento por amor? Em geral, os casamentos por amor nunca se realizam. As meninas foram educadas para aceitar um marido, quando o marido aparece é possível que tenham simpatias, in-

clinações. Mas, flutuantes, vagas. A vida é um oceano. É preciso entrar nele. Elas estão à beira d'água, entre temerosas e desejosas. A questão é ter decisão, é ser a onda que pode envolver . . .

Hortênsio Gomes, jovem como Alexandre, interrompeu:

— Quem sabe?

Os outros olharam-no. Hortênsio sorriu.

— Permitirás que conte uma história? Mesmo que ela te seja muito dolorosa?

— Por quê?

— Porque tive o mesmo caso comigo. Foi mais longe do que o teu e curou-me. Queres ouvir?

Alexandre fez um gesto lasso. Hortênsio teve um momento de hesitação. Acendeu um charuto, olhou com pena o amigo.

— Imagina que começou também pelo telefone. Era uma voz muito simpática e a dona dessa voz dizia cousas inteligentíssimas. Enfim, um ingênua sem ingenuidades. Ao cabo de quinze dias de mistério, a voz disse-me: — “Não sabe com quem fala? Vou dizer-lho. Vejo que não acredita. Estarei amanhã no chá em favor da construção do altar da capela de S. Francisco. Conhece meu pai. Procure ser-me apresentado. Faço anos a 25 e desejo vê-lo em nossa casa”. Era claro, rápido, incisivo, e alucinante. Pensei numa pilhéria. O telefone no Brasil serve tanto ao anonimato e à calúnia! Mas a miséria do homem está na irredutível vaidade. Condenamos o procedimento de uma mulher. Basta que ela volte para nós o olhar, para que a nossa opinião mude radicalmente. No dia seguinte vesti-me com demorado apuro, olhei-me ao espelho, imaginei muitas frases e por mais que não quisesse ir ao chá, cheguei ao chá antes da orquestra. Era um chá num pavimento sobre o mar, em Botafogo. A tarde estava maravilhosa e a enseada com o cristal crispado das águas, os fortes verdes da paisagem, a luz do céu azul, lembrava o sonho japonês de um *kakemono* de Hokusai. Ela chegou quase no fim, com o pai e a mãe. Ao primeiro olhar não tive dúvidas. Era ela mesma que telefonara. Apressei-me a arranjar lugares para o pai venerável de tão encantadora criatura. O pai estava grato. A filha disse:

— Papá, não esqueça de apresentar-nos o Dr. Hortênsio Gomes.

Fiquei com eles. Como a vida era bela! Como sentia a delícia deliciosa de viver! Tudo aos meus olhos se transfigurava. Noto que dias antes eu olhava essa menina com uma indiferença talvez um tanto severa. O seu passo tango, o exagero das modas, que lhe davam o aspecto semipera, a tagarelice incontinida, o abuso do francês, o tom frisante de *tropical girl* — não tinham, de forma alguma, a aprovação dos meus sentimentos. Bastara, porém, o desafio ousado para perder completamente a reflexão. Tudo aquilo ela dava para mim; toda aquela estonteadora tentação era o ornamento da minha vaidade. Fui extraordinário de graça, de espírito, de finura. contei

histórias, satirizei alguns simples mortais, fi-la rir com prazer. Fi-la rir! Há maior glória do que um riso de mulher, quando não é da gente que ela ri? Há alguma cousa que nos desvaneça mais do que fazer rir uma dessas pequenas criaturas de Deus?

Para o fim ela disse:

— Sabe que é muito espirituoso? Mais do que eu pensava . . .

— Como não ser, se a sua graça tudo transforma?

E, dizendo essas palavras, eu era radiosamente sincero. Ela sorriu. O pai ofereceu-me a casa, convidou-me para o aniversário da filha. Quando o chá terminou, aquele insensível cais de Botafogo, que tem sido o mudo espectador de tantas cenas de amor, devia ter visto o homem mais feliz da terra. Eu ia leve caminhando como num sonho de beleza. Os meus olhos não viam, acariciavam as cousas que viam. Dentro do peito, o meu coração estava cheio de generosidade e de alegria. Naquele momento, eu seria capaz de todos os heroísmos, de bater-me e vencer, de falar e convencer, de dar e não lembrar, de escrever com tanto sangue que a minha obra tivesse o brilho estelar da eternidade.

— Ela é bela. Ela é inteligente. E ela deseja-te.

As árvores, o paredão, os automóveis, a calçada, as luzes ao longe, o ondear do mar, pareciam dizer-me harmoniosamente essas divinas palavras de incitamento. E eu pensava, pensava e corria quase, alígero como um deus pagão, sorrindo ao ar, sorrindo ao céu, sorrindo! O riso é o desfolhar da alma. O sorriso é o desabrochar. Vinte horas antes não me acreditaria capaz de tais coisas. A mulher conseguira a metamorfose . . .

Também não pensei mais senão no meu amor. No dia do aniversário, mandei uma enorme corbelha de rosas vermelhas e fui à casa do pai venerável. Talvez fosse um simples capricho e tivesse passado já? Sentia um vago medo. Mas não! Receberam-me desvanecedoramente, e, pelo meio da noite, como estivesse à porta do *buffet* a conversar, vi-a que se aproximava com uma taça de ponche na mão e, à vista de todos, ma oferecia. Nesse instante pensei numa criatura babilônica feita em Tanagra.

— Obrigado!

— Eu é que estou obrigada . . .

Então começou para mim o tempo sem tempo do amor. Os homens fazem sempre o que quer o outro sexo. Ela não me declarava paixão nem eu me abrasei numa confissão teatral. Apenas invadiu-me, infiltrou-se dentro de mim. Visitava a casa duas vezes por semana, encontrávamo-nos em chás, bailes, cinematógrafos, falava-me duas, três vezes ao dia pelo telefone. Há criaturas epidérmicas. Outras cerebrais. Outras literárias. Essa virgem era medular. Ao vê-la, eu tinha o estremeção dos petardos ao choque galvânico. Devia ter sido assim Salomé. Devia ter sido assim Abisag, a Sulamita. O seu perfume de jasmim formava-lhe uma aura de fascinação, e tudo nela era inocentemente perverso, ingenuamente sexual: o andar, o contato dos de-

dos, as palavras, o olhar, a voz, as idéias. A nossa civilização de acampamento mantém a selvageria atávica dos casamentos, mas dá às meninas uma educação que é a clâmide do vício sobre a virgindade. Ela recitava poetas e lia romancistas sensuais em várias línguas. Tinha dezessete anos e tocava Chopin e cantava Wagner, aqueles intermináveis e dilacerantes, à força de insistentes, dramas d'amor de Wagner. De modo que a educação de menina do bom-tom inteligente e vaidosa fizera-lhe como uma outra figura, dentro da qual, como dentro do casulo, existia e crescia a mulher, tal qual as outras. Apenas nesse tempo eu não tinha tempo de refletir. Estava dominado, preso, envolvido.

— Ela adivinhou-me!

Sim! Entre tantas virgens que recitam em francês o Albert Samain, dançam o tango e falam inglês com a pronúncia da Quinta Avenida, ela compreendera o meu espírito, de que jamais duvidei; e estimara o meu físico, de que sempre eu próprio aflitadamente duvidara! Mande-lhe livros de amor em encadernações maravilhosas; arranjei-lhe, com ilustrações de Antônio Carneiro, a cena do balcão do *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, tradução de Bilac, em pele d'antílope e em letras de ouro. A minha gratidão era imensa. O pai dizia-me:

— É esquisito! Ela transforma-se quando v. chega!

A mãe venerável sorria . . .

— Você é o amiguinho diletto de minha filha . . .

Conversávamos muito. A minha palestra era um funambulismo mental . . . Eu sentia que dizia cousas extraordinárias, diante dos seus sorrisos. Era evidente, evidéntíssimo que a Perfeição me tocara com a sua graça celeste. E na rua, muita vez, encontrei-me a murmurar:

— Ela compreende-me! Ela ama-me!

Apenas era preciso casar, pedi-la em casamento. Os pais, atualmente, não fazem muita questão na escolha de esposo. O pai parecia meu amigo. Quatro meses havia que a minha vida era um êxtase, acima do tempo! Eu devia casar. Fui numa sexta-feira jantar com eles. Jantamos numa atmosfera de carinho e doçura. Ela veio trazer-me até à porta.

— Vou segunda-feira à conferência do poeta Prates. Vai?

— Se lá está é certo que irei. Depois tenho que lhe dizer uma cousa muito séria.

Ela estendeu a sua mão branca e macia. Beijei-a com fervor voraz. Uma vez. Duas vezes. Muitas vezes. E sai trêmulo, arquejante, ébrio, feliz! Na semana próxima pedi-la-ia! Nesse estado de nervos passei três dias, até a tarde da conferência. E, quando entrei no salão, o meu olhar logo a avistou. Ela, o pai, a mãe e um jovem insignificante ao lado dela. Foi como se me enterrassem um alfinete no coração. Caminhei para o grupo, atordoado. Receberam-me gentilmente. Ela deu-me dois dedos, que não tive coragem de oscular.

O jovem era um rapaz que herdara do pai dois mil contos e já gastara mil em esbórnias integralmente idiotas. Reuni os restos da força e fingi alegria com espalhafato. Ela naturalmente ria e, voltando-se para o jovem:

– Não há outro como Hortênsio! É engraçadíssimo . . .

O sentimento congênito das nuances que só as mulheres têm! Eu já não era espirituoso; era engraçadíssimo . . . Um tremendo abismo declinatório entre o qualificativo e o superlativo! Senti que poderia fazer um disparate. Saí. Dentro de mim o ser apaixonado clamava:

– Mas ela gosta de ti! Não é possível que uma criança inteligente proceda tão indignamente! Não é possível que tudo fosse coqueteria! Não imagines que, procurando a tua submissão, essa donzela de impecável educação tivesse ao mesmo tempo outro a quem armasse laço idêntico. Volta lá. Pede-a logo. É impossível! Impossível . . .

E, enquanto o ser apaixonado clamava, o eu que reflete teimava:

– Mas é assim. Vai casar com o outro. Resigna-te. Não discutas. E como és civilizado, finge a mais apurada indiferença!

No dia seguinte, ao abrir os jornais, li no noticiário mundano, como tu leste, a nota do contrato de casamento. Não havia mais dúvidas. Vesti-me, mandei preparar uma corbelha de violetas, pus o meu cartão dentro, e, mais morto que vivo, fui visitar Simone de Guize, que, como vocês sabem, é uma delicada mundana, capaz de consolar as vaidades feridas. Ao cabo de uma quinzena, tinha esgotado as reflexões inúteis, que somos forçados a fazer diante do absurdo feminino. Já contivera o ímpeto de ir ter à casa do pai venerável e desmascará-la, como nos dramas; já espremera bem o fel do engano, já filosofara assaz sobre esse caso de menina querendo casar, sem ter tempo de sentir e de amar. E chegara naturalmente a tábua de salvação, sem a qual o mundo seria um desastre, concluindo que ela, de fato, simpatizara comigo e que, se a tivesse querido realmente, ela teria sido minha. Eu fora o tímido, o orgulhoso. Ela nunca me olharia sem humilhação, entretanto. Essa última idéia refez-me. As mulheres são todas as mesmas. Graças aos deuses, o vencedor era eu – que não quisera. Outras, decerto, ainda me chamariam ao telefone e eu as desprezaria por Simone de Guize, dançarina, que não era nem Simone, nem de Guize. nem dançarina, mas era extremamente sincera e honesta.

Estava nestas disposições, a tomar um *cocktail*, no terraço de um café, quando, dias depois, vi que se aproximavam ela, radiosamente loira, o feliz noivo e o grave casal autor dessa menina ultratemporânea. Ela dardejava sobre mim um olhar que exigia a minha perturbação. Fiz um esforço e fui sorridente e alheio no cumprimento que lhes enviei. Era a minha vingança. Na manhã seguinte, ainda dormia quando retiniu o telefone.

— Alô! É da casa do Dr. Hortênsio?

Conheci-lhe a voz. Custara! Pequeno animalzinho vaidoso!

Respondi:

— És tu, Simone? . . .

— Não é Simone, não . . .

— Ah! perdão . . .

— Já não se recorda desta voz?

— Oh! perdão, *mademoiselle*. Como não recordar! É inesquecível. Guardo a melhor recordação da minha vida.

— Pedante!

— Sincero.

— É tudo quanto tem a dizer-me?

— Mil perdões. Ia esquecendo. Os meus cumprimentos.

— Só?

— Do fundo d'alma!

Houve um silêncio.

— Não se espanta de lhe falar ao telefone?

— Por que, se não é a primeira vez?

— Mas pode ser a última.

— Não se comprometa . . .

Novo silêncio. Eu a sentia humilhada, raivosa, tolinha, lá longe, no corredor da casa.

— Sabe que o considero meu amiguinho?

— Sem dúvida.

— Por isso estou a falar-lhe. É a primeira pessoa a quem participo a data do meu casamento.

— Obrigado. Quando é?

— A vinte e dois do mês próximo.

— Lá estarei . . .

— Então até logo.

— Os meus respeitos.

A semana passada encontrei a família. O pai venerável cumprimentou-me sem intimidade. E ela olhou-me, não me viu e ternamente curvou-se para o noivo.

Não indago o que sente essa almazinha. Mas a aventura serviu-me. Guardo agora a alma no bolso da calça, com as chaves da casa e a carteira . . .

Godofredo de Alencar deixou de fumar, trêmulo.

— O grande erro é darmos às mulheres uma importância que elas não têm. As mulheres são como os gatos . . .

— Os gatos que a gente ama, continuou Belfort, e não sabemos nunca se gostam de nós mais que dos outros, tendo a certeza de que eles apenas gostam de ser amados . . .

Mas os dois homens calaram-se. Alexandre estava lívido, de pé:

— E essa menina é? . . .

Hortênsio continuou sentado, também pálido, também trêmulo, mas decidido.

— Essa menina, meu caro Alexandre, é Zulmira de Sales, filha do conselheiro Sales, que vai casar com Antônio Pedreira, amanhã. É a mesma que te falava ao telefone, sonhando a ventura do teu lar e que naturalmente falava a outros. Nem tu sabias, nem eu sabia, nem o Antônio sabe. É um aspecto das meninas contemporâneas. É o engano. É a mulher. É ingenuamente a ingênua Créssida, que já estava em Homero e está em Shakespeare . . . Perdoa!

Mas os três homens precipitaram-se comovidos. Alexandre emborcara sobre a mesa aos soluços.

— Não é possível! Não é possível!

O animal humano só tem piedade do semelhante quando o vê sofrer a dor horrível de um amor perdido. Talvez nesses três homens houvesse um pouco de satisfação. O dó é sempre a segurança de ser menos infeliz. Os três acalentavam quase o pobre Alexandre, à espera que ele se resignasse. Fora, entretanto, continuava o temporal. E no grande *hall*, sob a luz que aumentava a vastidão desolada do espaço deserto, lancinante e perdido, o soluço de Alexandre chorava diante da verdade.

— Não é possível! Não é possível! Não é possível!

## D. Joaquina

Aquele canto perto dos Telégrafos, às nove de uma noite de inverno... Em frente, os destroços da antiga Ucharia, embocando a Rua Clapp, cheia de prédios grandes, com lanternas. Para baixo, os jardins sucessivos da praça até ao cais, sob o permanente espasmo de um estendal de lâmpadas elétricas – tantas que na poeira azul da luz os transeuntes se destacavam ao longe como vistos por um binóculo de teatro. Varrendo a praça, a sacudir árvores e rodopiar folhas secas, gargolejando pela Rua da Assembléia, um vento álgido corria a sua tragédia sem causa. Era no centro da cidade. Estava ermo. Parecia ao menos ermo. E no abandono silencioso – único e seguido sintoma de vida urbana – de instante a instante os inúmeros carros elétricos rolando como trovões a retinir sons metálicos de aviso...

Como achava prazer naquilo o Augusto Guimarães, tão fino, de tão lúcida inteligência? Havia dias, entretanto, conseguia arrastar-me, também a mim, por esses pontos equívocos de dramaticidade misteriosa.

– Compreenderás tu a minha nevrose? indagara dele. Estou que o sentimento é uma ilusão da civilização. A gente baixa tem apenas instintos. O sentimento da beleza, da bondade, do pudor, da honra – invenções nossas como os perfumes franceses e as modas da Rua da Paz! Vê o doloroso estudo do mundo das mulheres perdidas na alta sociedade. Esse mundo é a esquina por onde passam todos os homens. Nada mais abjetamente artificial. É a antiga *cocotte* que feminiza, desfibra o homem contemporâneo, à força de momicas, de luxos, de pretensões. Na pobre coitada que faz a rua à noite, o drama é a falta de alma, a falta de sentimento. Os homens conservam-se rudes e fortes. Eu desejaria encontrar uma alma nos manequins trágicos que acendem o desejo na forma noturna...

– És romântico.

– Não; sou doído.

Talvez eu também passasse por um período de loucura. O certo é que o acompanhava, sem preconceito, sem vergonha, por curiosidade. A vida normal, aliás, a vida dos ônibus e dos transeuntes, passava sem nos ver. A outra, a das esquinas de má fama, nem dos carros e dos pedestres era vista nem por acaso os via. Augusto estudava. Pobre Augusto! Ficávamos horas a ver repetidas as mesmas cenas de luxúria animal e de sordidez. Os homens, marçanos, solda-

dos, discutindo as moedas. As mulheres, feias, sujas, maquinais. Nem por parte deles nem por parte delas havia o mais leve esboço de carficia — uns retendo o dinheiro, as outras já sem alma senão para sentir o desejo de não morrer de fome.

Naquela noite, aparecera, entretanto, uma criatura de destaque no meio. Era velha. Tinha a face severa na queda das pelancas; curvava como se fosse muito idosa; caminhava com um andar de avó impertinente. E usava pelerine, sombrinha, mantilha de rendas sobre os cabelos grisalhos. Atroz! Se fosse uma pobre ninfomaníaca talvez causasse piedade; se estivesse como as outras a morrer de fome, dar-lhe-ia uma esmola. Mas não. Era hostil e comercial. Os marchanos em camisa e lenço de cor, que se aproximaram e discutiram somas, eram repelidos ou afastavam-se com medo. Alguns nem se chegavam. A velha demorou pouco. Tomou logo um *tramway*.

Chamei a atenção de Augusto.

— Quem é aquela velha? indagou o psicólogo, a uma portuguesa magra e amarela, que passeava em chinelas, com um galho de ardua atrás da orelha.

— Não vês logo que está muito triques pra ser da zona?

— Onde será então?

— É com certeza das sérias que fazem o Rocio. Dá-me a mascote, anda...

Melhor e mais digno é sempre não ter repugnâncias pelas misérias humanas. Nada mais relativo que a ignorância. Demos o que a criatura pedia. E no outro dia era eu a convidar Augusto para vermos as pobres mulheres da Praça Tiradentes.

Realmente. Aquilo que nas esquinas das ruas próximas do cais passa como lepra, tomava no Rocio proporções de pornéia num quartel. Dizem que outros trechos urbanos resistem à civilização normalizadora, mantendo, apesar de tudo, a personalidade. Estávamos num ponto de movimento extraordinário, com a iluminação escandalosa dos teatros; por todos os lados, o turbilhão de conduções correndo, buzinando, rolando entre a multidão densa. E, entretanto, a praça mantinha as suas horrendas tradições. Com o acender dos revéberos e o abrir de chofre dos arcos voltaicos era a aparição das primeiras figuras. Algumas ficavam até pelas duas da madrugada — andando. De preferência ao lado do ministério, à frente da Travessa Leopoldina, as aléias do jardim separadas da rua apenas por um canteiro. Todas se saudavam, contavam pequenas intimidades.

— Boa noite.

— A senhora passou melhor?

— Qual! A constipação não me deixa.

— É do tempo...

Comportavam-se austeramente. Eram todas mais ou menos velhas, mas penteadas, calçadas, de colete, a blusa presa por um cinto, a saia preta. Caminhavam como quem vai a um determinado lugar. Paravam como quem espera o bonde. À aproximação de um indivi-

duo, punham-se em guarda, secas, impondo condições. Quando acediam, seguiam disfarçadamente. O desolador era, além do nivelamento daquele comércio, os mesmos aspectos de insensibilidade e de velhice. Certo, estavam acima das outras em modos e em roupas. Mas impunham mais o nojo pela falta de coração. E eram velhas. Oh! como eram velhas! Havia faces encarquilhadas com tinta; cabelos pretos e dentaduras postiças guarnecendo perfis chupados; dorsos que, apesar do espartilho, abalavam; colos que se cavavam em reentrâncias espaçadas. A tentativa primitiva dos artifícios aumentava a feitura venerável. Nem um olhar ardente, nem uma graça. A velhice patente e desoladora.

A mulher que víramos em frente aos Telégrafos e de novo encontrávamos ali, era de todas a mais atroz — porque antipática. Descobrimo-la de novo num domingo. Nesses dias, o jardim e as calçadas ficam cheios de homens do povo endomingados. Na poeira, entre as árvores, no som das músicas vindas dos estabelecimentos de diversão, na própria irradiação da luz parece vibrar o instinto dos brutos soltos. As mulheres paradas lembram velhas aranhas à espreita. E os homens, de comum simples e tímidos pela ausência de convívio feminino, nesses dias aos bandos criam coragem e transformam a falta de ousadia em grosseria, em brutalidade, no desejo de amesquinhar, de ferir. São trabalhadores braçais, carroceiros, operários de jornal, e d'alma parecem crianças grandes. Dão gargalhadas, lançam dichotes, fazem propostas alvarmente, chegam ao encontrão, ao murro. Só cada um deles teria medo de se aproximar. Juntos criam como que uma coragem vingadora. E há sempre em cada grupo um mais esperto, que diz piadas aplaudidas...

O incorrigível Augusto Guimarães dizia:

— Estamos a ver um aspecto do instinto que os simples transeuntes não verão nunca! As angústias, as cobardias dos brutos diante das mulheres... Dize-me se há aqui Amor, mesmo no sentido grego. Há ódio no apetite!

Nesse momento passávamos pela porta que fica em frente ao ministério. Estava lá a velha. Mas numa atitude trágica. Sobre ela caíra em verdadeira montaria um troço de marçãos encervejados. Choviam chufas. E ela, no cerco esperava firme, o beijo trêmulo, o cabelo grisalho escapando-se da mantilha, a capa já de revés.

— Cachorros! Cachorros!

— Eh, velha... Vem cá...

— Canalhas!

— O' Zé, agüenta a velha aí...

No cruzar das piadas, quando um dos tipos já ia a agarrá-la, a velha teve uma inspiração:

— Espera que eu chamo a polícia...

Foi como um golpe. Ela devia conhecê-los. Não eram rufiões ou soldados que a lembrança da polícia excita. Eram bem simples trabalhadores, com uma gota mais de cerveja pelo domingo de des-

canso. Logo romperam o grupo. À solidariedade de ataque à velha fazia-se desencontrado terror da cadeia. Foram uns para o centro do jardim, disfarçando, desceram outros à calçada, reuniu-se o resto pelas aléias.

A mulher estacou um instante, respirando, consertou os cabelos sujos. E seguiu.

Devo dizer que nem por momentos tive um vislumbre de dó pela criatura repugnante. Não seria eu a defendê-la. Quase ri — enquanto os marçanos a espicaçavam, porque nunca uma criatura me dera impressão tão seca de prostituição hostil. Sim, hostil.

Daf talvez a minha curiosidade, a minha quase obsessão. Espiava-a de longe, policialmente. Ela era mais dura ainda que as companheiras de serviço voluntário. Aparecia regularmente às oito da noite, mercadejava a pelancaria com o ar irritado dos negociantes que nunca prosperaram, e retirava pela madrugada. Todas as noites! Que segredo sórdido ocultava aquela voracidade crapulosa? Que drama esconderia a carcaça fatigada da velha?

Augusto Guimarães ainda mais me interessou, dizendo-me:

— O curioso é que essas velhas são as envergonhadas do vício...

— Como?

— Salvo cinco ou seis, todas as outras têm ocupação, trabalho, família. Andam por aqui para ajudar ocultamente as despesas...

De Augusto Guimarães era natural admitir as mais extravagantes observações. Já me habituara de resto a hipóteses infames sem pestanejar, sem mesmo lhes compreender o alcance. Essa idéia, porém, impressionou-me. Assim, certa noite, quase à uma da madrugada, vinha eu de ceiar num *club* de jogo, quando deparei na calçada deserta com a velha atroz. Aranha de horror, esperaria ainda alguém? De fato. No jardim estava um rapaz que a olhava. Grosseiro. Enfardelado numa roupa que parecia não chegar e era larga demais ao mesmo tempo. Mas dezoito anos ardentes, os olhos grandes, a face corada. Parei atônito. Podia ser neto da velha. Naquela mocidade não havia vestígios de sentimento de beleza ou pelo menos de respeito aos cabelos brancos? E a anciã? Tratá-lo-ia como aos outros ou teria desejo? Ele descia o jardim e ela aproximava-se do extremo que fica em frente à Companhia Telefônica. Mas, ao chegar ali, a velha deu de cara com um velho respeitável — sobrecasaca, chapéu Chile, três embrulhos, guarda-chuva. O velho exclamou:

— Por aqui, a estas horas, D. Joaquina?

— Boa noite, sr. Crescêncio. Venho da casa de D. Fortunata, lá na Rua dos Andradas. Vou tomar o meu bonde...

Não era possível ouvir o que diziam. Falaram baixo. O adolescente parara com a esperança de que fosse curta a palestra. Foi. O velho despediu-se. Ouvi distintamente D. Joaquina dizer:

— Lembranças a D. Mariquinhas e às meninas. Qualquer dia apareço...

E ficou como à espera do elétrico. O velho seguiu sem voltar a cabeça. Então o rapaz, a que a demora dera coragem, aproximou-se, falou, discutiu e eu vi seguirem os dois rumo da Rua Visconde do Rio Branco...

Fiquei num estado de nervos indizível. Ela era realmente uma criatura com relações de família! E corria as praças aos sessenta anos, talvez mais, e mercadejava-se a rapazolas do povo. Horrível pela fealdade, pela miséria da alma, pela hipocrisia, pelo vício – por tudo! Decididamente – na primeira noite que a visse havia de saber quem era!

O dia seguinte era sábado. Havia no S. Pedro récita de uma companhia lírica de segunda ordem. Tínhamos jantado juntos, eu e o Augusto Guimarães. Já, com o enervamento causado pela velha, considerava as psicologias de Augusto simples degeneração pessoal. Estava resolvido a não o acompanhar mais. E a minha ironia fora inclemente durante o jantar. Assim, remontados à nossa classe, de casa, seguimos para o teatro pelo jardim, como transeuntes. Muita gente, vinda nos bondes que passavam do outro lado, cortava pelas alamedas. Era um contínuo passar de famílias, risos, boas de plumas, charpas de gaze, sedas de mantos, perfumes... Íamos a sair em frente ao S. Pedro, quando ouvimos uma voz:

– Doutor Augusto...

Augusto voltou-se e naturalmente estendeu a mão.

– Como estás tu?

Era uma forte mulher morena, de cabelos negros, simpática. Augusto disse:

– Aqui tens a Cidália. Durante cinco anos, lavadeira na minha casa.

– Mas que relações!

– Este patrão!

– Depois deu para costureira do Arsenal e vem à noite para cá... Foi a minha informante inicial.

– Deixe de contar a vida dos outros.

– Também que fim levaste, Cidália?

– Doenças. Esta vida é um inferno.

Eu, nervoso com aquele encontro de Augusto, não os ouvia. Olhava na calçada a estranha velha, que falava com um rapazinho insignificante e bem vestido. A mulher atraía os rapazes! E aquele parecia um desses exploradores baratos tão comuns...

– Lá está a velha! fiz segurando o braço de Augusto.

– É D. Joaquina... interrompeu a Cidália, familiar.

– Conhece-a?

– Foi minha patroa quando eu cosia para o Arsenal.

– Hein?

– Coitada! Para dar vazão às costuras tem três empregadas e trabalha desde as seis da manhã!

– Como?

– É uma senhora muito direita. O marido dela foi negociante. A vida dá muita volta...

– Impossível! Vejo-a por aqui nesta miséria.

– Ela precisa tanto!

– Precisa tanto e não tem vergonha!

– Oh!

– Procura com cabelos brancos rapazes como o que lhe fala agora!

– Aquele é filho, sr. doutor.

– Recuei. Olhei Augusto, que se modificara.

– Sim, é filho, continuou a Cidália. Ela tem dois – aquele e outro mais velho, de bigode. Por causa deles é que faz tudo. Também foi com mimo que os perdeu. Depois da morte do marido, só pensava nos filhos, queria os filhos estudantes, era tudo para os filhos. Os meninos cresceram mal-educados, com más companhias... o senhor sabe como os rapazes se perdem. Ela dava tudo. Era só pedir por boca. Ah! se o senhor visse aquela casa agora! Os rapazes não estudam nada, caíram na pândega. Acordam tarde. É ela quem lhes leva o chocolate à cama, quem os ajuda a vestir. E almoço na mesa, eles logo na rua e ela outra vez na máquina, até de noite. Foi uma vez quando voltava a pé, de levar costuras, sem dinheiro para o bonde, que encontrou aqui um sujeito atrevido. A fome é negra, e gostar de filho é pior que fome. D. Joaquina coitada! viu que podia fazer mais algum dinheiro e voltou envergonhada. E, como o tempo habitua a tudo, agora tem este serão...

– E os filhos sabem?

– Como não? São lá tolos? Só não dizem porque não lhes convém. Cada vez mais vagabundos, mais exploradores. E ela gostando cada vez mais deles. A maior felicidade de D. Joaquina é quando eles atravessam o largo e vêm lhe pedir a bênção. Eles só vêm, os marotos, quando precisam de dinheiro...

Nós olhávamos o grupo. A velha tinha pela primeira vez a face alegre. Abria a bolsa, dava uma cédula ao tipinho. O tipinho esperava apenas por isso, porque logo estendeu a mão. E nós vimos o velho trapo da praça estender também a mão para que o rapaz a beijasse – tão transfigurada que parecia uma duquesa e parecia uma santa...

– Vamos embora, Augusto. Olha que perdemos o primeiro ato.

– Sim, perdemos, tartamudeou o incorrigível romântico.

Senti que desejava correr. Augusto parecia não querer andar. Passava por nós a velha pelancuda, infame, seca. E Cidália falava-lhe. Ainda as ouvimos.

– D. Joaquina! Já sei que está contente.. O seu José veio vê-la...

– Coitado! Rebentou a botina e queria ir ao baile hoje. O meu filho! Cidália, uma pobre mãe não deve poupar sacrifícios, quando Deus lhe deu dois filhos seus amigos...

## A maior paixão

– Como dizia mesmo Catulo?

Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris  
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.\*

Mas que enorme mentira! Catulo então, que era um depravado extremamente sem vergonha! Certo compôs esse epigrama em noite d'esbórnia sem de longe avaliar tais sentimentos.

– Mas se não acredita que se odeia quando se ama, não amou nunca!

– Ora!

– E o ciúme?

– O ciúme é um sentimento que o homem superior causa nos outros.

– Paradoxos de quem nunca amou, de quem nunca sofreu!

– Você está sinistro. Parece um fado português.

– E você está cínico. Nem sei o que me parece.

– Porque não me compreende você. Ao contrário. Sou moral. Ainda agora venho de uma enorme paixão.

– Com esta tranqüilidade?...

– Aparente, filho. A neve que touca os montes, a palidez que manietta os instintos, o gelo que encobre o fogo...

– Brincalhão!

– Estou a falar sério. Sou capaz de contar todo o idílio. Estou mesmo ansioso... Sabes que moro agora num segundo andar? Sim, moro num segundo andar de rua estreita, para ter a ilusão de estar mais perto do céu – nestas coisas de alcançar o céu, contento-me com o segundo andar – e para passar o tempo, dando conta da vida alheia. Naquele segundo andar domino a sociedade em torno: a tabacaria, a família do proprietário, um restaurante, três casas de secos e molhados por atacado e a varejo, uma fábrica de gravatas com as gravateiras muito sensíveis, um quarto de entrevistas do estupidíssimo comendador Eleutério, o *cuté*, o *cuté* do Eleutério, como na rua inteira o diz; um

---

N. do. T.

\* Odeio e amo ao mesmo tempo. Talvez me perguntes por que acontece assim. Não sei, mas sinto que é assim, e sofro com isto.

(Tradução de Rui Capdevile)

Tomei do braço de Augusto.

– Como nos enganamos!

– Nunca, murmurou o psicólogo, nunca nos enganamos! A vida é sempre muito mais atroz do que se imagina...

E entramos no teatro com a boca amarga, a tristeza inútil n'alma para discutir nos intervalos com senhoras e cavalheiros a voz do tenor e a plástica da prima-dona. Seria uma calamidade se todas as coisas fossem imprevistas...

barbeiro de pastinhas que tem muitíssimas namoradas... Enfim domino a rua. De vez em quando, chego até à vidraça e olho. Olho e logo um espetáculo interessante vem ferir a minha retina. Estive até para fazer uma crônica absolutamente curiosa com este título: *A rua vista de cima*. Retive-me a tempo de não cometer essa infâmia. A literatura depois de Homero, de Ésquilo e de Aristófanos não passa de uma grande pelintrice. Tudo cópias, tudo decalques. E eu não sofro daquela moléstia que na *Miséria dos literatos* o fulminante e burguesíssimo Juvenal tão bem gritou:

Nam, si discedas, laqueo tenet ambitiosi  
 Consuetudo mali; tenet insanabile multos  
 Scribendi cacoethes\* ...

Desculpe você estar a citar latim. Saber latim só nos traz uma utilidade: aborrecer horrivelmente os camaradas. Mas acho que não poderia falar com austeridade da miséria literária, sem procurar Juvenal. Juvenal dá um grande tom. Pensam todos logo que se trata de uma calamidade.

– Mas o amor, a paixão?

– Ah! é verdade, a grande paixão minha.

– Sinceramente?

– A maior da minha vida. Imagine que chego uma vez à vidraça, e vejo na sala de um modesto sobradinho, por cima de um armário, uma beleza admirável. Comecei por vê-la de costas. Tinha uma nuca frágil, cor de leite morno, emergindo de um maravilhoso tronco, a sustentar uma pequena cabeça praxiteliana, em que os cabelos eram cor de mel doirado. Via-a de costas, como já disse, e o seu corpo ereto e fino, da linha da nuca à linha dos pés, lembrou-me um vaso antigo. Depois ela voltou-se. Naturalmente. Tinha os seios túmidos, os olhos verdes sob as sobrancelhas negras, e a pequena fronte pura e sem ruga de elefantine nova. Com isso uma boca vermelha, mais que vermelha, de púrpura, onde sorria a frescura de uma dentadura irresistível. Sinto imenso não poder dar a impressão dessa beleza. A literatura tem abusado tanto! Enfim, uma dessas belezas como a de Helena, que, quando desnudou o seio, fez Menelau deixar cair a espada. Ela de resto tinha a seu lado um sujeito comprido, magro, corcovado, de *cavaignac* que lhe beijava as mãos, em mangas de camisa. Era decerto um exemplar dessa lamentável espécie social a que denominam marido.

Deu-se na minha alma o alvoroço. Vou amar aquela mulher! Vou amá-la! E já havia em mim uma grande estima, por ela ser a su-

N. do. T.

\*Pois, se tentas te afastar, logo, logo a mania deste mal cativante segura num laço: o incurável cacoete de escrever prende a muitos.

(*Litteratorum Gestas*, Sátira VII, de Decimus Iunius Iuvenalis (55-135 d.C.)

(Tradução de Rui Capdevile)

bitânea causadora desse alegre estado da ânsia natural. Fiquei colado à vidraça. Vi o homem comprido vestir o casaco, chuchurrar-lhe um beijo, sair com pesar. Vi-a chegar à janela. Cheguei também a minha e tossi, uma tosse de quem chama.

Ela ergueu a cabeça, olhou-me como se me não visse e deixou o balcão, pelo interior da casa. Outra qualquer pessoa iria tomar informações pela vizinhança. Eu preferi imaginar e deixar a revelação ao importante Acaso. Era decerto um casal novo — ele modesto empregado, ela de família pobre. Estavam na lua de mel. Ela devia amá-lo pouco. Quando as mulheres não se agradam do primeiro revelador, procuram a revelação noutra caso, e têm esse ar tremendo de que não pensam em nada. Ele tinha também uma cara de predeterminado. Havia de ser. A linda esposa ficava com duas tentações sempre definitivas para uma mulher jovem e bela: a do luxo e a da carne. Imaginei-me um milionário, vestindo-a de lhama d'oiro, guarnecendo-a de esmeraldas que esmaecessem ao brilho de seus olhos, enastrando-lhe as tranças com fios de topásios e fitas d'oiro, envolvendo-lhe o pescoço com infindáveis fios de pérolas, dessas pérolas que são brancas como a congelação de um raio de lua, que são rosas como um resto de aurora, que são irisadas como os colos dos pombos sagrados. Imaginei-a desprezando a riqueza, quebrando os fios das pedrarias e inteiramente nua, sinfonia de branco, rolando em antigos tapetes de seda da Espanha. Sou tua, só te quero a ti! E eu, o vitimário, correndo a possuí-la num vasto aposento em que os braseiros queimassem excitantes perfumes do Oriente e que a Luxúria guardasse com a cabeça coroada de rosas e a mão presa a largas taças de néctares pesados.

Mas eu era pobre. À tarde estava inteiramente dominado. Voltei a casa para vê-la na saleta estreita receber um raminho de violetas do marido e ser puxada por ele, brutal e tosco. No dia seguinte mando comprar um ramo de crisântemos, espero a saída do feio corcovado e quando ela veio à janela vê-lo partir, tossi de novo, deixei sobre o balcão o enorme ramo, e saf.

Ela olhou, viu o ramo. Pareceu como assustada. E não fechou a sua vidraça. Então eu fiquei cheio de esperança e insisti nas flores. No dia seguinte foram junquinhos. No outro, rosas rubras. No outro, margaridas brancas. No outro, cravos. No domingo, violetas e angélicas. Na segunda, amores-perfeitos. Passei um mês assim. Devo dizer que quinze dias depois eu sentia ao tossir, que ela imperceptivelmente sorria com curiosidade de saber qual a flor do *ex-voto* do dia. A minha saleta estava tão impregnada de perfumes, que eu me sentia já com a alma túmida e melancólica das flores, essas pequenas almas tristes que sentem tanto deixar as corolas murchas. E sonhava-a d'olhos abertos, nua, tendo na carne mil frescas fragrâncias e a maciez de todas aquelas pétalas, entregar-me a boca de rosa, colar-se a mim, desmaiar de gozo, trincando o meu lábio — grata, minha... Ai! que amor o meu, que grande amor!

Ela, de resto, a pouco e pouco vinha trazendo para a saleta da frente os afazeres em que passava o dia. Cosia, tricotava, lia sempre na sala. De vez em quando os seus olhos subiam até à minha sacada, e eu compreendia que naquelas alturas a escada de Jacó descia para o paraíso. Uma vez vi chegar um piano. O pobre marido, com aquela cara de predestinado, alugara um piano.

Ela ficou muito alegre e tocou qualquer coisa. Depois cantou baixinho. Mas a sua voz subia... Então eu aluguei também um piano, que fiz entrar quase de madrugada, comprei várias músicas de amor e fui convidar o Aurélio Serpa, aquele efeminado tenor, para vir à minha casa. O Aurélio veio, eu abri as vidraças e tanto o louvei que ele cantou, a princípio em francês, depois em italiano. Mas o meu empenho era fazê-lo cantar às dez da manhã, em português. Tive idéias mirabolantes de graça, desenvolvi-lhe planos de lucros, pedi-lhe retratos para publicar num jornal amigo, adiantei-lhe uma certa quantia, e afinal fi-lo jurar que no outro dia estaria em casa às nove horas. Quando o Aurélio chegou quase o beijei. Mas seguia os movimentos do infeliz marido – sim, infeliz porque não poderia compreender aquela criatura – e ao mesmo tempo preparava o Aurélio. Sabes o *Madrigal* do Nepomuceno? – De cor – Então senta-te af e canta-o quando eu te disser. Colei-me à vidraça. O esposo deu o beijo clássico, saiu: ela assomou à janela. Eu então coloquei uma enorme corbelha de cravos e jacintos; tossi; ela olhou sorrindo; eu saudei-a; ela ainda sorriu; eu entrei; e, logo ardente de paixão, o *Madrigal* desabrochou.

Devo dizer que essas coisas se passavam numa estreita rua comercial, às dez da manhã; mas era tal o fogo da imaginação, era tal a arte de encenação romântica, que o efeito devia ser decisivo. Foi até em mim. Eu ouvia a divina música, de lábio seco, espiando a linda mulher – que, alvoroçada, trêmula, recuara da janela, voltara-se e ouvia o canto como uma dama loira, à confissão súbita de um pajem. Ah! Evidentemente eu devia fazer-lhe muito mais efeito que o marido! Como esse cidadão lhe pareceria vulgar...

Mas era preciso ainda ser louco. Levei a noite a escrever uma carta que fosse tecida de chama, que fosse irresistível, escolhendo termos, ligando frases que tivessem envoltórias de abraços, pressões de beijos, violências vibráteis; e no dia seguinte, não tossi, não pus ramo. Meti-lhe a carta dentro e joguei-o na sala da criatura esplêndida. Depois saí imediatamente, tossi da rua e fui passear. Quando cheguei à noite, espiei. As janelas estavam abertas, e na saleta estava ela, estava o marido e estava o ramo. Para que estivesse o ramo, era preciso que ela tivesse mentido, para que ela mentisse, necessário fora que ligasse uma certa importância ao meu *ex-voto*, para que o conservasse era fatal que amava menos o marido. Talvez mesmo nunca o tivesse amado. Com certeza. Tinham bastado quatro meses para que assim, com a celeste imperturbabilidade das mulhe-

res, ela me fizesse o dom infinito de mostrar que me preferia ao esposo.

Eu imaginava a fatal loucura, a definitiva loucura de subir-lhe às escadas e cair-lhe aos pés, beijando-os, quando no dia seguinte, indo pela Avenida, vi que na minha frente caminhava uma extraordinária criatura, vestida com simplicidade e só. Era ela. Era ela! O meu coração bateu, ficou pequeno. Já imaginava a gula devoradora da minha boca por aquela nuca, e o cheiro, o cheiro capitoso daqueles cabelos cor de mel. E imaginava também, ao mesmo tempo, seriamente, que decerto ela não querendo voltar para o marido, e eu desejando-a só para mim, a nossa existência mudaria de súbito, eu a perder em poesia, ela a criar em mim suspeitas.

E já, ao mesmo tempo, via as duas existências numa só, confundindo-se sem querer... Era um pandemônio em que se entrelaçavam amor, lirismo, vaidade, desejo, quase medo, vontade, falta de vontade, temor, dúvida... Como sofri em imaginação, caminhando para ela, caminhando para dizer-lhe: — não posso mais, sê minha!

Mas, antes de alcançá-la, vi que ela, ao chegar a uma esquina, procurava não ser notada. Então, logo, com um grande alívio, resolvi segui-la. Como ela ria no futuro, quando eu lhe contasse o meu amor tão grande que até a seguia dias inteiros, sempre que ela saía... As mulheres gostam dos homens tímidos a princípio.

Ela, entretanto, dobrara a esquina. Esperei um pouco e dobrei também. Ela, apressando o passo, meteu-se por um beco. Espiei da esquina, um pouco admirado. Quando a vi que dobrava para outra rua, quase corri pelo beco. Era no dédalo da velha cidade comercial, onde há verdadeiros retiros de calma. Ainda a chamei. Ela entrava por outro beco, que ao todo tem dez casas, uma das quais é um lugar de vício, um reles alcouce. Quando cheguei ao beco, não a vi mais. Fui à outra rua. Nem sombra. Entrara ali então? Na tal casa? A minha perplexidade não durou muito. Dei com os olhos num moço de fretes. Ria tão cinicamente, olhando para mim e para o prédio, que até me dispensei de interrogá-lo...

Então, veio-me uma grande calma — como a um homem a que dispensam de subir um alto monte, cujo fim ninguém sabe; veio-me o sossego, a doçura alegre de convalescente que reencontra a vida. E ao mesmo tempo uma enorme, uma infinita gratidão por ela. Sabia-lhe da vida, sem nunca lhe ter falado. Podia perdê-la. Como era frágil! E sem nunca lhe ter dito uma palavra, sem lhe saber o nome, atrafra-a, roubara-a, não só ao marido, mas ao outro ou aos outros. Talvez não amasse nenhum deles. Com certeza. E, se amasse, agora eu existia sempre de fato entre ela e qualquer — porque alma sensível em corpo esplêndido ela aspirava inteligentemente ao delicado.

Dormi uma noite extremamente calma. Quando acordei pela manhã lembrei-me da paixão, como uma coisa que vamos iniciar. Pobrezita! Como eu a amava, cheio de gratidão. Agora era ou subir ou ir à tal casa. Não! Ir à tal casa seria envergonhá-la. O melhor era

continuar. Arranjei um ramo, com alguns restos de ramos anteriores, pousei-o na sacada e saf...

- Mas que magnífica tarde está hoje, hein?

- Estas tardes de outono são melancólicas.

- Acho-as alegres. Virgílio chama ao outono primavera mádi-da.

- É belo.

- Assim como o choro da natureza que vai entrar na morte.

Mas a natureza renasce. Se tomássemos um aperitivo?

- Tomemos. Mas não seja mau, conte o resto.

- O resto de quê?

- Da sua paixão.

- Mas não tem resto nenhum.

- Como assim?

- Ah! é verdade. Dois dias após, não tendo ainda tomado uma resolução, cheguei à janela e vi o sobradinho com escritos.

Tinham mudado. Abstive-me de perguntar para onde. Nunca mais a vi.

- E chama a isso paixão?

- A minha maior paixão! Tudo na vida é imaginação que aplicamos aos poucos ao trivial. Eu tivera espiritualmente uma absoluta conquista, eu imaginara tudo quanto o amor pode dar; graças àquela mulher os meus nervos vibraram várias semanas, o meu cérebro criou uma ação belamente realizada, o meu coração tremeu no vórtice da realidade com medo ao fim feio da vida e salvou-se ainda graças a ela. Foi a mais perfeita paixão da minha vida.

- Artificial! E se a torna a encontrar?

- Se a torno a encontrar?...

- Vai fazer o mesmo?

- Ah! não, isso não; farei o que todos fazem. Mas então já não é paixão,

- É então?

- Trivialismo, excelente amigo, o horrível trivialismo que retém a humanidade e faz a lamentável equação social: toda a gente, igual a toda gente. Oh! foi decerto a minha mais funda paixão . . .

## A menina amarela

Havia oito dias, Pedro de Alencar, aquele rapaz tão distinto e com uma posição invejável, ia seguidamente à casa de Flora Berta. Toda a roda estava admirada. Pedro — criatura feita de aristocracias inatas, cultor de elegâncias, encafuado num conventinho da Cidade Nova, entre mulheres de má vida, apaixonado pela Flora Berta, gordinha e vulgar nos seus vinte anos! Parecia impossível! Era decerto um novo vício, mais uma esquisitice moral.

Depois, Flora, curioso ser de instinto, tinha um amante, sujeito forte e carnudo, em casa a noite e o dia; e mais uma tropa de amigos íntimos que se aproveitavam dos esquecimentos da proprietária, para almoçar, jantar, dormir, e, sempre que havia ocasião, amar. Não! Era impossível. Entretanto, Pedro de Alencar estava cada vez mais preso, e ao encontrar um dos seus mais acirrados amigos, deu a solução do enigma daquela atração.

— É esplêndido, filho, de inconsciência moral! Não imaginas a atmosfera permanente de animalidade vestida. Há meia dúzia de mulheres que só pensam nos homens, uma caterva de homens a galopar pelos corredores. E tudo, até os móveis parecem gritar a falta de vergonha. Com um mês de estadia naquela casa, fica-se a perguntar onde está o pudor. Realmente, existe o pudor? Existiu mesmo? Estou de observação, meio alegre e meio triste.

A casa em que Pedro de Alencar estava de observação tinha no quarto da frente Flora Berta, com uma cama quebrada, um sofá servindo de *toilette* e as fotografias e os cartões-postais dos seus apaixonados, pregados à taxa pelas paredes. As paredes estavam cobertas dessa ilustração amorosa e edificante. No quarto pegado, morava a Rosinha da Gruma, uma pobre mulher de boca mole e dentadura postiça, que se fizera especialista em amar meninos. Tinha talvez trinta permanentes, dos treze aos deztoitos anos, que lhe levavam os magros vinténs, ardendo de devotamento e choravam quando se viam preferidos pelo mais velho, bela envergadura de atleta, cujo primeiro e único carinho fora a aplicação de uma sova tremenda. Na alcova pegada, morava um tipozinho franzino e pintado, a Formiga, apaixonada por um adolescente belo como o Perseu de Benevenuto, e no quarto da sala de jantar, rebaixada por falta de pagamento, Nina Banez, ex-cantora de café-concerto, subitamente empolada pelas caretas de um cômico jovem, chamado Andrade. Ainda para os fundos

moravam a velha mãe de Flora, com um tipo valentão, que lhe batia diariamente, o irmão de Flora, ser ambíguo e serpentino, e a criada — uma criada baiana, sempre envolta num xale e fumando certo cachimbo tão comprido, que parecia mais um *narguilé*.

Esse pessoal fazia ponto de reunião na estreita casa de jantar, onde, além da mesa, de um guarda-comida e da bilha de barro, havia uma lousa negra, em que se expunham os nomes das pessoas devedoras. Para passar aos quartos, passava-se por ali. Quartos havia que exigiam mesmo a passagem por outro. De modo que de repente, na conversa animada, havia um silêncio. Era alguém que entrava.

— D. Rosinha está?

Se era conhecido, o silêncio transformava-se em alarido.

— Ora, entra, deixa de partes!

Se era cousa nova, ou havia complicações, uma companheira dizia sempre:

— Vou ver.

Ia apenas prevenir. O que estava, saía por outra porta a vir tomar cerveja, e a Rosinha aparecia calma e sorridente:

— Só agora, seu mau! Estou à espera há tanto tempo! . . .

As damas estavam sempre em roupão, ou em camisa, os homens à frescata. À noite, assim por volta de uma hora da manhã, quando voltavam do teatro e dos cafés, organizavam-se ceias súbitas. Cada rapaz ia comprar uma cousa. Alguns, quando não tinham dinheiro nem para isso, vestiam as camisas das damas e ordenavam os outros com ares dominadores.

Pedro de Alencar assistia às cenas desenfreadas com um excelente bom humor. A princípio Flora Berta fazia sair o rapaz vigoroso por um dos quartos, para não se encontrarem. Pedro deu com o rapaz um dia à porta . . .

— O sr. Francisco?

— Às suas ordens.

— Subamos juntos.

— Parece-me . . .

— Nada mais interessante.

O sr. Francisco subiu. Foi um acontecimento. Entre Francisco e Pedro, Flora Berta irradiava de orgulho e de prazer. Francisco era a sua satisfação física. Pedro o seu apetite de efeito. O segundo era mostrado como se mostra um colar de preço; o outro era invejado como um jantar sempre quente. E, verdadeiramente repartida, pendida para Pedro, com as mãos para Francisco, parecia felicíssima. De resto, em baixo, o automóvel de Pedro carbunculava na treva, e ela não resistia em ir correr a imensa Avenida do Mangue, um manto apenas sobre as espaldas nuas como Frinéia, só com o seu homem de luxo . . .

As conversas gerais nunca eram de uma inteira cordialidade. De susceptibilidade grande, essas damas zangavam-se por qualquer coisa, umas com as outras. Um vocabulário assustador surgia, portas

batiam, gritos, ameaças de conflito. De vez em quando o ardente sustentador da mãe da dona da casa aparecia alcoolizado, com um punhal formidável, querendo matar toda a gente. As mulheres atiravam-se às janelas, pedindo socorro, e como a delegacia era próxima, minutos depois, soldados de espadagão trepavam escada acima, prestes a prender todos os presentes. Como, porém, o delegado tinha uma especial amizade a Flora Berta, tudo continuava na mesma. E ela vociferava indignada:

— Canalhas! Se não fosse eu, estava tudo preso!

Mas o agradável eram as tardes e as noites passadas na sua alcova paupérrima. Berta fechava-se por dentro, farta daquela vida, querendo uma casinha com palmeiras e canários. De um lado Francisco, sempre enleado, sorria; de outro, Pedro, muito alegre, fazia-lhe perguntas, e ela, deitada, ria a morrer e contava coisas, como desde criança imaginara ser raptada, a fuga aos quatorze anos com o marido, um barbeiro, aliás, meio tolo, o abandono da casa por causa dos ciúmes da mamã, a quem sustentava.

— Afinal, sempre é mãe, não achas?

Depois tinha ternuras de voz:

— Na minha vida, até agora não tinha gostado de ninguém.

— E agora?

— Agora gosto de vocês dois.

E piscava os olhos para o Francisco, se Pedro estava voltado, tendo o cuidado de significar por um sinal qualquer a Pedro a sua preferência. O sr. Francisco talvez acreditasse. Pedro divertia-se, amando, afinal, como devia amar essa criaturinha, ingênua, apesar de perdidíssima naquele ambiente de crápula. Era dos que se contentam com o que as mulheres dão, achando-as sempre generosas, por piores que elas sejam. E isso dava-lhe em pouco tempo uma enorme vantagem sobre todos os outros.

— Duvido! bradava ele!

— Juro!

— E estes retratos todos?

Ela então contava a história e as particularidades de cada um daqueles cavalheiros, ia buscar as cartas para lerem alto, rindo. Um dia, Pedro propôs o degolamento geral do exército de fotografias.

— Apoiado! fez com uma alegria terrível o sr. Francisco.

— Não! não! clamava Flora Berta, louca de riso com a idéia do julgamento e da morte dos retratos.

Horas depois as paredes estavam nuas e Pedro sentia aquele misto de contentamento e de tristeza que tem todo o homem moderno, quando irremediavelmente o mundo lhe mostra o vácuo dos sentimentos. Era inacreditável! Não sentiam aqueles seres, não pensavam, não tinham um toque que os diferenciasse dos animais, e pareciam felizes e viviam. Talvez fosse melhor não sentir, porque o pudor é a diferenciação do homem, e aqueles sem pudor viviam radiantes. Nenhum deles teria ao menos um laivo de decoro d'alma?

Talvez tivesse, mas tão apagado, tão liquefeito, e com certeza tão extemporâneo! Os homens pareciam ir ali despir a vergonha para estar à vontade; as mulheres nascidas naquele meio desde crianças, ainda impúberes e já com o conhecimento completo das mais tremendas luxúrias, prestando-se a todas as ignomínias, ignoravam mesmo o que fosse o pudor. E a sua dignidade — porque elas tinham dignidade — era ter muitos amantes e não se zangar quando as outras lhes tomavam alguns.

— Meus restos, criatura . . .

O ceticismo romântico de Pedro tornava-se de uma análise penetrante, fazia-o um avaliador de algumas, pelas frases inconscientes daquela gente que ele tivera a ilusão de julgar um pouco melhor que a roda da diversão e prazer caro. Pois era pior. Pior porque não era imoral. Nem isso. Pior porque era a alma nua espojando-se e mostrando as mazelas. Aquelas mulheres tinham sido virgens, talvez tivessem ignorado a vida. Nenhuma delas, porém, mostrava, na abundante tagarelice, um sentimento perfumado, uma vaga emoção dignificadora — tropa meio bamba de bacantes permanentes, com instintos selvagens. E, entretanto, Pedro não desanimava. Fazer-se amar pela Flora Berta? Pobrezita! Não. Ver uma daquelas mulheres mostrar subitamente qualquer coisa de nobre? Não. Pedro esperava o terrível, o imprevisível, lugubramente horrível que há sempre a pairar nos transbordamentos banais da luxúria. E naquela casa aberta a toda a gente, onde se praticava a vida animal sem mistérios, sem recato, na sarabanda das ceias, nas mais desenfreadas orgias, em diálogos com a velha mãe de Flora, diariamente espancada, forçando a intimidade com o amoroso Francisco, a cada instante parecia-lhe sentir que impalpavelmente a revelação imprevista ia surgir.

Uma vez, Pedro estava só com a Flora, quando bateram à porta:

— É o Francisco.

— Não, ele bate de outro modo. Decerto alguém que vai passar para o quarto da Rosinha.

Deu a volta à chave, abriu. Diante deles estava, com a sua saia suja, o casaco em tiras, o cabelo de estopa por pentear, uma pobre menina.

Era horrível.

Pequena, miúda, magra, o pescoço fino, tremia com se viesse da neve. E parecia que lhe tinham dado por dentro da pele um violento banho de enxofre. Tinha jalde a face, a pele das mãos era amarela, os lábios, sem sangue, laivavam-se de amarelo, e nas olheiras cor de pérfeta a esclerótica era cor de gema d'ovo. Lembrava um espectro de pesadelo, um ser irreal, onde só os seios duros e eretos davam impressão de vida impetuosa.

Quando viu Pedro, agarrou-se à porta, a face contraída, tremendo.

– Que queres? Indagou colérica Flora.  
 – Foi a senhora sua mãe que mandou. Pensava estar só, balbuciou a petiza.

– Não disse já que não aparecesse aqui?  
 – Foi sem vontade. Desculpe. Eu não gosto, não, de aparecer. E foi recuando, pávida. Berta fechou a porta.  
 – Que bicho é esse?  
 – Uma rapariguita, que está af de favor. Ajuda lá na cozinha.  
 – Não a tinha visto ainda.  
 – Tem medo, é uma tola. Imagina tu que tem medo aos homens! Por isso não aparece.

– Mau lugar escolheu ela.  
 Mas de novo arranhavam à porta. E de fora uma voz lívida, voz de medo, de angústia, de pavor, de choro, quase soluçante, dizia:

– Sou eu ainda minha senhora. Sua mãe manda buscar a bacia . . .

Prevedendo uma violência da encantadora Flora e mais do que tudo cheio de curiosidade, Pedro ergueu-se rápido e tornou a abrir a porta.

– Vá, entre.

A pequena hesitou como se fosse atirar-se a um abismo, fechou os olhos, arregalou-os muito, esticou as mãos amarelas, andou um pouco. Tinha os pés nus e sujos e andando, andava como um doente aterrado. Agarrou a bacia, sobraçou-a. Era atroz, assustadoramente atroz.

– Vem cá. Como se chama você?

– Fala, menina, não tremas. Este senhor não te faz mal. É isso. Vê homem, começa a tremer! O'Maria, como te chamas? Conta como foi, rapariga, vem cá . . .

A pequena amarela olhou-os um instante mais, convulsionou-se num soluço que lhe esbugalhava o olhar e deitou a correr pelo corredor. Houve um silêncio, logo interrompido pelo riso de Flora Berta.

– Está há muito tempo contigo?

– Três meses. Foi o pai que a colocou aqui. Tem doze anos e já com aqueles seios . . .

– Mas está doente, filha. Nunca vi na minha vida uma criatura tão amarela.

Flora voltou-se no leito. Estava linda com a sua carne de leite rosa.

– Não. Aquilo foi de repente. Há quatro meses um carroceiro, amigo do pai, agarrou-a de noite, à força. No outro dia foram encontrá-la assim, a soluçar, não podendo olhar os homens sem tremer, sem fugir. Nem mesmo o pai. É amarela, toda amarela, filho. O médico disse que foi de horror . . .

No dia seguinte os hóspedes alegres da casa de Flora Berta verificaram com mágoa que Pedro de Aiencar, aquele rapaz tão distinto e com uma posição invejável, deixava de aparecer.

## A amante ideal

Esses cavalheiros haviam mostrado um certo apetite. Era, após o jantar, na residência de Ernesto Pereira, assaz feliz para ter, antes dos quarenta anos, um palacete discreto e muito mais de mil contos.

Com tão confortável fortuna, Ernesto estava quase branco, não bebia senão águas minerais e mantinha as mulheres como simples companheiras para distrair. Após um negócio — ceia com elas e *champagne* bebido pelos outros. Enriquecer quando não custa a vida e uma fortuna, custa, pelo menos, o melhor bem humano, porque transitório: — a mocidade. Ernesto aliás tratava o doloroso e delicado assunto com cinismo amável. — Que querem vocês? Aos vinte anos, afastei as mulheres para conquistar a Fortuna. A Fortuna vingou-se desabitando-me do amor...

Mas era gentil, muito gentil, como diziam essas damas. Fazia as despesas de uma italiana, montara casa a uma espanhola, comia com as figuras mais impressionantes do armorial da galanteria, e protegia, às ocultas, algumas costureiras e modistas. O desprezo, ou antes, a integral indiferença de Ernesto pelas mulheres, só poderia ser notada porque esse homem jamais tinha uma história de mulher a contar. Quando narrava um fato era dos outros e referia-o sempre com o riso ingênuo da completa incompreensão. Parecia contar pihérias de bonecos. Os amigos julgavam-no feliz. Era-o. O homem feliz é aquele que não conhece o amor.

Nesse momento, porém, acesos os charutos no terraço sobre o mar a roda se fazia de homens, como são a maioria dos homens, tendo a vida com dous fins: dinheiro e mulher. Estavam Otaviano Rodrigues, que se arruinara por uma princesa austríaca, e André Figueiredo, com quem a princesa enganava Otaviano, mas que por sua vez tinha várias paixões, menos a princesa. Estava Clodomiro Viegas, que nunca pagara o amor e andava sempre a arranjar dinheiro para ser gentil com as generosas criaturas. Estava o comendador Andrade, que em trinta anos de francesas ainda não aprendera a falar francês. Estava Teodoro Gomes, o bolsista que enriquecia a bailarina russa de uma companhia italiana, em companhia de Godofredo de Alencar, o único literato com dinheiro.

E também palestrava Júlio Bento, lindo e excelente rapaz de trinta e cinco anos, casado, pai de cinco filhos, mas cuja lista de conquistas não deixava de ser profusa.

A conversa, precisamente, generalizara-se a propósito da última paixão de Júlio, senhora alta, com enorme boca vermelha e dois braços de tragédia, admiráveis e brancos, “as duas velas de seda da trirreme do amor”, como dizia, com exagero, Godofredo de Alencar. Essa mulher agoniava Júlio Bento. Eram cartas, telegramas, chamadas ao telefone, imprevistas aparições, cenas de ciúme, ataques, tentativas de suicídio, recriminações, inquéritos minuciosos.

– Um inferno, meus caros! E eu tenho receio que minha esposa venha a saber.

– Mas deixa-a. Nada mais simples! insinuou Ernesto com o seu ingênuo e feliz desconhecimento do complicado desespero das ligações amorosas.

– É bom dizer. Ela mata-se...

– Ora!

– E para que deixar esta, se são todas assim? indagou ironicamente Alencar. Amar é sofrer, mas ser amado é o cataclismo. Não se pode fazer mais nada. Elas caem sobre a gente como os andaimes. Um gnóstico dizia que é preciso passar pela mulher como pelo fogo. Nós imbecilmente ficamos a assar. Ao demais o Elifas Levi já teve uma frase lapidar: “– Queres possuir? Não ames! Nós, sem inteligência, em vez de possuir, somos possuídos. A inteligência é um perigo no amor.”

– Paradoxal!

– Conforme. Qual de nós não almeja, não sonha com o tipo da amante ideal? Qual de nós, porém, não sofreria se amasse o tipo da amante ideal?

– A questão é saber qual a amante ideal, após três meses...

– A amante ideal! suspirou Júlio Bento.

– É a esposa, sentenciou o velho solteirão Andrade.

– A esposa, meu caro amigo, desde a Grécia é a mãe dos nossos filhos. Não a sobrecarreguemos... Moisés, segundo a lenda, forjou o anel do Amor. E tais foram as complicações, que logo teve de forjar com pressa um outro: o anel do Esquecimento. Nenhum dos dois é a aliança matrimonial...

Júlio Bento ficara pensativo. E de repente:

– Como o Alencar fala a verdade. Eu já tive a amante ideal.

Houve na roda um alegre sobressalto.

– Tu?

– Como era ela?

– E deixaste-a fugir?

Júlio Bento, sem tristeza, suspirou.

– Sim. Apenas só depois é que soube... e até agora, francamente, não compreendo, não atino, não sinto bem... Que aventura! Imaginem vocês...

Acendeu outro charuto, e impaciente, continuou:

– Há uns cinco anos encontrei no teatro uma encantadora mulher. Pálida, da cor dos jasmims, dois olhos verdes, pestanudos, uma

longa cabeleira de ébano, alta, magra. Estava no camarote pegado ao meu, só, vestida de preto. Olhou-me duas vezes. Da segunda havia muitas intenções. Fiquei desejoso de a conhecer, de falar-lhe. Mas, evidentemente, não era uma qualquer mulher. Saiu em meio de um ato e eu fiquei com a família, não sei por que, raivoso. Quatro dias depois ia pela Rua do Ouvidor, quando a vi que vinha a sorrir. Tinha uma linda boca. Cumprimentei-a. Continuou a andar. Segui-a. Voltou-se uma só vez e logo meteu-se pela Rua Gonçalves Dias. Continuei a acompanhá-la. Ela ia pelo meandro de ruas estreitas e comerciais. Enfim, num beco deserto, entrou por uma porta. Quando passei pela porta, ela estava no corredor. Timidamente disse-lhe:

– Desculpe se a acompanhei...

– Entre, fez ela com a voz calma. Não podíamos falar em ruas de movimento. Não seria conveniente nem para mim nem para você. Fez uma pausa, murmurou: Simpatizei muito com a sua pessoa.

– E eu, então!

Ela riu:

– Sempre que as mulheres querem, os homens simpatizam ao menos uma vez.

Agarrei-a, ela ofereceu-me a boca, que cheirava a rosa, e gulosamente mordeu-me. Depois desprendendo-se:

– Agora vá embora!

– Mas isso não pode ficar assim. Onde a posso encontrar?

– Na minha casa é impossível neste momento...

– Como se chama?

– Adelina. Até outro dia...

– Há outras casas. Por aqui mesmo...

– Hoje não.

– Por quê?

– Ninguém tem mais vontade do que eu... Amanhã, se quiser. Serve-lhe às 2 horas da tarde, num automóvel defronte do terraço do Passeio Público?

Concordei. No dia seguinte rolávamos, às 2 da tarde, para a Quinta da Boa Vista e essa mulher era de um ardor, de uma paixão alucinante. Apenas não saiu do automóvel e no automóvel estivemos até às 6 horas. Ao deixá-la, Adelina disse-me apenas:

– Moro numa pensão da Rua da Piedade. Quando quiser, escreva-me.

– E não posso lá ir?

– Se quiser – durante o dia.

A minha curiosidade conseguiu saber aquilo que ela não dizia, mas de que não fazia mistério. Chamava-se Adelina Roxo. Era casada, separada do marido. Vivia mantida por um velho diretor de banco, que lhe dava larga vida. O seu modo era tão esquisito, tão diverso das outras mulheres quando desejam, que me absteve de a procurar oito dias. Quando as mulheres são sinceras, os homens são *cocottes*. O *chiquet* é a essência do amor. Apenas verifiquei a inutili-

dade do processo e apertou-me o desejo. Queria aquela volúpia e queria também conhecer a mulher. Escrevi, pela manhã, uma carta sem assinatura, e lá fui. Recebeu-me deliciosamente. Tinha três salas admiráveis. O gabinete de vestir era mobilado de sândalo com incrustações de marfim. Os tapetes altos de seda turca contavam em azul sobre fundo rosa suratas do Corão. Um cheiro de rosas errava no ar, e ela despindo um *charichaf* de seda pesada apareceu-me através de um tecido de Brussa com a pulcra delicadeza de um lírio à sombra. Amei-a furiosamente. Ela era das que, entregando-se, infiltram nos mortais ainda mais desejo. E se eu a amei, ela teve todas as etapas do delfrio desde o frenesi ao desmaio. Ao sair esperei alguma frase, um pedido, uma súplica. Nada. Não me demorou, beijou-me com a alma. E não disse uma palavra.

Era diversa, integralmente diversa das outras. Certo gostava de mim, gostava com um calor que eu não sentira em nenhum outro corpo. Mas todas as mulheres querem saber coisas, perguntam onde vamos, indagam se as amamos muito, se será para sempre, e não deixam de reter mais alguns momentos a criatura... Ela não teve um só gesto nem uma das frases banais, mas que estamos acostumados a ouvir.

Claro que voltei. Conversávamos. Ela, sem pedantismos, sabia muito mais do que eu. Viajara a Europa inteira, falava várias línguas, conhecia os poetas de diversos países, que lia em encadernações de antlope com fechos de ouro lavrado. Mas, rindo com infinita alegria, prendendo com a sua clara voz, o seu olhar de brasa verde, o seu corpo de jasmim, jamais perguntou pela minha vida. E também não me disse uma palavra a respeito da sua, e também não me pediu nada. Sabem vocês como as mulheres gostam de contar a própria vida aos amantes. É um duplo exercício de mentira e de tortura. Sabem vocês, como ao cabo de uma semana não se pode dar um passo sem ter a senhora apaixonada a perguntar-nos os detalhes mínimos do dia. Ela abstinha-se desses atos, naturalmente. E, talvez por isso, se o meu desejo aumentava, a minha desconfiança irritada crescia. Nem o meu nome ela perguntara – nome que, de resto, devia saber. Tratava-me de “Meu pequeno”, meu “guru”. Um dia disse-lhe:

– Não sabes o meu nome?

– Não.

– Mas eu assino as cartas...

– Ah! sim, as cartas... Mas não quero o teu nome, quero-te a ti.

Que me importa que te chames João, Antônio ou mesmo Júlio?...

– O tratamento de “guru”, entretanto...

Ela deu uma grande risada.

– Ah! essa palavra é de um grande poema de amor, o *Ramayana*. É uma palavra de carinho, de afeição que não tem tradução. Achei-a simpática. Só a ti no mundo eu chamo assim. Porque só a ti no mundo eu amo, meu pequeno...

– Enfim, um homem casado transformado em “guru”...

Eu dizia para forçá-la a perguntar-me cousas. Foi em vão. Em virtude de tanta liberdade, como sou humano entre os lamentáveis humanos, aproveitei-a para traf-la. Traf-la? Pode-se trair uma mulher que não nos toma contas? Tive várias intrigas amorosas, que me deram enormes incômodos e fizeram-me enormes despesas. Todas essas mulheres amavam-me como loucas e eu as deixei sem que elas mudassem. Alguns negócios forçaram-me a ausentar da cidade.

— É uma aventura morta! dizia a mim mesmo para convencer-me.

E ao chegar das viagens, lá ia entre desejoso daquele amor impossível de pôr em dúvida e um vago mal-estar, uma inquietação. Afinal, teria ou não interesse por mim? Tinha, era evidente que tinha. Mas não era bem esse alheamento da vida comum. Talvez forçasse a indiferença para não contar os mistérios da sua existência. Mas, respondia sempre com franqueza a tudo quanto lhe perguntava! Talvez tivesse outro amante. Inquiri, observei. Não. Além do velho banqueiro, só a mim...

Os nossos encontros faziam-se intermitentes. Semanas havia que estávamos juntos todos os dias. Depois passávamos semanas sem nos vermos. Era natural que essa mulher, diante de uma ausência prolongada, procurasse falar-me, escrevesse, passasse um telegrama ao menos. Pois nada. E recebia-me com a mesma ternura, o mesmo sincero amor, sem uma pergunta. Às vezes resolvia não a procurar mais. Encontrava-a, porém, na rua, e a irradiação do desejo era tão forte, que tivesse eu o mais urgente negócio, largava tudo para segui-la. Ela também ficava trêmula, com as mãos frias. Tomávamos o primeiro automóvel e era um verdadeiro frenesi.

Diante da sua absoluta discrição, era forçado a ser discreto. Nunca trocamos uma palavra a propósito do velho diretor do banco. E a necessidade de contar a minha vida se fazia nula com o acanhamento que me produzia o seu ar de não querer saber. Uma vez gabei-lhe os olhos. Eram macios e ardentes.

— Herança, meu pequeno.

— Como?

— Eu sou descendente de armênios. Minha avó devia tapar os olhos. Eles ficaram com mais luz e mais doçura. São olhos de serranho...

— Curioso. Por que não me contas a tua vida?

— Porque não vale a pena.

— Mas não perguntas pela minha?

— Para não te aborrecer. Eu sou a tua escrava. Dei-te o meu desejo e o meu coração. Não tenho o direito de perguntar. Estamos assim tão bem...

Ela falava com tanta brandura, as suas mãos de jasmim pousavam tão docemente sobre os meus olhos, que senti uma infinita pena de mim mesmo, e calei-me... Sim, de fato, para que falar, para que mentir, quando não mentíamos ao nosso desejo? Vivemos assim lar-

go tempo. Se não ia à sua casa e a via na rua – era fatal, sossobrávamos na volúpia. Às vezes o desejo era tão forte e imediato, que ela entrava em qualquer porta e ali mesmo as nossas bocas se ligavam vorazes – antes de seguirmos para a luxúria ardente dos seus aposentos.

Possuía-me e entregava-se como jamais pensara que fosse possível.

Conservara durante anos a mesma chama, a mesma maravilhosa chama. Sem uma intimidade, sem detalhes da vida comum, sem me interrogar, sem chegar a esse momento habitual em que dous amantes são iguais a duas criaturas comuns. Eu a consideraria exasperante, se, talvez por isso – o meu desejo nunca tivesse força de resistir.

Enfim, há três meses tive de ir à Bahia. Ia demorar, pelo menos, trinta dias. Podia dizer-lho. Mas o meu orgulho resistiu. Passei a tarde com ela, aliás, e quando consultei o relógio, ainda esperava uma pergunta, que não veio. Parti. Não escrevi. Não escrevi, posto que pensasse nela. Era o que eu julgava uma vingança. Ao chegar, não resisti e fui vê-la. Recebeu-me a dona da pensão, uma velha francesa.

– Bem dizia madame que o senhor tornaria...

– Onde está ela?

– Oito dias depois daquela tarde, ela caiu doente, muito mal. Esteve assim três dias. Afinal, os médicos acharam necessário uma operação. Era apendicite. Saiu daqui para ser operada no Hospital dos Ingleses. Mas antes de sair, chamou-me. Lembro-me bem das suas palavras, *la pauvre!*

“Madame Angele, eu vou morrer, sinto que vou morrer. Quando o meu pequeno aparecer, diga-lhe que não fique triste, mas que eu morrerei pensando nele como o meu único bem...”

– *Pauvre petite!* Morreu na mesa de operações...

– Mas onde a enterraram?

– Não sei, não acompanhei. Talvez perguntando ao senhor Herbrath...

Desci, quase a correr, para não mostrar à velha francesa as minhas lágrimas. Todo esse longo, o único longo amor da minha vida, surgia aos olhos do meu desejo como um sonho. Tinha sido uma ilusão, a imensa ilusão. E desaparecera, de modo que nem mesmo lhe sentira o amargor, nem mesmo lhe compreendia o fim, pensando na última tarde que fora a primeira, sempre primeira, sempre nova, sempre a que afasta para depois a tristeza...

Na rua, eu era como o homem que, tendo tido uma entrevista de amor em que amou com fúria – procura encontrar de novo aquela que não teve tempo de conhecer bem, com a ânsia dos vinte anos.

O criado de Ernesto entrou neste momento com o café e largos copos de cristal, onde gotejou uma famosa *fine* de 1840. Júlio recebeu o copo, virou-o. Se estivéssemos em tempo de emoções, a sua

história poderia ter comovido. Mas não estamos. Otaviano é que disse com indiferença:

– Curioso!

– Nunca me pediu nada, nunca lhe dei nada, nunca me perguntou nada, continuou Júlio Bento, com a voz surda. O sentimento que conservo por ela é o mesmo: um louco desejo e uma certa humilhação...

– Porque tu és da vida comum e ela era o amor, respondeu Alencar. O amor é o desejo acima da vida. Talvez nunca tivesse dito sem o sentir uma tão profunda frase. Nenhum de nós, nascidos e vividos na mentira e na tortura da mulher, compreenderia essa amante que existiu, como todas as coisas irreais. Mas, se nos fosse dado compreender – aos homens como às mulheres, todos nós invejaríamos a tua sorte e o prazer superior dessa suave perfeição. Para conservar o desejo é preciso não mentir, não pedir e não saber. Ela foi a amante ideal, a única sincera.

Nesse momento o criado voltou a prevenir Bento de que uma senhora estava à sua espera num automóvel, a chorar.

– É a Hortênsia! bradou Bento. Nem aqui me deixa! Por Deus, não lhe contem essa aventura. Teria ciúmes da morta. É insuportável!

É como todos os homens neste mundo, precipitou-se ansioso para a amante, igual às outras.

## História de amor num jardim . . .

Deliciosa lembrança a da condessa – aquele sarau d'estio, com os jardins acesos na luz das lâmpadas elétricas, músicas entre as árvores, e fontes de vinho de *Champagne* jorrando em pequenas grutas! A vasta série de salões do palácio aflusam as relações do conde Gomensoro – as relações de quando ele era apenas o corretor Gomensoro e as atuais em que se manifestava a estima, aliás incrédula, pelos seus títulos de conde, príncipe de Luca, e descendente de Carlos Magno. Havia, pois, muita gente. Mas o entusiasmo era para o parque, onde os olhos tinham dois maravilamentos: a beleza das árvores e o encanto das mulheres. As árvores, num país de luz frenética, não podem ser compreendidas durante o dia. À noite, porém, todo o mistério feminino que se encerra no fuste dos troncos e nas curvas dos ramos parece acordar da catalepsia diurna. A árvore é mulher. Dá, aconchega, dulcifica, suaviza. Nos seus troncos vivem as amadrfades. Ela é a tentação, o enigma, o saber. E nada mais excitante do que as árvores por uma noite de verão, iluminadas pelos focos de electricidade.

Corriam no ar sussurros de pecado, arrepios de luxúria. Era impossível caminhar sem intenções deliciosas por aquele jardim em que o sangue verde das folhas se aclarava da luz artificial.

E nesse ambiente, quatro ou cinco rapazes, depois de um copo de *Champagne*, tão gelada que os cristais tinham ficado nublados, conversavam. Cirilo Castro parecia o mais excitado.

– Não estamos nos jardins de Djanira Flávia Maria, recente condessa Gomensoro! Estamos nos jardins de Armida, estamos no eterno jardim onde desabrocha o amor! Precisamos restabelecer o princípio fundamental: a verdadeira conjugação entre os sentimentos da natureza e os sentimentos do civilizado está em uma árvore iluminada por uma lâmpada elétrica . . .

– Criminoso!

– Por quê?

– Porque queres dizer coisa que só podemos sentir.

– E não é verdade?

– Razão demais para não as dizer. A verdade é um fenômeno desmoralizadíssmo. Basta pensar que ninguém acredita na verdade senão para considerá-la mal.

– Que importa? Não há quadro mais empolgante do que o de

mulheres sob as árvores. É a reconstrução do Paraíso. Apenas as mulheres sob as árvores, sem noções mundanas – chocam. E as mulheres passeando deliciosamente embebidas de luz artificial – são como o acorde perfeito, a harmonia da beleza inicial expressa para contentamento dos nossos nervos de agora. Eu estou feliz.

– Por que vêes as árvores enfeitadas pelos reflexos dos arcos voltaicos e mulheres a passear por elas em vestes de baile? . . .

– Exatamente.

– Artificial!

– Quanta coisa há no mundo de que não percebemos o segredo! A mim parece que o instinto da natureza é deixar de o ser. Quem te dirá que as árvores não se sentem alegres transportadas da selva para o meio urbano, cuidadas, preparadas, entrando na vida social, conhecedoras dos segredos mundanos? Já reparaste como as árvores gostam de ouvir música? Só ouvem música assim as mulheres. Se não me acreditas, toma um comboio, examina em algum sertão da redondeza o ar contrariado das árvores e vem depois sentir a diferença, vendo o contentamento das árvores que ouvem música, assistem à passagem dos automóveis, lêem os jornais e acordam com a luz elétrica . . . São as árvores que compreendem o luxo, os prazeres da vida . . . Daí esse ar, esse grande ar de elegância provocante, esse ar de pintura e de artifício, com que elas se sentem, nas cidades, como as mulheres, ornamentos caros da existência.

– Estás realmente ardente!

– Defendo o princípio fundamental que explica aliás o meu conhecido axioma: a honestidade é proporcional à civilização.

– Cirilo, aqui, no jardim da condessa Djanira?

Exatamente. As árvores são honestas. O parque é o registro civil da árvore. E as mulheres, desde que estão decotadas num jardim fechado, isto é, em persa: paraíso, além de serem mais tentadoras são muito mais honestas. Não riam. Perguntem a opinião de Jorge de Aguiar . . .

Jorge de Aguiar acendera um *abdoula*. Soprou a fumaça para o alto, sorriu:

– De fato, o Cirilo tem razão. E eu explico: a mulher, à proporção que se eleva na escala social, vai ficando um pouco mais consciente. É um animalzinho com a idéia das responsabilidades no alto mundo; é o animalzinho instintivo guiado pela fatalidade e à mercê de todas as tentações no mundo inferior.

Houve um protesto risonho contra o advogado. Era de força! Trazia a defender-lhe os paradoxos um misógino, um Eurípedes de salão sem tragédias! Mas Jorge estava vitorioso.

– Digam-me cá. Todos vocês têm o ideal de tomar a esposa de algum cavalheiro da nossa roda? Conseguiram sempre? Conseguiram a maioria das vezes? Sejam francos! E, entretanto, a nenhum de vocês resistiria ou resistiu a criada de quarto.

— Oh!

— Neste exemplo ainda há o irresistível efeito que sobre a mulher inculta produz o homem afeminado, bem vestido e de mãos macias. Mas se vocês deixassem as recepções de Botafogo, a rodinha fatal e *snob*, veriam por aí abaixo uma despreocupação tão grande em ceder, que só com oito dias de passeios teriam anedotas no gênero de algumas de Brantome, e um volume de contos verdadeiramente macabro para o nosso meio. Entretanto, se o Cirilo arrastou-nos assim à psicologia, é preciso acentuar que, se a mulher é tanto mais honesta quanto mais civilizada, pela noção da responsabilidade, nas classes inferiores, por menos difícil que seja, é sempre muito mais ingênua. Umás são honestas de corpo; outras são virgem da alma, como os animais. E desconhecem-se . . .

Jorge dissera aquilo com tanta melancolia, ele em geral tão frio, que logo o secretário de legação acentuou:

— Alguma recordação?

— De duas infelizes . . .

O prazer que os homens têm em saber a história das mulheres infelizes é evidente. Sente-se o consolo na face dos mais líricos, quando exclamam: que mártir! Logo os daquela roda, mesmo Cirilo, esqueceram as preocupações da noite, para saber a história.

— Conte lá você esse duplo drama de amor!

— É apenas uma anedota para mostrar como o destino contraria as vocações e como elas se desconhecem . . . Há dez anos, era ainda estudante, vi na estação dos *bonds* de Santa Teresa duas meninas com um pequenote. Elas riam excitadas e o pequeno estava carrancudo. Eram nove da noite de um domingo. Gostei de uma delas. Morena, forte, dois lábios carnudos e vermelhos, uma trança selvagem e negra, a pele de pêssego. E ampla, roliça, rindo com um riso tentador de bacante, os olhos semicerrados. A outra era flexível, clara, de cabelos ralos . . .

— Lia a segunda o Evangelho e a primeira o *Assomoir* de Zola, como nos versos de Luís Guimarães?

Jorge sorriu.

— Se o sr. diplomata interrompe outra vez, paro. Mas não. Elas deviam ler pouco, se é que liam outra coisa além das cartas amorosas. Fui no mesmo *bond*, no mesmo banco, paguei-lhes a passagem, conversei, peguei na mão da que era deliciosa, e levei-as até perto de casa. Chamavam-se Amarlis e Honorina. No dia seguinte tomei informações. Eram filhas de um pequeno negociante meio arruinado, cuja mulher estava idiota, após um ataque de cabeça. Saíam com o irmão para passear no Passeio Público; e a vizinhança, a atrociz vizinhança de Santa Teresa, dizia delas horrores verdadeiros. Vários estudantes, como eu, já por ali tinham passado. Os namorados eram às pencas. Amarlis, até um espanhol, criado de hotel, fizera entrar no jardim da casa. A perdição, simplesmente a perdição. Tolo seria se não aproveitasse. Aproveitei. Menos do que esperava e que ou-

tros diziam ter gozado, mas aproveitei. Dous dias depois levava comigo o Bento Fonseca, o eterno namorado, e dava-lhe a Honorina. Esperávamos as duas numa esquina, enchíamos de moedas e de presentes o terrível irmão, e saíamos a passear, ora correndo, ora devagar, em êxtase. Que inesquecíveis noites! Amarflis vinha com os vestidos de cassa lavados, cobrindo de leve o seu corpo moço, e entregava a boca aos beijos com uma gula de enlouquecer. Verdade é que dentro em pouco tivemos que sustentar, como o homem primitivo, a luta com os nossos rivais, tirando revólveres e vibrando bengaladas. E depois de tais cenas, o ciúme rugia:

– Tu ainda tinhas dois!

– Que importa! Você só tem a mim?

E ria perdidamente. Uma vez estávamos a descansar, e a fazer projetos. A Honorina, que enfastiava o Bento, disse:

– Vocês sabem? os homens não me agradam tal qual são. Eu queria ser freira.

– A doida, gargalhava Amarflis, a doida! Quer ser freira! Pois eu queria ser como essas raparigas que têm uma porção. Estou esperando só casar ou ficar maior!

O fato é que essas duas meninas eram virgens, e diziam tais cousas! Como não aproveitar até o ponto em que não houvesse responsabilidade perante a polícia? Seguimos assim dous longos e perdidos meses de amor. Um belo dia, porém, estávamos numa ponta do morro, ao luar, inteiramente loucos, quando o irmão pequeno apareceu com o pai, armado de um pau. Bento precipitou-se. Eu também. E viemos rolando o morro, por caminhos horrendos, até vir dar na Rua D. Luísa, sem saber como.

– Não volto nunca mais! bradava o Bento.

– Foste tu o covarde!

– Não, não quero histórias.

No outro dia voltei eu só a inspecionar. Não vi ninguém. Oito dias de frio fiz sentinela em vão. Ao cabo desse tempo falhei uma vez, e naturalmente deixei de lá ir. Estava terminada a aventura. Alguns meses depois, quando encontrei Amarflis no Passeio, ela ia com outro – o que não me causou a menor perturbação.

Mas os anos passaram e um belo dia, abrindo os jornais, li uma notícia de suicídio dolorosa. Honorina – porque era ela e o jornal dava-lhe os sinais, a filiação, o número da casa, a fotografia – suicidara-se embebendo as roupas em querosene, apaixonada por um soldado de polícia. Ficara irreconhecível e só horas depois a tinham encontrado morta, porque não soltara um gemido. A pequena que queria ir para um convento suicidava-se dessa maneira atroz! Lembrei-me da outra. Indaguei. Casara, havia dous meses, com um rapaz do comércio, obrigado pela polícia, depois do desastre. Pobre homem! suspirei. E logo não mais lembrei essa deliciosa Amarflis de um velutíneo pêssego, que entregava a boca, com o desejo das bacantes . . . Uma dessas madrugadas, porém, safa de um *club* de jogo,

quando percebi que a figura de uma mulher em cabelo escondia-se por entre os automóveis, ao ver-me. Precipitei-me. Era ela. Mas outra, inteiramente outra, magra, murcha, os olhos lindos molhados de lágrimas, o corpo metido num horrível casacão. Não me deu tempo para falar. Indagou:

- Jorge, viste-o por aí?
- Quem?
- Meu marido.
- Não o conheço.
- É um rapaz bonito, alto, o Artur . . .
- Vieste procurá-lo?

- Sim, Jorge, sim. Sou uma infeliz! Estou aqui há duas horas. Ele deixa-me, abandona a casa, vem com as mulheres . . . Ai Jorge, que dor, que dor! Não gosta mais de mim. Se tu soubesses! Há mais de dois anos que faz assim. E bate-me, bate-me sem razão. Ando toda a noite a ver se o encontro para o levar comigo e tenho medo, muito medo . . .

O seu corpo tremia aos soluços convulsivos. Metia dó. Seguei-a pelo braço.

- Vamos daqui. Vou meter-te num carro, mandar-te para casa.
- Não! Não!
- Se ele te vê, zanga-se.

Ela acedeu chorando, baixinho. Metia-a num imundo trem de aluguel, tomei-lhe a mão, beijei-a.

- Então? E os desejos, os desejos antigos de ser como as que estão lá dentro?

- Não, Jorge, só dele, de meu marido. Eu não teria coragem . . . Prefiro a morte - porque é só dele que eu gosto, só dele, só dele, só dele!

E caiu nas almofadas, chorando. Deixei-a sem mais uma palavra. É amargo, meus queridos, amargo . . . Por mais que queiramos entender as mulheres, isso sempre será impossível, porque nem mesmo elas se compreendem . . .

- As de classe inferior, insisti Cirilo, porque as civilizadas são na maioria honestas.

Neste momento apareceu junto ao grupo o conde Gomensoro. Abriu os braços, exclamou:

- Dr. Cirilo, por quem é! O sr. a conversar e minha mulher à sua espera para o *cotillon!*

Então o diplomata curvou-se para Cirilo com maldade:

- A condessa Djanira também?

- Também! afirmou Cirilo meio nervoso. Estamos num jardim. Estamos no paraíso. É natural que ela peça explicações sobre a revelação das árvores. Porque afinal este mundo não passa do mesmo jardim onde Eva multiplicada deseja o nosso sacrifício, seja para comer o fruto ou seja para marcar o *cotillon!*

## A aventura de Rosendo Moura

Na rua era um fragor. As casas pareciam abaladas pelo barulho dos tambores, das cornetas, dos bombos, da vozeria infernal. Rosendo Moura, muito mal disposto, estava a vestir-se. No seu encantador gabinete de laca branca com estofos cor-de-rosa e uma infinidade de objetos de cristal e marfim por sobre os móveis, nós insistíamos.

– Não me deixarão vocês?

– Rosendo! Uma terça-feira de carnaval!

– Mas chove...

– Tanto melhor. A Berta Worms espera-nos!

– Essa mulher desagrada-me...

– Não há mulheres desagradáveis. As mulheres contentam-se com ser, como dizia o dramaturgo – a razão e o impedimento de todas as nossas obras...

– Pois eu julgo-as portadoras da fatalidade e nós, mesmo contra a vontade, as placas sensíveis dessas correntes de Mistério.

– A Berta dá então azar?

– A mim, pelo menos. Explico o meu caso. Pode dar sorte a outros. Comigo, há mulheres que, aproximadas, são motivo de prosperidade. Outras baralham-me a vida, por mais que me amem. Tenho de brigar a murros com desconhecidos, negócios quase realizados periclitam, a saúde fenece... Assim deve ser com vocês, com todos os homens. Infelizmente não sou excepcional. Há de resto uma espécie de mulheres pior – a que age sobre os homens como alucinação, fazendo-os participar da própria desgraça. Dessas, quem escapa uma vez, não torna...

– Fetiche!

– É que vocês nunca se lembram da mulher que os acompanha...

– A mulher fatal?

– Todas são fatais.

Houve uma pausa breve, enquanto Rosendo Moura dava o laço da gravata, diante do espelho.

– Ó Rosendo, já escapaste de alguma? indagou Jacques Ciro, um prodígio de cepticismo, porque tinha apenas vinte anos.

– Já. Olha. O carnaval faz-me lembrar a mais horrenda semana

da minha vida, a semana em que eu participei integralmente da horrível fatalidade...

Nesse momento, o rumor vindo da rua tornou-se tão grande, que tivemos de ir à janela. Chovia a cântaros. Mas, embaixo, a multidão delirava. Eram gritos, uivos, gargalhadas, assobios, guinchos de cornetins, rufos de tambores, sacolejos de adufes, estalos de pratos. E os sons agoniantes dos bombos bombardeando as fachadas... Rosendo recolheu com desgosto, atirou-se no *divan*.

– Não, positivamente não vou!...

– Recordaste a semana horrível? tornou Jacques Ciro.

– Sim. E tanto mais atroz, quanto até hoje não compreendo como e por que agi nesses oito dias. Foi há cinco anos e por mais que pense, não explico. Macabro. Misterioso. Assustador. Recordaste você da Corina Gomes, uma rapariguinha brasileira, que frequentava os clubes?

– Há cinco anos, Rosendo? Não há memória que alcance uma rapariguinha brasileira a cinco anos de distância. Depois eu estava na Europa...

– Felizardo!

– Infeliz, porque voltei...

– Pois a Corina era magra, lívida, tomava cocaína. Eu achava-a antipática. Nunca trocámos senão monossílabos, o instinto dizia-me que essa mulher seria a desagradável aventura da minha vida. Como? Não sabia!

Ora, numa terça antes do carnaval, com a agitação da cidade, habitual em tais dias, sentia-me inquieto, indeciso, nervoso. Desejava voltar a casa e queria aborrecidamente beber *champagne* e ouvir gritos no *club* – onde se anunciava uma ululante *redoute*. A porta do *club* ainda hesitei. Ia acontecer-me qualquer coisa de desagradável. Com certeza. Sem ter inimigos, apalpei o revólver no bolso da calça. Há desses instantes de polarização nervosa em que vagamente sentimos o que está no ar e vem ... Veio. Veio como os ciclones. Ainda no vestiário senti uma voz d'agonia:

– Leve-me daqui já ou estou perdida! Pela sua honra...

Voltei-me. Era um dominó.

– Que brincadeira é essa?

– Por piedade! Não posso falar aqui. Escute, venha cá...

Frágil, a sua força nervosa era tão intensa, que quase me arrastava para a rua.

– Você está doida, mulher?

– Pelo amor de Deus! Só a sua companhia até mais abaixo, Rosendo...

– Conhece-me?

– Sim, sim. Salve-me de morrer!

– Mas quer comprometer-me?

– Não. Quero a sua presença contra um covarde!

Na rua um taxímetro rodava vazio. Ela precipitou-se.

— Mande tocar já, já — para onde quiser...

Olhei em redor. Não havia ninguém suspeito. Tratava-se por consequência de uma aventura sem consequências. Ela entregava-se, indo onde eu quisesse... Curvei-me para o motorista e, quase em segredo, dei-lhe uma direção vaga. Por quê? Até hoje não sei. Quando me voltei, o automóvel em marcha, o dominó levantou a máscara. Era Corina Gomes, os beijos trêmulos, lívida...

— Você? bradei colérico.

— A desgraça da minha vida! Não gosta de mim, bem sei. Mas não se trata de amor, Rosendo! Só o sr. poderá salvar-me.

— Eu?

— Há três anos suporto as torturas de um monstro. Tudo quanto ganho é dele. Quando vou ao *club* toma-me o dinheiro. Depois fecha o quarto todo, abre vários frascos d'éter, põe-me inteiramente nua, prende-me os cabelos à gaveta da cômoda, e goza naquela atmosfera desvairante, gotejando sobre mim éter. Oh! não imagina! não imagina! Cada gota que cai dá-me um arrepio. Ao cabo de certo tempo é uma sensação de queimadura, queimadura de gelo até à insensibilidade... Ontem, não foi possível tolerá-lo mais. Protestei, gritei, contei tudo à gente da pensão. Dois homens que lá estavam puseram-no na rua a pontapés. Ele voltou. Não o recebi. Deu então para perseguir-me, Jurou que me matava. Ando a fugir. Vejo-o por todos os lados. É certo que me matará...

— E você incomodar-me por uma tolice dessas! Faça as pazes.

— É tarde. Não tenho coragem. Antes de ouvir-me, mata-me. Tenho a certeza. Os meus dias estão contados. Conheço-o.

Disse aquelas palavras com tal segurança, que não hesitei um segundo. Também eu tinha a certeza da fatalidade que vence todos os obstáculos, também eu via aquela criatura morta...

— Mas que fazer?

— Se pudesse esconder-me uns dias, dar-me depois uma passagem? É inútil, porque ele acabará por encontrar-me. Mas eu tenho medo, muito medo. falta-me a coragem de morrer, Rosendo!

Devia ter levado Corina à polícia, denunciado o monstro. E, livre de responsabilidades, ir dormir em seguida. Assim faria um homem de bem no uso das suas faculdades.

— Sabe onde está ele?

— Por aí. Procura-me...

De repente senti que tinha ódio a Corina, com vontade de defendê-la. Perdera a noção do real, sabendo que a perdera. Era desejo de aniquilar o desconhecido e o medo vago desse enorme e vago desconhecido. Não disse que a defenderia. Levei-a para um quarto d'hotel em rua escura com a resolução de embarcá-la no dia seguinte, ainda não sabia como. No hotel, Corina tremia tanto, quando tentei deixá-la, que fiquei. Dormimos um ao lado do outro, sem uma carícia — ela a delirar com medo; eu, olhando a treva e maldizendo a aventura. E no dia seguinte verifiquei apenas o seguinte: perdera in-

sensivelmente metade da energia. Como essas criaturas na iminência do desastre. Como os criminosos com medo à polícia. Andei dois dias assim, desconfiado, fraco, aterrado, sem agir. Corina não deixava o quarto, sem dizer palavra. Eu sentia que era preciso salvá-la, para salvar-me. Inexplicável estado d'alma! Na sexta resolvi terminar, vendo os anúncios dos vapores.

– Embarcas amanhã para a Europa!

Corina despregou-se das persianas, onde passava o dia a espreitar a rua.

– Não é possível. Ele já descobriu.

– Como?

– Vi-o ainda há pouco ali em frente.

– Mas estás louca!

– Não me deixe só, Rosendo! Ele mata-me.

Chamei o criado, com uma súbita intenção do perigo. Interroguei-o. Havia algum hóspede novo? Havia. Um homem louro, páli-do, que alugara o quarto do outro corredor, e estivera a ler a lista dos hóspedes... Corina caíra sobre o leito. Os seus dentes batiam como se estivesse desabrigada, entre neves. Fiz um esforço:

– Esse homem já recolheu?

– Há pouco.

Era uma luta, devia ser uma luta, secreta e atroz, na sombra. Mandeí buscar um automóvel. Consegui dominar o terror de Corina para que ela ao menos caminhasse. Saímos naturalmente, como quem vai a passeio. No meio do caminho trocamos de automóvel. Eu tremia de raiva.

– A culpa é tua! tu é que o fazes vir, sempre a pensar nele!

– É sim, Rosendo. Sinto que ele vem e não posso, não posso, não posso...

– Acabo com isso eu! Vamos dormir em qualquer hospedaria e amanhã dou queixa à polícia...

Assim fiz. O delegado prometeu tomar providências, mandando dois agentes para o hotel onde estávamos. Mas, ao sair da polícia, compreendi claramente que “ele” sabia da minha resolução. “Ele” sim, o homem que eu desconhecia, com o qual a fatalidade me punha em conflito, o homem de que a Corina devia ser vítima. Essa criatura já decerto sabia, e ria com desprezo. Eu não precisava tê-lo visto para ter a certeza do seu conhecimento... Foi um pensador melancólico que escreveu: “não é só no céu e na terra, é principalmente em nós mesmos que há mais coisas do que podem conter todas as filosofias”. Não sei explicar o mistério daquelas correntes de sentimentos que chocavam. Tinha a certeza, porém. E era horrível, era angustioso! Tornei a mudar de hotel e não tive mais coragem de deixar só Corina. Fazia-me reflexo sensível daquela fatalidade feita mulher. Ela aos poucos desdobrava-se em mim. E como só pensava no seu alçoz – naquele a quem o Destino lhe entregara a vida – eu também só pensava nele. Passávamos horas a ouvir o rumor dos cor-

redores. Onde estaria ele? Onde? Decerto perto. Talvez, à nossa porta, espreitando...

O meu delfrio tinha entretanto intervalos de relativa lucidez. Domingo de carnaval perdi de súbito o medo.

– Corina, achei uma solução para o nosso caso.

– Qual? fez ela.

– Vamos aproveitar o carnaval. Não se pode contar com a polfcia. “Ele” ainda não apanhou a nossa pista. O essencial é pôr-te a andar, antes que de novo a descubra! E encontrei-me a planejar alto: visto-me de qualquer coisa e saio. Vou até a casa, enfio o dominó e venho buscar-te. Sairemos pela porta dos fundos. Faço melhor. O meu criado tem uma rapariga mais ou menos com o teu corpo. Mando-os esperar em qualquer casa de máscaras. Lá eles enfiarão as nossas fantasias e virão para este quarto, enquanto nós estaremos livres para tomar o noturno de São Paulo. Há quarta-feira em Santos um transatlântico para Buenos Aires e Valparaíso. Se o homem não estiver no vapor, estarás livre...

– Achas?

– É certo.

Saí a executar o plano. Executei-o exatamente. Na casa de máscaras, Corina pôs uma travesseirinha nas costas, armou uns seios muito grandes, amarrou com o lenço o rosto e colocou por cima uma espessa máscara de arame. Eu fiz um grande ventre sob o dominó e saí claudicando. Tudo isso, notem vocês, fazíamos sem ver nada anormal, sem a certeza senão vaga de que ele nos estivesse acompanhando...

Após, conseguimos um taxímetro. Estávamos prestes a dizer:

– Enfim, logrado!

Mas, curioso. Durante as duas horas em que rolamos por avenidas meio desertas nesse automóvel fechado a fazer horas para apanhar o comboio, não trocamos uma palavra. Era o grande momento decisivo. Corina apertava a minha mão, de vez em quando, tremendo. Apenas. Eu sentia que o seu medo voltava aos poucos a desequilibrar-me. Passávamos pela cidade em delfrio, sem dar por isso. O nosso delfrio era maior.

Quando chegamos à Central a confusão urbana tocava o auge. O grande *hall* da estação cheio de luz elétrica, a turba, os “cordões” com archotes a zabumbar, as danças, os gritos, as lutas de lança-perfumes e dos *confetti*, o risco colorido das serpentinas... Metemo-nos por ali dentro para tomar o *wagon*. E de repente, os dois, no mesmo instante, vimos que estávamos perdidos.

Como explicar essa impressão extralúcida?

Fora casa um temporal desabrido. A estação estava atulhada. Homens suados, bandos alagados, máscaras, passavam numa alucinação como galvanizados pela luz elétrica. Ninguém reparava em nós, ninguém decerto, ninguém, ninguém. E entretanto nós sentíamos que o perigo se aproximava seguro, com passo firme. Onde es-

tava ele? Era o homem do éter, o homem cuja fisionomia eu nem mesmo conhecia, ele com a sua cara, ou com uma máscara. E olhava-nos, e estava ali, e reconhecera-nos. Sim.

Devia estar, devia ter reconhecido. Que fazer? Que fazer? A vertigem apoderava-se de nós. Aquela mulher era decerto o pólo negativo a chamar misteriosamente, a atrair o horrendo ser. Ele adivinhava por uma revelação telepática. Sei lá! Sei lá! O fato é que Corina apoiou o corpo no meu abraço:

– É o fim!

– Anda para frente, estafermo! rouquejei furioso.

– Não partimos mais, Rosendo.

– Partimos sim!

– Ele está no apeadeiro, sinto-o!

– Prendemo-lo!

– Ele vai tomar o trem conosco. Ele mata-me em viagem!

– Miserável, caminha ou largo-te!

– Voltemos, Rosendo. Ainda é possível escapar, se apanharmos ali um automóvel....

– Agora?

– Sim! Sim!

– Agora? repetia eu correndo, como diante do inexorável Destino. E não havia máscara ou cara suspeita!

Na praça deserta – faltavam as conduções. Só, ao longe, rebrilhavam as lanternas de um carro. Ela deitou a correr. Segui-a, olhando para trás. Ao chegarmos à beira do carro, um *landau* fechado, estávamos completamente alagados. A chuva redobrava.

– Para onde?

– Ande!

– É vinte mil réis a corrida.

– Seja cem! Depressa!

– Para onde?

– Para onde quiser!

O trem tomou o caminho do lado da Casa da Moeda.

– Vamos à delegacia, Rosendo?

– Queres?

– Se ainda for tempo!

Convencido de que não seria possível lutar só contra o horror invisível, gritei ao cocheiro:

– Polícia Central! A toda...

O carro, porém, parara.

– Que há?

– Raios o partam! Rebentaram as correias das bestas.

– Hein?

– Dos dois lados. Caiporismo!

– E agora?

– É esperar aqui, até que passe outro carro. Não posso guiar assim.

— Meu Deus!

Era no pedaço mais deserto da rua. Saltei para ver. As correias gastas tinham arrebetado naturalmente. Estávamos nas mãos do Destino. Só havia um alvitre: correr até a esquina, onde passavam bondes, onde havia movimento... Era o meio de escapar, e eu escaparia para sempre, porque no dia seguinte não me meteria mais à guarda daquela criatura.

— Vamos?

— Rosendo...

— Anda...

— Se tem de ser? fez ela. Tens razão.

Desceu, corremos os dois sob o temporal pelo meio da rua escura uns cinco metros, uns dez metros. Sei que ouvi um psiu e voltei-me, enquanto ela estacava. Sei que vi um sujeito que vinha para nós, talvez o cocheiro. Sei que o sujeito avançou para Corina com uma pequena máscara de chorão, ergueu o braço, e passou a mão pelos seios falsos da rapariga. Ia gritar. Deu-me um pescoção. Rolei na lama. Ele segurava-a já, riscando-lhe o dominó com uma navalha.

De súbito ela deu um grito agudo. O único. Pareceu-me que desmaiara. Nas mãos do mascarado lembrava um manequim. O homem em fúria continuava a brandir a navalha contra os enchimentos dos seios. Afinal atirou-se à máscara. Era de arame. O fio da arma rompeu-se no tecido espesso. Ouvi. Ouvi os triços gaspeados da lâmina no tecido d'arame. Ergui-me de um pulo, saquei do revólver, detonei aos berros:

— Assassino! Assassino!

O tipo arrancava as roupas, a máscara da desgraçada. Eu continuava a detonar e a gritar. Gente corria. Vi cair o capuz à Corina, o assassino agarrá-la pelos cabelos, afundar-lhe a navalha no pescoço e deixá-la tombar num jato de sangue. A cena talvez tivesse durado dois minutos. Para mim foi longa como um século, rápida como um raio. De revólver em punho, fantasiado, meio estrangulado pelos cordões da máscara, eu delirava, presa de uma febre cerebral... Estive entre a vida e a morte, dois meses... E quando os médicos me declararam fora de perigo, tive a sensação absoluta do desastre de que escapara. Ela agira como os ciclones, que, embora destinados a um certo sítio, desarvoram, matam, estragam o que se agita no limite da sua ação destruidora. Aquela criatura fora o ciclone. Longe dela ainda lhe sofrera a força fatal. Não morreria, mas estava desarvorado, como os barcos apanhados pela tromba terrível. E desde então, respeito muito essas coisas inexplicáveis que as mulheres representam. A semana de Corina fez-me compreender o horror do enigma dramático da vida...

Rosendo Moura reclinou-se inteiramente no *divan*. Tinha a fronte banhada em suor. Amigos desse excelente rapaz, nós ouvíamos a anedota e os comentários com paciência e sem prestar muita atenção. Jacques Ciro, o jovem céptico, estava ainda na idade em que

se toma interesse pelas histórias alheias. Às divagações de Rosendo, insistiu:

– E a Corina, morreu?

– É verdade, a Fatalidade desapareceu? sorriu outro.

– Não, fez Rosendo. Não estaria no meu princípio de que as mulheres são agentes do Destino, contra ou a favor de certos indivíduos. Ela parecia a vítima do tal assassino. No fundo a vítima foi ele. Ele é que devia desaparecer para libertar-se...

– Rosendo!

– A própria opinião inconsciente dessa rapariga. Nem ele nem ela morreram. Ele foi condenado a vinte anos de prisão. O advogado tem apelado. Ela, com o pescoço costurado, a cara cheia de talhos, mais magra, mais lívida, vive numa hospedaria das proximidades da Detenção. Todo o dinheiro que arranja é para ele, para o seu antigo, para o seu assassino. Amam-se profundamente. Ela, porque sendo a expressão viva da fatalidade do pobre homem, não o deixará enquanto for possível fazer-lhe mal. Ele, porque ninguém foge à sua mulher, isto é, ao seu Destino... Outro dia encontrei Corina: Não a vi desde a noite trágica. Foi ela quem me falou. E, contando-me o seu amor, a sinceridade do “pobrezinho”, exclamou: “Tudo por sua causa, Rosendo. Se não fosse o seu medo e a mania de meter-se na vida dos outros, o meu Roberto não estaria desgraçado”.

Decididamente, meus amigos, as mulheres!...

– Não valem o tempo que aqui perdemos, sentenciou grave Jacques Ciro.

– Vão vocês pois ao divertimento. Eu fico com medo à chuva e às rajadas do Destino, que são as inexoráveis mulheres...

E Rosendo Moura ergueu-se, foi até ao espelho desmanchar o laço da gravata. Estava só. Todos nós já descíamos as escadas. Corríamos às aventuras prováveis do baile de máscaras. O carnaval, sob a chuva, sacudia as urtigas dos desejos. Não era por consequência momento de refletir sobre as filosofias talvez verdadeiras de Rosendo. O mundo não seria o mundo, se fosse possível a qualquer humano evitar o que tem de ser...

## A fada das pérolas

- Não pões o cheiro que ela te deu?
- Qual! Aquilo é só passar, antes do teatro.
- Olha a tua dor na costela . . .

Serafim olhou em derredor. Estava com toda a família: a sogra a um canto a costurar inteiramente surda, os quatro filhos, a Guiomar já com seis anos, o Jorge, o Pedro, o Antônio, e, diante dele, carinhosamente, a mulher, a Joana, morena, magra, o peito chato, dois grandes olhos ardentes. Talvez não explicasse a razão de seu contentamento, e decerto não procuraria as causas da alegria. Mas estava contente. Deu um tapa à face da petiza, riu grosso, e saiu a bambolear-se. Joana fechou a porta, abriu a rótula e ficou a olhá-lo. Havia no seu olhar orgulho do homem e uma certa inquietação . . .

Serafim dos Araújo era de Maia, nos arredores do Porto. O pai, lavrador, dera-lhe o offcio de carpinteiro. Aos dezoito anos ele já trabalhava pela arte numa carpintaria da Rua Cedofeita. Era forte, musculoso, retacado, de um moreno macio, a boca vermelha e sã, o cabelo anelado sobre a testa. E bom, tímido, ingênuo — uma criança crescida. As mulheres gostavam dele. Serafim, porém, não se atirava. Deixava-se levar. Nunca procurou, mas não resistia. A Joana, mais velha quatro anos, magra, com o peito chato, era sopeira na casa de um comendador brasileiro. Tomara-se de uma grande paixão por ele e conquistara-o. Queria-o como a um filho, desejava-o como uma esfomeada, respeitava-o como um deus. Serafim teve de consentir. Aquela dedicação envaidecia-o. Na sua simplicidade a beleza da mulher era de somenos importância. A sua sensualidade fazia-o um egofsta bom.

Joana deixou a casa do comendador quando o pai de Serafim morria, legando ao filho a herança de uns centos de mil réis. Ela cuidava da casa, cuidava dele, firme a seu lado, fazendo-se indispensável. Quando o dinheiro estava para acabar nem Serafim pensava em deixar a mulher nem Joana julgava possível largar-se algum dia daquela paixão. Chegaram por esse tempo cartas do Brasil em que um camarada, o Juca da Olaria, noticiava que como carpinteiro se fazia fortuna no Rio. A Guiomar já nascera. A viagem decidiu-se com rapidez.

Tomaram a proa de um navio inglês em Lisboa, com dinheiro emprestado, e no Rio a vida correrá sem tropeço, tanto que um ano depois, em vez de morarem na estalagem, alugaram aquela casinha

térrea em frente ao morro do Senado. A mãe costurava. Serafim era da oficina para casa, da casa para a oficina. Ela que todos os anos punha um garoto no mundo, lavava e engomava para fora.

Que bom era Serafim! De vez em quando uma taponia para animar. Mas nada de mulheres, esbórnias.

Foi por esse tempo que Serafim, após a janta, certo dia, dando milho às galinhas em camisa de meia, disse à Joana:

– Sabes que talvez entre pro teatro?

Joana tinha uma noção espessamente escura do que vinha a ser teatro. Indagou, com espanto:

– Pro teatro?

– Sim. O Juca da Olaria ganha à noite como carpinteiro no Recreio, cinco mil réis.

– Então há carpinteiros no teatro?

– São os que movem as cenas, pregam os palácios, arranjam as histórias. O Juca esteve a explicar-me. São cinco mil réis mais. Que achas?

Joana ficou a pensar.

– Não deixas a oficina?

– Estás louca! A oficina é o pão; o teatro o achego.

– E podes mesmos arranjar?

– Pois se te digo.

A mulher sorriu. Era o seu homem a ganhar mais, numa posição que ela não imaginara, e por isso mesmo misteriosa e importante.

– Olha se agüentas!

– Eu cá sou de ferro. Vais ver se agüento!

Riu forte no orgulho dos bíceps enormes, do peito de lutador, a face morena coroadada dos cabelos negros em cachos. Era uma convicção tal de saúde, de força bela, que Joana sentiu aquele mesmo ímpeto de fervor.

– Pois entra, homem!

Serafim, no dia seguinte, saiu às sete da noite. Mal tivera tempo de descansar da oficina que fechava às seis. Ela esperou-o acordada. Uma grande curiosidade a inquietava. Queria saber como era o tal do teatro. Serafim importante, com o olhar aceso, deu pormenores.

– O trabalho é duro. Tem que se armar as cenas em dez minutos. E as apoteoses, então?

Ela ouvia-o sem compreender, julgando-o por isso mesmo maior.

– E simpatizaram contigo?

– Todos! Até o empresário, um velho, perguntou o meu nome.

– Este Serafim é das Arábias . . .

Serafim estimava que o considerassem bem. A simpatia vinha daquela saúde bruta e alegre.

– Vamos dormir, sora Joana. Cá tenho os cinco.

Passaram-se dias assim. Ela esperava-o acordada para ouvir as histórias desse outro mundo de que o seu senhor fazia parte. Ele contava. Às vezes mentiras. Para pô-la tonta. Só uma coisa era verdadeira: a simpatia com que fora recebido. E como as vizinhas estavam intrigadas, Joana explicava:

— O meu Serafim agora é do teatro. Coitado! Não descansa. Também ganha cinco mil réis por noite!

Afinal sofria de o não ter junto de si e sentia muito sono, pois tinha de acordar cedo para o tanque de lavar roupa. No primeiro domingo, como houvesse *matinée*, Serafim apareceu um instante só para jantar, e ela, depois de aprontar as crianças para brincar na calçada, só na sala que a noite escurecia, cantando baixinho uma trova qualquer, pensou que ia chorar. A tudo porém nos habituamos. A vida é assim. Depois, Serafim estava tão satisfeito! Não o esperou mais. Deitava-se cedo, não o via entrar. Quando acordava parecia-lhe impossível que tivesse assim procedido. E o Serafim com o trabalho da noite dava para não querer acordar. Ela tinha com muita pena de o despertar devagar, alisando-lhe a cabeça.

— Serafim, tem paciência, olha a oficina. . .

Um dia ele recusou pôr-se a pé.

— Também um pobre de Cristo não pode dormir um dia. Que se fomentem! . . .

Ela temia pelo emprego do homem, mas que prazer sabê-lo ali, em casa, descansando! Preparou-lhe um bom almoço; ia de vez em quando, pé ante pé, vê-lo respirar, de braços sobre a traveseira gozando o soninho.

— Que lhe saiba como aos anjos, coitado!

Certa vez ele apareceu com um vale do teatro para levá-la à *matinée*. Às 11 da manhã já os pequenos e a velha estavam preparados. Ela pôs o vestido azul, a corrente de ouro fino. Almoçaram à pressa. No teatro, Joana viu como gostavam de Serafim. Sujeitos paravam o Serafim, conversavam, outros diziam-lhe adeus. Alguns admiravam-se que um rapaz de aparência tão moço, já tivesse quatro filhos.

— Pois o meu Serafim é mesmo capaz. Tem só vinte e seis, não, Serafim?

— Vou para os vinte e sete lá pelo S. João . . .

Depois Serafim desapareceu. Elas estavam na platéia, ao fundo, nas cadeiras de segunda. Joana admirava a mágica como se fosse a obra só do seu homem. A mágica era bonita. Havia certo diabo horrível contra um par de namorados. Mas a Fada das Pérolas vencia o diabo. A fada parecia linda. Joana era pela fada. Quando a mágica terminou, ficaram no terraço, à espera do carpinteiro, que só muito tempo depois apareceu. Iam todos sair, e nisso, com um enorme chapéu de plumas, cheia de brilhantes, Joana viu aparecer a Fada das Pérolas. Apareceu e indagou amável:

— Araújo, são seus filhos?

– Sim, sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo.

– E sua mulher?

– Sim, minha senhora.

A Fada das Pérolas fez festa aos petizes, abaixou-se para pegar o Pedro, abriu a bolsa, tirou uma cédula, meteu-a na mão da criança.

– Que flor! Gosto muito dos garotos.

Depois, rindo:

– Ó Araújo, mande sua mulher visitar-me com o pimpolho.

Sabe v. que seu marido é muito benquisto por cá? É um latagão! Parabéns.

Não deu tempo à resposta. Uma carruagem esperava-a. Meteu-se nela, atirou com os dedos em pinha um beijo ao pequeno, e partiu ao trote largo da parelha.

– Logo vi que a Fada era boa! refletiu Rosa, a velha surda.

– Tem luxo! E como gosta de Serafim!

– É para veres . . . fez ele meio enleado.

Havia em torno alguns rapazes do teatro, que sorriam galhofeiramente. Serafim rodou com os seus.

Mas para Joana o assombro da fada continuaria. No meio da semana, à hora em que o Serafim chegava da oficina, parou-lhe à porta um trem luxuoso. Era a Fada das Pérolas, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo, cheia de jóias e com vários brinquedos. O quarteirão inteiro ficou presa de espanto. D. Maria do Carmo vinha dizer que não se esquecera do Pedrinho e desejava ser pelo menos madrinha de crisma do pequeno. Depois, obrigou Joana a aceitar uns dinheiros para calçado dos filhos, pediu café, um copo d'água. E agarrava o Serafim pelo braço.

– Ó Joana, que homem tens por marido! Quero-os felizes. Vocês brigam?

– Ah! não senhora.

– Ainda bem . . .

O Serafim estava satisfeito e confuso. Não fixou uma só vez a Fada das Pérolas.

– É uma santa! exclamou Joana, ao ver desaparecer cheia de orgulho, o carro da atriz.

D. Maria do Carmo continuava para ela uma entidade celeste. Talvez fosse. Os deuses são bons ou maus. As mais das vezes, bons e maus ao mesmo tempo. E nós chamamos deus ao que não compreendemos acima de nós. A atriz era para Joana o insistente assombro bom. A lavadeira via-a nos cartazes da rua, no calçado e nos brinquedos dos filhos com a doçura da Fada das Pérolas. Na vizinhança o prestígio da família Araújo crescera enormemente. Eram todos pobres sem ideal senão o da vaga inveja do bem material jamais conseguido. D. Maria do Carmo aparecia quase sempre estabelecendo a curiosidade, para distribuir coisas. Às vezes, não descia da sua vitória forrada de cetim verde.

— Ó Joana, anda cá. Toma que eu trouxe para os petizes. E o Araújo?

As vizinhas, logo que o carro partia, eram só exclamações e perguntas. Como é linda a sua comadre! Quando é mesmo a crisma do Pedrinho? Dizem que ela é milionária. Ela gosta de Serafim, hein?

Joana de nada sabia. Aquilo era um milagre, a Fada das Pérolas. Porque, de repente resolvera protegê-los? Sentia bem que passara sem a proteção, calma, bem. Mas se não havia mal algum? Até seria desagradável agora que a proteção cessasse por causa dos presentes e da vizinhança. Ao demais uma certeza lhe viera: a posição de Serafim dependia da Fada das Pérolas.

D. Maria do Carmo, aliás, desorganizava-lhe a vida. Uma vez mandou-a buscar de carro — a vitória de cetim verde. Joana, com o Pedrinho nos joelhos e a Guiomar ao lado ia, quase com medo, tendo deixado a roupa da freguesia por aprontar. Ficara assombrada com o palacete de Baependi, os criados, os *divans* de seda, os tapetes, os espelhos. D. Maria do Carmo recebeu-a no quarto de dormir que era forrado de rendas sobre seda azul celeste e com a cama sobre um estrado, irradiando brilhos de oiro. A atriz conversava.

— Temos que fazer um pecúlio para o Pedro. Disponho de duas apólices de conto de réis que vou pôr na caixa em nome do garoto. Venha cá, Pedro. É verdade. Que idade tem o Araújo? É forte esse rapaz. É direito, não?

— Lá isso — de toda confiança.

— E mulheres?

— Muito sossegado.

— Vê-se. Homens com mulheres estragam-se logo.

Depois distribuiu presentes, nervosa, como desejosa de alguma coisa. Quando Joana de volta contou ao Serafim o caso, ele ficou sério, a boca aberta, e não disse nada. Mas pela madrugada Joana acordou sacudida pelo marido.

— Sabes que a tua camarada teve hoje um faniquito lá no teatro?

— Hein?

— Ao descer da apoteose final, caiu desmaiada. Caiu nos meus braços, que eu estava perto. Levei-a ao colo até ao camarim. É leve.

Joana ergueu-se e sentiu que o seu homem cheirava a vinho.

— Que horas são?

— Mais de três. Andei por aí a bordejar, a tomar uma pinguita, para ver se tomo coragem . . .

Joana ficou olhando. Os homens têm os seus dias de quizzfia. Não é bom contrariá-los com perguntas. Mas Serafim tinha a cabeça cheia do seu caso.

— Aquilo está o diabo, Joana! A tal do Carmo vai para três meses que me atenta.

— Uma senhora tão nossa amiga!

— Bem sei por quê. Ela desafia-me, ouviste?

É rica, tem dinheiro, mas eu tenho de ir com ela ou estou perdido. Meteu-se em brios!

E não lhe sendo possível narrar o apetite de Maria do Carmo, a estrela histórica que passava o teatro inteiro numa fúria sexual de assustar, despejou as cenas em frases curtas, sem seguimento. Ele afinal era homem. A tal do Carmo, logo que o vira, começara a provocá-lo. Os companheiros lho disseram. A gaja era maluca. Tinha dois amantes de chelpa, um fazendeiro e um deputado, fora os outros marchantes. Mas não lhe bastavam esses. De repente escolhia. Tivera um menino estudante. Ele, porém, não era de brincadeiras. Damas da alta com sedas, jóias, faniquitos, estonteavam-no. Tirara o corpo fora. Ainda assim a mulher insistia. Todo aquele carinho em casa era para pegá-lo.

— Que hei de fazer? O desmaio foi fingido, só para eu agarrá-la. É uma tipa que faz e desfaz no teatro. Se não vou, põe-me na rua. Depois, sou homem. Já os outros riem de mim . . .

Confusamente a perceber, Joana olhava-o . . .

— Isso acontece no teatro. Nem tem importância. O Juca da Olaria já teve uma corista que empenhava as jóias para presentear-lo. Era uma corista. Essa é estrela. Lá os rapazes dizem que eu devo aproveitar. No fundo estão com inveja. Dize-me tu se eu sou lorpa? A gaja é mesmo capaz de pensar que eu não presto. Pois vou. Acabou-se.

A sua revolta era a inconsciente revolta do vigor humilde, que não pode ter vontade. Não sabia bem se queria, se não queria, se devia ir ou não ir. Joana, diante de uma mulher da sua igualha, que lhe tomasse o homem, saltaria aos murros. A Fada das Pérolas estava tão alta, a preferência era tão envaidecedora, que lhe parecia outra coisa, como o teatro ou um grande baile — a que só o seu homem fosse convidado. Tinha dor, uma dor horrível, mas sem coragem de o dizer com receio ao cataclismo de que a pudessem culpar depois.

Serafim despia-se aos trancos. Atirou-se à cama. Em breve roncava. Ela ficou, chorando. Mal o dia abriu, estava a pé. A ânsia que lhe ia no peito. Era aquele dia! O seu homem ia . . . Tão bonito, tão forte, tão bom! O seu homem ia . . . Tudo quanto fizesse para obstar seria inútil. O seu homem ia . . . Que grande diferença entre ela e a Fada das Pérolas, num quarto de rendas, cheio de perfumes! O seu homem ia . . . se não fosse hoje, seria amanhã, graças àquele horrível teatro. O seu homem ia . . . Coitado! Porque a sorte a isso o obrigava. Ela tinha um homem qua as ricas desejavam. Desgraça! Desgraça!

Ao meio dia, Serafim acordou. Ela deu-lhe o almoço, ajudou-o a vestir a roupa limpa. Nem um músculo da sua face tremia. Talvez o pobre Serafim preferisse uma cena, para desabafar num par de taponas. Mas, nada.

— Faze uma boa janta.

Ela suspirou:

– Hás de vir com fome.

Um silêncio angustioso caiu. Ele era bom, não lhe queria mal. Apenas nos seus olhos, Joana via a Fada das Pérolas com a sua nudez, as suas jóias.

– Que se há de fazer? Vamos a ver! Não te aflijas . . .

Ele abriu a porta e saiu sem se voltar. Ela debruçou-se na rótula e viu-o caminhar ligeiro. Como se ele não voltasse jamais . . . Alguma coisa dentro do seu amargo peito batia.

– Ó Joana, não vás molhar a roupa?

– Já lá vou, mãe . . .

Voltou à tina, cantarolando. Na sua cabeça via Serafim entrando no palacete, via o grande abraço, via! Uma grande ânsia enchia-lhe a alma. Se não voltasse? Ele voltou às 6 da tarde. Era escuro já. O jantar requentava no fogão. Quando ouviu bater, Joana tremia. Serafim entrou. Era o mesmo, a paixão de toda a sua vida humilde, aquele que fora o seu homem. Deus! Como se podem dar dessas enormes transformações, sem que ninguém note? Por que é o mundo assim? A pobre mulher estava diante de outro, de outro ser, sentia bem, irrevogavelmente, resignada.

– Então?

– Lá me arranjei.

– Serafim!

– Acabou-se, agora.

Nesse dia voltou cedo. Mas no seguinte não apareceu. A Fada das Pérolas tomara a Joana a noite do seu homem. Quando o viu, às seis da manhã, ela ainda não dormira. Então foi para o rapaz do campo, desconhecedor do prazer, o delírio. Estava inteiramente dominado. Passava apenas horas em casa, a dormir. Na sua ingenuidade e como jamais amara Joana, achava natural aquilo e fazia à pobre mulher confidências. Os luxos da Carmo, os ciúmes dos amantes que pagavam, uma vez que a atriz lhe beijara os pés, outra em que pedira para que a esmurrasse.

– É maluca, mas boa . . .

A sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo continuava aliás a mandar presentes e a fazê-los principalmente a Serafim. O homem transformava-se. Tinha um relógio com cadeia de diamantes, tinha dois anéis de brilhantes.

– Vês. Deu-me isso. Os rapazes dizem que eu não a agüento. Mas eu sou homem . . .

Era vaidade, deslumbramento, desafio e tudo a misteriosa força da corrupção. Um dia ele contou que a Carmo tivera de apanhar.

– Andava a azoinar-me. Dei-lhe uma surra!

Joana admirava o poder do seu homem capaz de até escravizar tão alta senhora. Aos poucos a sua dor se desfazia numa expectativa orgulhosa. Ela interessava-se por um drama em que a personagem

principal era o homem a quem amava, o pai dos seus filhos.

- Ela é uma fera de ciúmes. Só não os tem de ti.
- Também por quê?
- E por que tu não os tens?
- Para te aborrecer?

Qualquer coisa sem que o sentisse quebrava dentro do seu peito. Tinha apenas a certeza vaga de que a sua existência normal desaparecera no dia em que soubera . . . Desde então sonhava a Fada das Pérolas. Era como se o homem tivesse ido ocupar um cargo importante, que só Deus poderia acabar. Estava perto todo o dia, solfocita, fiel, pensando que amava da mesma maneira Serafim; mas não via que o bom rapaz perdia um pouco a cor, tinha olheiras, queixava-se de pontadas, de tonturas.

Quando se amou uma criatura que nos abandona, mesmo que pensemos continuar a amar e esperemos a sua impossível volta, dá-se que nas suas doenças, somos incapazes de senti-las. É o alucinação da alma, o egoísmo vital, o que queiram. É principalmente o desinteresse inconsciente, a liberdade inconsciente.

Assim, ela própria, ao fechar a rótula naquela manhã de domingo sentiu estranha a idéia de falar a Serafim da dor na costela. E no quintalete, olhando a luz hibernal, teve uma grande tristeza, sem razão. Para distrair-se, foi arranjar os filhos, que iriam brincar na calçada, almoçou sem vontade, arranjou-se ela mesma, e à tarde ficou na janela a conversar com as vizinhas.

Ainda havia sol, quando viu parar esbaforido em frente à janela um rapaz do teatro.

- Aqui é a casa do Serafim?
  - Sim senhor . . .
  - Pois . . . a senhora é a mulher dele? Pois . . . A senhora desculpe. Mas o Serafim está mal!
  - Como?
  - Foi puxando um trainel . . .
  - Hein?
  - Veio-lhe uma golfada de sangue que não parou . . .
- Joana ficou lívida. A vizinhança apinhava-se.
- O médico é uma besta. Não fez nada! ganiu o rapaz.

Mas não foi preciso que ele dissesse mais. Pela rua vinha vindo um magote de gente em torno a uma pobre maca. E estendido, hirto, a camisa sangrando, a boca aberta, o olho vifreio, o cadáver de Serafim. A primeira hemoptise de sangüíneo afogara-o. Aquela vida de serviços a uma paixão delirante matara o pobre rapaz. Na algazarra, só Joana lívida não chorava nem gritava. Foi quem abriu a porta para entrar a maca. Na sala invadida, estava como alheada, olhando o cadáver. Os choros, os gritos continuavam em torno. E, de repente ela sentiu o silêncio. Toda a gente se voltava para ver saltar, do seu carro de seda a Fada das Pérolas, sem jóias, desgredada, a cara pintada, envolta num casacão. A pobreza, a miséria

daqueles coitados que não compreendiam senão a superioridade da riqueza sentiam a satisfação de ver a mulher da alta dar a prova final do seu amor a um pobre-diabo como eles.

— Joana! Minha pobre Joana! gritou Maria do Carmo, teatralmente. Morto, morto o nosso Serafim!

Joana olhou a Fada das Pérolas. Uma convulsão sacudiu-a. Era como se de repente, só naquele momento voltasse da catalepsia do instinto. O seu semblante esverdeou num súbito derramamento de bílis. Os lábios estavam roxos. Ficou entre o cadáver e a atriz.

— Senhora dona Maria, o homem morreu. Para que quer o cadáver?

A Fada das Pérolas recuava, a dor espetaculosa suspensa.

— Mas que é isso, Joana? Está louca!

— Há outros homens. Vá matá-los. Esse não presta mais.

— Joana!

De todos os lados havia protestos. Joana! Joana!

A pobre mulher caminhou para a atriz. Maria do Carmo estava já na rua, desmantelada, vexada. Dois rapazes do teatro logo a meteram na carruagem, enquanto ela soluçando se dizia desgraçada.

Então Joana voltou-se e viu o cadáver, o corpo forte e lindo inteiriçado, os cabelos crespos empastados na testa de macho, os grandes olhos arregalados. Deu um grito, um grito terrível.

— Tragam essa mulher! Tragam! Ele não me perdoaria! É dela que ele gostava! Serafim! Serafim! O meu amor! Tragam, se não eu morro. Tragam! Ele já não me queria. Dêem-no à Fada das Pérolas, dêem-no — o meu Serafim só dela, o meu Serafim!

E emborcou em convulsões sobre o cadáver enquanto no alarido dos circunstâncias a vitória de seda verde partia, levando a insaciável Fada das Pérolas.

## Encontro

Teodoreto Gomes olhou aquela mulher, uma, duas, cinco vezes. Era em Poços de Caldas, numa rua deserta. O esplendor do dia fazia-se de azul e de oiro. Um silêncio imenso pairava. E a mulher, sem curiosidade, debruçava-se à janela da casa baixa.

Teodoreto Gomes estava a fazer em Poços o mês de banhos. Ia já para quinze dias mergulhava matinalmente nas banheiras, ouvia depois assustadoras histórias de doenças, percorria várias roletas, conversava e sentia-se invadido pela familiaridade de toda aquela gente que, como ele, passava apenas por Poços. Teodoreto aborrecia-se por isso. Poços durante a estação perde a fisionomia na invasão dos clientes do Rio e de São Paulo.

Nos hotéis, na praça, nas ruas, junto ao caminho de ferro ou à empresa das águas, a população adventícia mostra as mazelas físicas e morais, com descaro. Há muitos jogadores; há muitas raparigas. Tanto uns como outros, não sabendo fazer senão o que faziam às escondidas nos grandes centros, fazem-se abertamente as diversões dos doentes, continuando sem perigo a mesma vida. E todos são familiares, contam coisas, indagam, convidam para passeios. Teodoreto era um delicado que vivera muito. Conhecia as estações d'água, as de mais luxo da Europa e, com reumatismo, um vago reumatismo muscular, ficava irritado com as feiúras da vida, levadas a Poços pelos banhistas de passagem. De modo que, para não piorar, andava só pelas ruas desertas, no rumor que se não ouve das ondas luminosas, ou parava largo espaço de tempo na contemplação do espetáculo das cores, de que o céu de Poços é o mais belo cenário do mundo.

Teodoreto ia pela rua deserta, abstrato. De repente a sua alma viu que os seus olhos se fixavam naquela pobre mulher. O seu coração bateu. Bateu desordenadamente. Apesar de vinte anos de consecutivo prazer, as surpresas da emoção ainda o agitavam. A criatura sorridente, cuja profissão não punha em dúvida, lembrava absolutamente uma outra figura do seu passado de rapaz, figura cujo sabor ainda guardava. Então olhou, uma, duas, cinco vezes, aproximou-se, não se conteve:

— Bom dia, menina.

A mulher riu. Estava de camisola de chita vermelha e tinha os cabelos negros d'azeviche.

— Bom dia, meu senhor . .

Teodoreto ficou gelado. Aquela voz, talvez não gasta, era como a recordação de uma outra voz, bem viva nos seus sentidos, voz quente e de carícia — a voz que cheirava a jasmim-do-cabo . . .

— Como se chama?

— Perguntador que o senhor é. Pra que quer saber?

— Para tirar uma dúvida.

Ela encolheu os ombros e quase ingênua:

— Chamo Adélia.

— Diabo! Juro que lhe ia dar outro nome!

— Qual?

— O de uma rapariga que eu conheci há muito tempo: Argemira . . .

A este nome, a mulher cravou nele os olhos até então indiferentes.

— Hein?

— Digo que você parece uma rapariga de nome Argemira.

— Entre, homem!

— Ora esta!

— Faça favor. Entre. Quero conhecê-lo!

A mulher saltara da janela, abria a porta. Teodoreto, nervoso, com um meio sorriso, entrou. Na sala paupérrima, a criatura seguiu, olhou-o muito.

— Que é isso? Dar-se-á o caso que me conheça também?

Ela esteve ainda um tempo, fitando-o, muda. Depois foi à janela. Fechou-a. Voltou. Sentou-se no sofá muito encolhida. E rompeu num choro brando.

Teodoreto não sabia o que pensar. Tomou-lhe as mãos para fazer alguma coisa, disse:

— Não chore. Sou bom rapaz. Se a magoei, foi sem querer. Que mal faz tomá-la por outra?

Ela continuava a chorar, baixinho. E, num suspiro entrecortado:

— Ao contrário . . . ao contrário . . . Mas como está mudado, Teodoreto!

Teodoreto recuou um pouco, trêmulo. Era ela, era a sua Argemira, a pequena que amara.

— Argemira?

— Estou velha, não?

— Não, não . . . estás . . . uma senhora apenas . . .

— Uma mulher, Teodoreto!

— Quanto tempo?

— Quinze anos.

Gentilmente Teodoreto sorria para o semblante dela, molhado de lágrimas. Uma onda de recordações enchia-lhe a alma. Fora o seu melhor amor, o primeiro. Ele tinha dezoito anos; ela treze, tão precoces . . . O seu orgulho dele já homem era dar confiança de namorar aquela criança. A vaidade dela era ser como as que já vão casar. A princípio brincadeira, troca de parte a parte. Teodoreto era de

gente rica; ela de trabalhadores lá nas Laranjeiras. Aos poucos foi o hábito a aumentar-lhes o desejo e como durara dois anos quase uma ligação ardente. Ela arranjava sempre meio de se verem pelas ruelas propícias, entre árvores. Era morena, respirava uma saúde ardente e logo que o via colava-lhe os lábios nos lábios. Ele dizia que ela toda cheirava a jasmim-do-cabo. E brincavam e amavam-se, ele ensinando, ela aprendendo vertiginosamente . . .

Às dez da noite, ele dizia aos companheiros da Academia, no Largo do Machado:

- Bem: vou à minha aula de amor!
- Cuidado! Não percas a discíspula!

Os companheiros tinham inveja. Mas a Argemira não podia passar de um passatempo! Teodoreto metia-se no bonde e lá ia ao passatempo. Lembrava-se de uma noite de domingo, em que a Argemira convencera os pais da ida a um teatro com as amigas. Tinham subido para as Águas Férreas. Fazia um estranho luar. O luar sempre o entontecera. O luar é o mel do amor, é a luz dos desejos. Mas o daquela noite ficara na sua memória como uma alucinação. Tudo era de brando doirado. O céu apagava as estrelas para que a lua o inundasse. O ar parecia tecido de azuis pálidos. As ruas, os caminhos, as ladeiras, os montes boiavam com vagos reflexos de prata, e as árvores cobertas de lua pingavam luar . . . Tinham corrido os dois a ver o rio, onde as águas dançavam a dança dos reflexos da grande luz sensual. Ela dissera:

- Tu és bom!

Abraçara-o muito, com a boca em oferta, a boca, corola de rosa. E ele beijando-a, ia a despi-la.

- Tu és o meu amor. Foste talhada em âmbar pelo luar. Tu cheiras a jasmim-do-cabo. Tu és a noite. Os teus cabelos são a treva, o teu corpo é a alma do luar. Meu amor! Meu amor!

Ela não compreendia aquelas tolices do desejo lírico. Mas compreendia o desejo.

- Não dirás nunca mais essas coisas a outra mulher?
- Com uma condição . . .
- Não tenho condições . . .

E durante dois anos quase tivera-a assim! Só o receio das conseqüências não o fizera abusar. Fora apenas o delírio, a ternura exasperada dos prazeres em torno, a fúria de não possuir completamente aquela flor que se entregava, uma fantasia de fauno amando a virgem que quer ser amadrinada. Essa tensão nervosa desequilibrava-o, emagrecia-o, dava-lhe idéias extravagantes. Não pensara uma noite inteira em participar o seu casamento com Argemira? Não estudara até uma frase? Meu pai - essa criança é minha esposa perante Deus! Não dissera. Mas no encontro seguinte exigiria de Argemira o encontro em casa dela. Era depois de meia-noite. Pulava a janela. E ficavam os dois, sem poder dizer palavra, na salinha, em longos beijos delirantes . . .

Quando o pai perguntou um dia:

– Quererás vir conosco à Europa?

Ele ficara calado. Nunca fora à Europa. O pai desejava-o formado antes. Se o convidava para o passeio anual da família era certo por desconfiar. Não queria ir. Mas, como negar? Depois nunca tinha ido a Paris e fizera dezoito anos . . . Ao cabo de alguns dias decidiu ir sem prevenir Argemira e até o último instante gozara dos seus beijos – sendo correto.

Ao voltar, sete meses depois, os rapazes seus colegas nos cafés do Largo do Machado estavam-lhe com muito mais inveja.

– E raparigas em Paris?

– Nem se fala!

– Felizardo. E tu então que és professor. Por falar nisso aquela tua discipula . . .

– Argemira?

– Tomou outro professor.

– Como?

– Mais infeliz. Foi pegado e casou. É um rapaz alto, do comércio. A família com o escândalo, mudou-se . . .

Teodoreto pensou na laviandade e na ingratidão das mulheres. Nem aquela a quem ensinara tudo e a quem respeitara.

Pateta! Se a encontrasse – pobre marido!

Mas nunca mais a vira. Onde se metera a rapariga, que não o procurava? O desejo insatisfeito não morrera. Havia também despeito. Mas a vida é uma poderosa corrente. Outros namoros, outras mulheres, outras idéias, os estudos, a formação, as viagens, os trabalhos tinham aos poucos tranquilizado a recordação. Não a esquecera, não. Homem, cheio de negócios e atribulado de amores banais, já meio calvo e já reumático, às vezes pensava em Argemira.

– Que boa!

Erguia os olhos, dilatava as narinas, a evocar o seu perfil e o seu divino e delicado cheiro. Mas não daria um passo, não sentia a necessidade de dar um passo para tornar a vê-la. Esse primeiro amor era como uma história interrompida, a quase legenda dourada dos seus vinte anos . . . Precisamente muitos meses havia, nem se lembrava mesmo de Argemira. E de repente aquele encontro! Que imenso choque, quando menos esperava! Nunca pensara . . . A Argemira . . .

Teodoreto, com os olhos na pobre mulher, um pouco enleada, tremia recordando. Um silêncio caíra. Argemira, com os olhos vermelhos de chorar, torcia a ponta da camisola. Então ele perguntou:

– Como foi isso, Argemira?

– Desgraças da vida . . . Você sabe que eu casei? Pois casei. Quando você desapareceu sem dizer palavra, fiquei tão aborrecida, Teodoreto! Apareceu aquele. Quis saber se podia esquecer a ingratidão. Ele abusou. Papai obrigou-o a casar. Você deve conhecê-lo. É o Antunes da casa de ferragens Antônio e Pacheco, José Antunes.

Não conhece, não? Bom homem, coitado! . . . Mas sem saber falar. Eu casei. A gente casa! . . . Mas a verdade é que não gostava dele. Era sina. Mamãe dizia que foi praga. Da companhia de Antunes fugi três vezes. Ele, com rogos e ameaças, fazia-me voltar. Afinal cansou, e eu que estava com um tocador de rabeça do teatro, caí na perdição . . .

Tenho rolado, Teodureto! Afinal, há dois anos vim para os banhos. E achei aqui tão sossegado e estava já enjoada do Rio e de São Paulo, que fiquei. Quem diria, Teodureto, que eu te ia ver depois de tanto tempo! . . .

Teodureto ouvia-a; e aos poucos aquela voz, o som daquela voz independente do que dizia, ia atuando na sua carne, acordando uma a uma as afinidades secretas que o ligavam ao outro corpo. Uma onda de desejo aquecia-o. Aquela mulher era o acordar da sua sensualidade, o primeiro grande momento da volúpia, e ele sentia que ela sobre o seu corpo conservava todo domínio, porque não a tivera nunca por completo, porque não a possuía bem. Argemira fora o amor que não chegara à sua plena realização. E quinze anos depois, por isso, encontrando-a pobre perdida da cidade do interior, a tarântula do desejo mordia-o; e por isso a sua emoção era agora outra. Pegou-lhe na mão. Disse:

— Pareço velho?

— Você já em menino era tão levado! Como deve ter pintado!

— E você então!

— Eu até fiquei aborrecida, confessou ela ingenuamente.

Ele chegou-se mais.

— Mas que menina ingrata!

— Ingrata por quê?

— Casou, teve o rabequista, pintou o sete quinze anos, e nunca se lembrou de mim! . . .

Ela ergueu os olhos grandes de censura.

— Ah! Teodureto! Que falsidade! Não quero que você me acredite. Não vale a pena. Mas nunca esqueci. Nunca.

— Deveras? interrogou Teodureto, enlaçando-a naturalmente.

— Por esta luz. Parece que estava sempre esperando. Muitas vezes fechava os olhos e lembrava você, você do tempo de rapaz, quando corramos os dois as Laranjeiras . . . Para aturar os outros, de vez em quando pensava em você.

— É boa! riu Teodureto, colado a ela.

— Não ridicularize, não. Faz quinze anos e eu lembro como se fosse ontem. De outras coisas tenho esquecido. Daquilo nunca. Era bom. A gente só não esquece o que é muito bom.

Teodureto agarrou-lhe a cabeça e num ímpeto juvenil esmagou-lhe os lábios. Ela desvencilhou os braços para apertá-lo sofregamente. Aquele beijo tinha a fúria adolescente do outro tempo. Estiveram assim um largo momento acima da marcha dolorosa do tempo que envelhece. Mas Teodureto, cego de desejo, queria enfim

completar o que havia quinze anos o seu temperamento secretamente esperava. Ergueu-se.

– Vem daí.

Agarrou-a pelo braço e então viu que ela estava muito pálida.

– Não! Não!

– Não? por quê?

– Porque não!

– Deixe de tolice.

– Não!

– Não queres!

– Teodureto! exclamou ela.

– Queres?

– Quero, sim.

– E então?

– Teodureto! e rompeu a chorar. Não é por nada. Não é por nada, meu filho. Mas não. Nunca. Não posso . . . É só por mim . . . nem posso explicar . . . Tudo o que você quiser. Menos isso . . .

– Mas por quê? indagou ele colérico.

– Teodureto, seria como os outros, seria tal qual . . . Meu benzinho, eu não minto, não posso mentir para você. É negar isso que é minha vida, não tem importância.

– Vem daí. Deixa de parte.

– Não é parte, não. É coração. Que pena não poder dizer direito! É coração, Teodureto. Se eu for para você o que sou pra todos – por quem hei de esperar, em quem hei de pensar? Teodureto, tudo como dantes, ouviu? Tudo! Menos isso. Pra eu pensar sempre em você, pra esperar, pra lembrar uma coisa muito boa que eu quero muito e não provei, pra lembrar que ainda sou menina . . .

Ela estava de joelhos, enrodilhada a seu pés, soluçante. Ele com a sensibilidade de homem procurava compreender.

– Como, criatura?

– Sim, Teodureto. Eu sou uma desgraçada. Não espero mais nada da vida. Só. Sozinha . . . Sem mãe, sem pai, sem ninguém . . . São todos tão maus, tão indiferentes que não me entram no coração. O único bem da minha vida é lembrar aquele tempo de amor em que você me respeitou, e toda a noite eu penso e é essa lembrança que me dá coragem para não morrer. Toda noite eu sou a Argemira das Laranjeiras . . .

Neste momento, os dois, Teodureto a olhá-la, ela de rojo a soluçar, ouviram bater à porta. Argemira ergueu-se de um pulo. Teodureto perguntou:

– Quem é?

– É um comendador do Hotel da Empresa que costuma vir a esta hora. Mas não me olhe assim, Teodureto. Por Nossa Senhora, que diga o meu coração. Se você duvida, faça o que quiser. Mas lembre que vai matar tudo, vai desfazer o coração que mais tem pedido por você . . .

Teodoreto teve um ímpeto. Mas recuou, passou a mão pelos olhos, e perguntou baixinho:

— É agora, como hei de sair sem te comprometer, Argemira?

Ela murmurou como se desse escapada a um amante:

— Sais pela porta do meu quarto, na ponta dos pés! Como é bom o meu sonho! Como compreendeu a pobre alma da sua Argemira!

Puxou-o, meteu-o no quarto que tinha uma porta para o corredor, agarrou-lhe a cabeça num perdido êxtase d'amor, beijou-lhe os olhos, a face, a boca, murmurando, sussurrando:

— Teodoreto! Teodoreto! Teodoreto! Como nas Laranjeiras! Teodoreto meu bem! Teodoreto, como outro dia, quando papai estava em casa, de noite . . . Teodoreto!

Mas bateram de novo. Ela despegou-se dele, rápida, fechou a porta. E Teodoreto ouviu na sala a voz do comendador, grossa e idiota:

— Mandriona! Estava a dormir, hein?

Então, sem saber, saiu, na ponta dos pés. Quando se viu na rua a caminhar depressa, ágil e leve, achando em todas as coisas uma alegria nova, Teodoreto sentiu a sensação deliciosa que não mudara, que era moço, que desejava, que descia as Laranjeiras com a vontade de voltar, que subitamente readquirira o desejo contido quinze anos passados. E as damas e os cavalheiros balneários viram entrar no hotel um outro Teodoreto, cuja mocidade apagava mesmo uma triste calva e a ruga do lábio . . .

## Exaltação

As senhoras da melhor sociedade não tiveram apenas um digno movimento de repulsa, foram presas de medo – um medo galopante. Marguett Pontes conservava-se sempre exemplar a olho nu. Com amantes ou sem amantes, o comportamento era irreprochável. Há comportamento e comportamento. Para uma senhora de sociedade nem o *flirt* (que é uma concessão moderna e americana), nem a insistência de um camarada (que é a renovação dos sigisbeus venezianos), pode ou deve ser considerada prova de mau comportamento. Mas uma senhora apaixonar-se, deixar o marido, passar a viver com um outro cidadão, sem cumprimentar as conhecidas damas da mesma classe para lhes dar a elas o prazer de olhá-la com desprezo, ao menos – isso sim, isso é imperdoável. E Marguett Pontes fora assim. Bela, inteligente, passara de respeitável a desabusada, precipitara-se do templo da justa medida ao precipício do amor, e de modo tão escandaloso, que se tornara necessário deixar o Rio – cidade de um puritanismo cada vez mais severo, como ninguém ignora.

Quando, pois, em Santos, o transatlântico pôs-se em marcha e eu vi surgir no *deck* da direita, de vestido branco, envolta em gazes verdes, a linda e escandalosa Marguett Pontes, foi com o maior respeito que lhe beijei a mão.

– O imenso prazer!

– É verdade. Há quase um ano que não nos vemos. Vai para o Rio?

– Infelizmente. A Europa é a esperança remota...

– Eu também. E venho de Buenos Aires, ou antes, de Montevideu. Venho só. Você vai ajudar-me a passar estas horas.

– Quer dizer: vou ter a felicidade de não me aborrecer.

Falamos de Buenos Aires – essa Paris pampa, falamos de Londres, onde havia quatro anos encontrara-a a ela e mais ao marido dela em julho, fazendo o Tâmişa numa barca florida, com toldo de seda carmesim; falamos de Paris, do Regina Hotel, da Abbaye do Albert, da Rue de la Paix e por consequência dissemos mal da colônia brasileira em estado de civilização. Marguett Pontes continuava a ter espírito, e, apesar de certos exageros de vocábulos e de atitude que poderíamos considerar as extravagâncias copiáveis de uma titular russa, continuava a ser integralmente senhora. Tratei-a como tal. Não pensei em *flirts* nem quis indagar do seu caso. Tenho lido muito o Eclesiastes. Kohelet, que pode não ser o rei Salomão, mas não

deixa de ser por isso profundo, assegura: – “Tudo é vaidade. Nada de novo sob o sol”. Para que ter vaidade e praticar a impertinência de querer saber de cousas iguais às outras? Conversamos, pois, como camaradas até ao terceiro sinal para o jantar.

Desci a vestir-me, jantei, e quando de volta à ponte, encontrei a orquestra e um baile – o fatal baile dos transatlânticos. Marguett Pontes estava decotada, de vestido de tafetá negro, sem uma jóia.

– Quer dar-me o braço e levar-me lá para cima?

Subimos ao último tombadilho, quase deserto. Ela deixou-se cair numa cadeira de viagem, pediu-me cigarretas, aquelas egípcias com essência de *azar-youl*...

– Estou um pouco nervosa.

– Por quê?

– Acha V. pouco? Volto ao Rio, homem, e para a casa de minha família...

– Como?

Ela riu, suspirou:

– Acabou a felicidade.

– Não é possível. A felicidade, disse um filósofo, é o desenvolvimento da nossa vida em conformidade com as suas tendências.

– Sabe V. quais são as da minha vida?

E como eu me calasse:

– Meu caro amigo, que juízo faz de mim?

– O melhor possível.

– Não é responder.

– É dizer tudo.

– Quando soube que eu abandonava Pontes, pensou assim?

– Julguei que o abandonava para não fingir.

– E agora?

– Tenho a certeza de que sofre...

– Não é bem sofrer, é convalescer da aventura. Sabe que eu fugi com o Alberto, estudante de medicina?

– Que loucura! Pra quê?

– A fatalidade... Oh! Imagino o que se não disse de mim! Fugir, quando não era preciso, desmoralizar-me quando poderia conservar marido, amantes, e prestígio! Como deviam ter sido más para mim as que conservam tudo!...

– Nada para ser odiado como cometer atos que o comum não pode explicar...

– E este ato, meu caro, precisaria de ser explicado pela ilusão que vive nas almas... Olhe cá: você sabe que, antes de fugir com o Alberto, tive amantes?

– Francamente...

– Tive uns cinco, Pontes, a bondade em pessoa, nunca desconfiou, ou melhor, não se apercebeu.

Eu tinha-os como se tem um objeto. Não os amava, não me di-

ziam nada, senão o vago prazer de ter um amante, de ser bem, de ser desejada. Quando o Alberto...

– Que Alberto?

– Não faça perversidade. Ele era um simples estudante, mas o amor não espera a carta de bacharel.

– E a Marguett amou?

– Admirei, exaltei-me. É talvez mais. Quando esse menino foi para a pensão ao lado do nosso palacete, tinha por ele exatamente o que tinha pelos outros. Divertia-me, sem o sentir d'alma a meu lado. É fazia loucuras, obrigava-o a vir a casa, quando Pontes não estava, encontrava-o nos chás. Banalidade... Como v. deve estar lembrado, Pontes subia a ver a fábrica de vidros, uma vez por semana. Quando chegava, telefonava logo da cidade. Evitava assim, coitado! as surpresas; e eu tinha a certeza, ao passar das onze sem telefone, que meu marido ficara na fábrica.

Ora, um sábado, ao chegar do jantar das Camargo, às dez, encontrei Alberto. Conversamos até onze e meia e quando ele saía eu lhe disse:

– Enfim! Vens dormir hoje aqui?

– E teu marido?

– Está na fábrica. Se não telefonou, é porque não desceu.

– Marguett...

– Podes ficar tranqüilo.

– É que a posição é falsa. Acho desagradável ser corrido...

– Espera até uma hora. Se até lá estiver a janela aberta, ele não veio. Saltas o muro para não entrares pelo portão e pulas a janela...

– Marguett...

– Tens medo?

Ele sorriu e saiu. Pontes não telefonou nem chegou. Mandei dormir os criados, fechei todas as portas, esperei cheia de desejo e de curiosidade. À uma hora vi assomar ao muro Alberto em pijama. Levei-o no escuro, nas pontas dos pés, até o meu quarto, que era no salão da frente do primeiro andar. Nunca fizera aquilo, nunca tremera tanto, nunca sentira uma ânsia assim. Por quê? Era como se a minha alma esperasse alguma coisa de enorme, de imenso... Ele olhou o quarto, viu as janelas que abriam para fora, espregueitou o jardim, onde bem em baixo das janelas havia um grande canteiro de cravos. Depois caminhou para mim de súbito, com um ímpeto voraz d'assassino e eu desfalecia nos seus braços fortes, quando ouvimos o portão ranger. Ranger, fechar-se, e passos fortes, passos de dono de casa, pisarem a areia do jardim.

– Meu marido!

Ele largou-me, como se tivesse levado uma facada no ventre; eu caí tremendo, tremendo sobre os travesseiros. Um tremor convulsivo tomava-me, inundando-me de suores frios. E os passos pisavam a areia, subiam a escada, eu ouvia bater à porta.

Então senti-me sacudida por Alberto.

– Coragem, mulher, coragem!

– Meu Deus!

– Vai abrir! Vai abrir! Sossega. Quando voltares, não me encontrarás aqui.

Os seus olhos luziam, a sua boca era a da decisão. Tentei erguer-me. Embaixo bateram de novo. Se eu não fosse abrir, os criados apareceriam. Pontes teria suspeitas. Já estava impaciente. Então vi Alberto agarrar-me pelos cabelos, pôr-me de pé, empurrar-me, levar-me pela escada abaixo como magnetizando-me:

– Coragem! Abre! Não me encontrarás. Ou tens calma, ou mata-te!

Dei assim na porta. Alberto largou-me, subiu as escadas de novo, no escuro, rápido. Perdi a cabeça, abri a porta, como quem vai ser morta. Pontes entrou calmo.

– Estavas a dormir? Um atraso de trens, minha filha. Quatro horas à beira do túnel grande!

Deu-me o beijo dos esposos.

– Estás gelada!

– Pois! Tive um susto...

– Fecha a porta.

– Fecha tu!

– Malcriadinha...

Subi aos trancos. Ele atrás, com a *valise*. Quando entramos no quarto, estava uma janela meio cerrada. Um baque surdo em baixo fez-se ouvir. O meu coração apertou, espremeu de um jato todo o sangue. Fora Alberto que se atirara da janela. Teria morrido? Estaria estropiado? Não poderia sair do jardim? Iria ouvir os seus gemidos? Vinha-me o pavor do escândalo, os criados acordados, o rapaz preso, Pontes, a catástrofe, a minha vida perdida por aquela tolice, aquela criançada em que eu dera confiança a um rapazola ousado...

– Ouviste?

– Hein?

– Um baque no jardim.

– Deve ser na pensão ao lado...

– Quem sabe!

Pontes caminhou para a janela, abriu-a. Eu segui-o como um trapo. Visse ele Alberto e me precipitaria eu também por ela. Mas a janela tinha uma varanda que safa meio metro sobre o canteiro; e em frente, na *garage*, os faróis de um automóvel impediam de ver qualquer cousa.

Pontes voltou tranqüilo, despiu-se, lavou-se, escovou os dentes, enquanto eu, deitada, sentia renascer aos poucos a tranqüilidade. Quando, porém, ele soprou a luz, lembrei-me do canteiro de cravos. Pela manhã ele estaria desfeito. Pontes havia de vê-lo e ligaria a minha demora em abrir-lhe a porta, a algidez da minha face, o tremor, o baque surdo, e eu estaria adúltera com um amante que desaparece na sombra como um ladrão, deixando a prova, a marca do crime!

Passei a madrugada inteira assim. Mordia os lençóis para não gritar, queria levantar-me, correr ao jardim, e o medo de ver Pontes acordar, seguir-me, retinha o meu pobre corpo a tremer sobre o colchão. Que seria de manhã? Que aconteceria? Eu imaginava desastres irremediáveis e prodígios, subitâneos milagres de santos. O meu cérebro ardia na febre do medo. Medo por mim, por mim só. Não vinha à minha memória Alberto, porque não safa dela como o motivo das catástrofes. Nem sombra de piedade, nem dor de saber que se atirara de uma altura de cinco metros – nada, a não ser a raiva surda diante do inexorável que seria dentro de três horas, de duas horas, de uma hora, de alguns minutos...

Pontes acordou às nove horas. Eu estava a seu lado, cor de cera, com os olhos arregalados. Acompanhava cada movimento seu como se cada movimento decidisse o meu destino. Quando ele desceu para o banho, corri à varanda, olhei o canteiro.

Estava tal qual.

Como caíra Alberto, então? Ter-se-ia ferido? Haveria rastos de sangue? Enfiei o roupão, desci as escadas, dei no jardim no auge da ânsia. Estava tudo sem alteração. Não havia na areia senão a marca dos passos fortes de Pontes.

Em vez de tranquilizar-me, uma estranha emoção apoderou-se de mim. Que teria feito esse rapaz? Onde estaria? Era preciso falar-lhe, ver se não lhe tinha acontecido alguma cousa. Tornei ao quarto, comecei a vestir-me febrilmente. Meu marido, em roupão de banho, surgiu:

– Que é isso? Sais?

– Provas da Clemence! Tenho de provar os vestidos às dez e meia!

– Estás pálida.

– Enxaqueca!

– Não almoças?

– Depois... sem apetite...

Vesti-me, saf. Não sabia bem o que ia fazer. Estive para entrar na pensão. Ir até ao quarto de Alberto. Tomei um táxi, mandei tocar para a cidade, rodei largo tempo sem tomar uma resolução, lembrei-me do telefone, enfim. Parei num estacionamento comercial, liguei para a pensão. O sr. Dr. Alberto não estava. Era impossível perguntar mais. Deus! Teria acontecido alguma desgraça? Retomei o táxi, inteiramente fora de mim, para voltar a casa. Já passava de meio-dia. Era decerto a morte, a prisão, o fim... Quando, porém, o automóvel parou à porta da minha casa, não contive um grito: Alberto!

Alberto safa da pensão calmo, tranqüilo, homem, homem, imensamente homem. Ajudou-me a descer, falando baixo:

– Atiraste-te da janela?

– Sim.

– E o canteiro?

– Só lembrei o canteiro quando já estava no quarto, depois de ter passado uma hora nos caixões do fundo do quintal por causa dos fardis da *garage* que podiam me mostrar à rua... Felizmente lembrei-me a tempo. Voltei então, e até quatro e meia endireitei tudo para que não houvesse vestígios...

Encostei-me ao portão. Como ele era bonito, como era generoso, como era amigo, como era homem! E eu o tivera e não o conhecera. E eu era amante desse homem, pensando em conveniências sociais, nos egofsmos hipócritas, quando ele, sem esforço, expusera a vida com inteira calma generosa, uma noite inteira, ao sorriso da minha tranqüilidade! Agarrei a sua mão forte, rompi num soluço, num largo choro que me lavava de todas as misérias passadas, transfigurada, redimida. E, sem conter-me, na rua, porta da minha casa, caí sobre essa mão de homem aos beijos como uma doida....

Era a minha fatalidade, o golpe transformador, o irremediável. Não poderia viver jamais como até ali vivera. Nessa mesma noite fugi para a vida que é dor, para a dor que é vida...

Houve um largo silêncio, em que ouvíamos apenas o marulhar do oceano e o vago som dos violinos embaixo. Do céu caía sobre a noite o cendal das estrelas doiradas. Uma pesada viração sacudia os panos do toldo, Marguett Pontes tombara na cadeira, arfando.

– Tremenda aventura! fiz para dizer alguma coisa.

– Deliciosa aventura, divina aventura... murmurou ela em êxtase.

– Mas o amor passou?

– Ter-me-ia amado ele? Que importa? Não vem ao caso. Passou? Talvez não, talvez sim. Deu-me, porém, a força de adorar, deu-me a exaltação, salvou-me do horror dos preconceitos, das hipocrisias, dedicou-se por mim. Se estivesse como antes da aventura hoje – e me mostrassem o que teria de acontecer – eu procederia do mesmo modo. A vida seria uma abjeção, se não tivéssemos na treva desses heroísmos silenciosos, que transfiguram os entes.

Eu olhava Marguett Pontes, com um ar compungido. Ela voltou a si, rindo.

– Dê-me outra cigarreta. A apostar que não imaginou nunca assim a causa da minha fuga do lar?

– As mulheres são esfinges...

– Porque os homens não compreendem o que elas são: a exaltação amante diante de tudo quanto é nobre e bom.

E sem mais coragem, Marguett Pontes rompeu a soluçar. O vento crescera. E o céu sobre o oceano escuro era um imenso la-crimário de oiro na palpitação suave do pranto das estrelas... Só no silêncio ansioso não se ouvia mais o som dos violinos embaixo.

## Puro amor

— Sim. Para que negar? Eu não gosto de brincadeiras com as mulheres. Está a rir o senhor? Ah! não tenho para as frases bonitas e versinhos que digam o meu pensamento. Mas sou franco. Falo logo. Digo o que tenho a dizer. Não gosto de brincadeiras com as mulheres . . .

Que idade tenho? Ando em vinte e um. Há onze que deixei a terra, a aldeia, os pais. Vim para o Brasil como caixeiro — caixeirito af de taberna. Sou simples caixeiro. Há quase uma dúzia d'anos mourejo sem descansar. Estou forte, graças a Deus. Não tenho tempo para doenças. Só uma vez estive na Ordem. Aqui é vir, é trabalhar, é juntar. Agora, nem mesmo se junta mais. Tem-se o cuidado da roupa, de um par de botas, do cabelo bem aparado, de uma flor para o peito . . . Tudo isso custa dinheiro. Não pode uma pessoa juntar, quando as despesas aumentam. A taberna dava tão pouco que tive de passar para um botequim. Estou no botequim há cinco anos. É na Rua do Lavradio. Conhece? Vão lá soldados, rufiões, e mulheres, muitas mulheres. Algumas eram bem bonitas no meu tempo.

Está o senhor a rir outra vez? Eu não lhe disse que sempre fosse contra as mulheres. Até brincava com elas, fiava-lhes anis, café, porções de mortadela. Que essa gente quanto mais ganha, menos tem. Muitas, depois de pedirem coisas, indagavam:

— O João, queres ser meu amigo?

Amigo, eu? Para ter de as acompanhar aos passeios, defendê-las das outras, esperar de fora as horas que elas entendem? Eu não! Uma pessoa tem princípios, nasceu de gente séria, e não se arrisca a estragar a vida, agora por causa das fúfias. Brincadeiras, favores — vá. Aturá-las é que não. Sempre tive uma prevenção cá dentro. Parece que adivinhava. Por que eu gostei duma . . .

Torna o sr. a rir. Não esteja a zombar. Gostei. Não nego. Muito. Ainda gosto. Também era diferente das outras. Fora um rapaz lá na terra que a enganara. Ela que havia de fazer? Estava a morar na Rua do Lavradio. Mas era mais séria que as outras. Nada de pândegas, de esbórnias, de farras. Tinha vinte anos quando a conheci. Mais velha do que eu. Quando pedia as coisas à gente, ficava corada. E tinha medo à polfícia, dizia sempre:

— Ai, Jesus! que me prendem!

Gostei dela. Para que negar? Uma vez a perseguição estava

forte e eu pedi ao inspetor que a soltasse. O inspetor bebia muito fiado no botequim e consentiu. Ela veio logo a tremer com uns olhos muito grandes a chorar.

— João, és o meu homenzinho. Ninguém nunca me protegeu assim . . .

O sr. sabe, a gente precisa também de ter um carinho. Consola a alma, faz bem. Fui lá à casa, coitada! E não me arrependi. Ao terminar o serviço, corria a vê-la, e até com ela safa a passear. Era uma rapariga séria, que não se dava ao desfrute. Nunca a vi na rua com um homem, a não ser comigo. Só punha o pé fora, para as compras. E depois que boazita! Quando um homem estava arreliado da vida, ela só consolava, só afagava; quando se sofria de uma dor, parecia que ela também sofria. E, como estava sempre a exclamar: ai Jesus! dava ganas de pensar no céu e nas coisas tristes que os fados cantam.

Uma vez, já lá iam seis meses dessa vidinha e eu já me aborrecia em segredo de saber que até à uma da manhã ela era de todos, apesar de só gostar de mim. Assim, arranjei uma dor de cabeça e fui vê-la mais cedo.

— Foi bom vires, João. Temos que conversar, disse ela ao verme entrar.

— Conversa, mulher . . .

— Mas eu queria que não te zangasses . . .

— Que há?

Ela rodou um pouco. Depois disse:

— Sabes a minha vida como anda atrapalhada. Não tenho jeito para a janela. Também não quero ir servir af de lavadeira ou copeira.

— Então?

— Então, João, eu encontrei um homem . . .

Senti um grande puxão cá dentro da alma, tão grande, tão grande . . . Ela continuava a falar:

— É um homem sério, negociante de louças. Quase velho. Tem dinheiro. Dá-me tudo quanto eu quiser, e ainda compra a casa da madama para eu ficar como dona.

— Vais tirar o ventre da miséria.

— Mas ele quer vir dormir cá toda a noite, e tu...

— Eu não sou nada.

— Não digas tolices!

— Vou-me embora.

— Ainda temos uma noite.

Fiquei com um ódio de repente!

— Deixa-me.

— Escuta...ai Jesus! é a minha vida, rapaz.

— Pois arranja-a!

E desci a escada depressa. Mas chorei toda a noite. De dor ou de raiva? Parecia impossível que ela, uma rapariga tão sincera, fizesse aquilo. No fundo, porém, era séria. Se eu não podia — tratava

dos seus negócios seriamente. Eu é que era posto de lado, assim. Que pensaria ela de mim? No outro dia passei-lhe pela janela. Ela lá estava, mas eu fiz que não via. Passei assobiando. Nada de dar o braço a torcer. E custava tanto!

Estive assim uma porção de dias. Já não estava acostumado com a minha cama estreita e suspirava e chorava toda a santa noite. O Justino, meu companheiro de quarto, é que me levava a espaiar, contava história, imitava os atores engraçados. Eu acompanhava sem coragem. Uma tarde fomos ao Campo de Santana e quem eu encontro? Ela com o tal sujeito das louças, todo abrihantado! Estava outra, de chapéu, com safiras nas orelhas. Ai que ódio, que ódio o meu! Cheguei a parar uns dez passos adiante.

— Justino, eu mato aquele sujo!

Estava tudo escuro em volta. Mas olhei para trás e ela, que se reclinara no ombro do homem para olhar-me, parecia com tanto medo, tanto que até cuspi para o lado:

— Porca!

E fui andando.

Mas, o sr. pensa que ela ficou desgostando de mim? No outro dia, quando me viu — riu. Eu bem vi o seu risinho meio triste, meio desconsolado, e não tive coragem: olhei para ela também. Então ouvi a sua voz:

— Boa noite, João!

Que devia fazer? Respondi:

— Boa noite, sr.<sup>a</sup> d. Rosa.

E passei sério, sem dar confiança. Ao fim da semana, ela disse da sacada:

— Ó João, sobe . . .

Não tive mão em mim. Subi a quatro e quatro a escada. Mas é quase para não acreditar. A Rosa recebeu-me como uma senhora, sem um abraço, sem nada.

— João, és meu amigo?

— Ainda perguntas, Rosa...

— Porque quiseste estragar a nossa vida no Campo de Santana?

— A nossa vida . . .

— Sim, a nossa. O homem dá-me tudo. Estou pagando dívidas, enroupando-me. Ele tem muito ciúme. Se vem a saber que o engano, abandona-me! E eu fico outra vez ao deus-dará. É triste voltar à miséria, ter que ir para a janela . . . Ai Jesus! Você não ajuda a Rosa, João.

— Eu quase mato outro dia aquele sujo.

— Sujo porque tem dinheiro?

— Porque tu gostas dele.

— Quem to disse? Eu só gosto de uma pessoa no mundo — és tu!

— Pois sim . . .

— Para que preciso de mentir? Eu não esqueço João. Nunca se-

ria capaz de passar por ti sem te falar. Os homens são maus . . .

– Mas, se gostas de mim...

– Vão contar-lhe e eu estou perdida.

– Rosa!

– Escuta. Tenho que ser honesta. Nunca te menti. Chamei-te para pedir um favor. Espera que eu me possa ver livre dele. Depois continuaremos. Ele ainda não me comprou a pensão. Mas até lá – sê meu amigo, vem conversar, deixa que eu te veja, meu bom . . .

Estava a chorar. Não respondi. Ao demais, ela mostrava que me queria bem. Era correta lá com o tipo das louças, mas não me desprezava. Voltei, pois – para conversar. E acredite, ficava furioso quando os rapazes no botequim, ao ver-me partir, diziam que eu ia lavar a louça . . . Não! Respeitava o seu pedido. Se bastava ir vê-la com a esperança do dia em que ela deixasse o negociante . . . O diabo é que ela gostava das minhas visitas, agora, durante o dia, de fugida, entre dois fregueses.

– Ai, João, que saudades tenho das nossas noites!

E as mulheres, as outras, tinham inveja de Rosa, com um namorado que não passava da sala de janta.

Um belo dia, havia de ser duas horas da tarde, disseram-me no botequim:

– Então, a Rosa muda-se?

Como? Ainda na véspera lá estivera e não me dissera nada! Perdi a cabeça. Era como se me tivessem dado a notícia de um incêndio muito grande. Corri à casa de Rosa. Encontrei no quarto um velho de bigode grosso, que não era o tipo das louças.

– Que quer?

– Venho perguntar se a senhora precisa de alguma coisa.

– Ó Rosa, gritou o sujeito, tens aí um caixeiro.

O senhor sabe que eu sou um simples caixeiro. Gritei também:

– É o João, minha senhora, o João...

E chamei “minha senhora” para o velho não desconfiar. Ninguém tinha de saber da nossa vida. A Rosa apareceu.

– Ah! é você? Realmente, eu preciso. Venha cá.

Foi levando-me para a escada, e dizia baixinho:

– Não me percas, João. É o meu futuro, esse velho. É o sócio do outro. Dá mais. O outro falhou com o dinheiro da pensão. Esse vai fazer a nossa felicidade. Dá-me uma casa com criados nas Laranjeiras. Vou viver séria. Não tenho jeito para perdida. Logo que tomar pé, mando-te um recado. Havemos de nos ver agora, se o velho me não tomar o tempo todo. Meu João, meu amor, dize que não queres mal à tua Rosinha, dize. O meu coração é teu. Dá-me a tua boca. Bom . . .

– Mas, Rosa . . .

– Não fales; domingo, domingo conto-te tudo. Pelos momentos bons que eu te dei, pelas santas alminhas que estão no céu, não me percas . . .

— Rosa . . .

— E, escuta, não venhas mais aqui, não tenhas nenhuma destas mulheres. Eu ficarei triste se souber que queres outra mais que a mim. João, meu homem . . .

Era bonito fazer uma cena? Depois, não adiantava nada. Talvez até ela deixasse de gostar de mim. Voltei ao botequim que nem parecia. Quando me perguntaram se eu sabia, disse que sim. Quando indagavam onde era a nova casa, eu respondia:

— Que têm vocês com a vida da mulher?

E esperava a carta em que ela me contaria tudo. Mas, nem tudo é possível. O velho com certeza tinha ainda mais ciúmes do que o outro — porque ela nunca mais me escreveu. Também não a vi mais. e se a vir, é até melhor que não aconteça o vê-la. Porque dessa eu gostava. Gosto. É uma rapariga séria. Das outras não. Se se sofre com uma rapariga direita quanto mais com as ordinárias! Isso de mulheres é uma gentinha que não vai comigo. Conheço o mundo. Tenho visto padecimentos. Nada de brincadeiras . . .

Mas que está o sr. a olhar para mim assim? Aposto como o sr. está imaginando que se eu tivesse o dinheiro a Rosa não me deixava. É da vida, o sr. sabe? É da vida . . . Não se pode ter tudo, e quase sempre só não se tem o que se deseja. Ela era tão séria! Até hoje não durmo direito, pensando . . .

O sr. está com pena de mim? Diga? Eu pareço muito criança? Sou um tolo, um toleirão, pois não? Mas que quer? Até quando falo nela começo a sentir água nos olhos. Não é nada, não! Qual! É só uma vontade de chorar, de chorar . . . O sr. desculpe. Mas não posso. Nunca ninguém me viu a chorar. Está olhando o lenço? Foi ela que mo deu. Lenço é separação. Quando choro com este lenço até me dói mais a alma. Hei de lho dar quando a tornar a ver. Ele chorará também de pena. Porque é boa rapariga, tão boa...Mas nem tudo se pode na vida. E eu não sou nada, nada, nada, meu senhor . . .

## O milagre de S. João

Quando o comboio parou, uma lamuriante voz como que badalou:

– Coimbra!

José Espinha pegou da mala e precipitou-se. A estação estava inteiramente deserta. Foi ele próprio levar a valise para um outro carro de via férrea, sujo e desagradável. No seu compartimento, para oito pessoas – quatro de cada lado, como indicava uma tabuleta ao alto dos recostos ensebados, havia um cavalheiro gentil. José Espinha tinha o sorriso a seu pesar irônico. O cavalheiro gentil parecia inteligente, porque também sorriu:

– Vossa Excelência acha isto um tanto mau?

– Não senhor.

– Realmente deixa a desejar. Vossa Excelência é do Brasil?

José Espinha ia a dizer que não, que era mesmo dali, de Coimbra, a dois passos, que deixara aquela terra, aquele rio, havia vinte anos, e que enfim a saudade o fizera voltar. Mas estava muito habituado a mentir e a desconfiar. Contentou-se, pois, com sorrir, sem dizer coisa alguma.

O homem, porém, não perguntara para saber, perguntara para falar.

– Ah! o Brasil, grande terra, muito dinheiro! Vossa Excelência chegou bem aliás, em véspera de S. João. A noite está quente e bonita.

Da estação à cidade, naquele comboio, eram três minutos. O homem amável despediu-se. Um agente do hotel agarrou-lhe a mala e José entrou na cidade, pela grande rua, que é o cais do Mondego ajardinado. A cidade deu-lhe uma impressão de que estava vazia e estava cheia, cheia de almas, de amores, de impalpáveis seduções. Deixou a mala numa hospedaria, mesmo ali num recanto – que não era para os primeiros hotéis. O agente da locanda disse-lhe:

– Saiba o meu amigo, Coimbra está assim! Toda a redondeza! Dos arredores vieram para ver as festas. Ah! os estudantes organizaram um S. João de primeiríssima. As raparigas, as tricanas que dançam, são todas sérias, escolhidinhas.

José lavou o rosto, as mãos, deu um jeito ao cabelo, abriu uma carteira, olhou bem uma pequena fotografia ordinária. Era a fotografia de uma aldeã viril e forte. Depois sorriu e foi-se a passear. No

dia seguinte veria a dona da fotografia. Havia tempo e o seu coração não tinha ímpetos.

Naquela pequena cidade, onde todos são notados, quem o visse era como se o não visse. José Espinha, magro, picado de bexiga, tinha um passo de veludo, um passo de raposa em torno do galinheiro. Com as mãos nos bolsos, não fazia um gesto inútil, nunca. A impressão era de que não andava, era de que aparecia por intermitências, com dois olhitos verrumantes e desconfiados. E toda aquela gente, no gozo báquico da festa, aparecia brutalmente, ingenuamente, apresentando em cheio as fisionomias.

José Espinha foi despachado pelo pai aos dez anos de idade para o Brasil. Era um garoto raquítico, enfezado, feio e talvez mau. Gostava imenso de fazer mal aos bichos. A mãe chorara muito. O pai dera-lhe uma coroa, como começo de vida. Era sempre mais do que poderia vir a arranjar naquela terra, onde se passa com um peixe assado nas brasas e uma broa. José veio numa leva de imigrantes e pusera a coroa num saquinho, ao pescoço, para que não o roubassem. O barulho, a algazarra da terceira classe, a bordo, não o deixaram ter saudades. Sabia de cor umas cantigas e outros portugueses fizeram-se seus camardas, protegendo-o. Ao chegar a Pernambuco, estando o navio fundeado, tanto se curvou na amurada, para ver os grandes peixes a que os marinheiros atiravam abóboras quentes que a coroa escorregou e caiu no mar. Chorou de raiva; não houve consolo possível. Quando saltou no Rio trazia consigo cinco réis. Andou uns oito dias a rolar, sem casa, sem pão, e sem vontade de pedir emprego. Uma noite foi pegado a dormir sobre um banco. Os guardas levaram-no com outros muitos para a delegacia. Ao sujeito que o interrogava, deu informações trocadas, por desconfiança, mas a chorar.

— Por que me prendem? Ah! minha mãe! Ah! pai!

Acharam-no divertido e mandaram-no para a Detenção, onde deu entrada num enorme cubículo de que eram habitantes uns dez marmanjos de má cara, espanhóis, brasileiros, argentinos, portugueses. Passou um mês af, esquecido das autoridades. Mas num admirável curso de má vida e de ladroeira. Quem o fez sair foi o Bumba, organizando-lhe um requerimento de *habeas-corpus*. O Bumba era um célebre ladrão sentimental. Também saiu para entrar na nova profissão, fazendo parte da quadrilha do Bumba. Foi a princípio “goela”, por ter o corpo franzino, depois assinalador da polícia, “vigia”, depois “punguista”. Vivia naquela leva, sem pouso certo, dormindo nos recantos, nos canos abandonados, quando não havia chelpa; dando-se à esbórnia, quando conseguiam depenar um gajo. De tempo em tempo ia para a cadeia, onde passava algumas semanas — sempre com a sorte de não ter flagrante, provas. Prendiam-no por garoto perdido. Ele ria. Aos quinze anos havia dado entrada na Detenção umas vinte vezes, era o protegido oficial do Bumba; já protegia um pequenito de onze anos, fugido da casa dos pais por panca-

das e tinha três ou quatro nomes que lhe serviam, assim como o conhecimento rudimentar do código e dos subterfúgios dos advogados de porta de xadrez. Mas o que os outros lhe invejavam era a destreza, a genialidade, o sangue frio, com que executava os passes mais arriscados da arte. Só ainda não provara coragem. Uma vez, porém, o Bumba organizara com uns cocheiros o ataque, na ponte dos marinhos, a alguns sujeitos abrilhantados, de volta do teatro. Ele foi e, com uma imprudência de louco, estreou-se como gravateiro. Era esplêndido. Apenas os homens abrilhantados reagiram a revólver; a polícia correu, e José Espinha foi pegado pela primeira vez em flagrante. A sua condenação quase que não se realizou. José, que tinha um advogado palrador, discutidor da *societas sceleris*, de Lombroso, do direito italiano e das modernas teorias do direito penal, um jovem irritante, capaz de sacrificar mil vidas ao seu próprio efeito, só não foi condenado à pena máxima, pelo ar triste e ingênuo que imaginara, um ar humilde de coitadinho — que desarmou os jurados, convencidos pelo jovem advogado de que ele era um bandido da pior espécie. Ainda assim passou cinco anos recluso.

Quando voltou à liberdade, resolveu trabalhar só, por conta própria, no ofício de carteirista de primeira classe. Vestia-se corretamente e agia nos bondes, nas aglomerações, nos teatros. A sua inteligência desenvolvera-se para esse lado. Não era um gatuno, mas um prestidigitador, um ilusionista. Alfinetes e carteiras desapareciam do próximo, com uma facilidade de pasmar. A polícia conhecia-o. Os jornais falavam dele como de uma alta personalidade do crime. Ele, entretanto, nunca era conhecido. Estava às vezes perto dos agentes e não davam os agentes por ele. Tomara da sombra ensinamentos e com ela nos apertos fundia-se. Vários chefes de polícia pretenderam, com provas, remetê-lo para o cárcere; em vão! Um mesmo, o feroz Dr. Godinho, que fizera no vício e no crime da cidade uma verdadeira limpa, mandou prendê-lo um dia, sem motivo. Ele, que era mais do que advogado no conhecimento da sua liberdade, deixou-se conduzir por um agente amigo, a quem dava alguns dinheiros, de vez em quando. O Dr. Godinho estava na sua sala com vários *reporters* e quando o olhou e quando o viu bradou:

— Cá está o célebre Espinha!

Todos se voltaram, se aproximaram. A notícia correu a Central como um raio. Havia gente curiosa por trás das portas. Espinha sentiu um certo orgulho. E, importante:

— Célebre por que, sr. doutor?

— Pois ainda ousas perguntar, ladrão infame?

— Lembro ao sr. doutor que ofende um homem sem provas.

— Mas se tens retrato na polícia.

— Tive, sr. doutor, em rapaz. Depois de cumprir a minha pena, regenerarei-me. Ninguém prova que tivesse cometido outro qualquer crime. Hoje sou negociante; tenho uma charutaria; estão aqui os meus papéis.

E realmente tinha no subúrbio uma charutaria, onde aparecia todos os dias, a garantia para trabalhar à vontade. Mas nem o Dr. Godinho, nem os *reporters*, nem os conhecedores funcionários da polícia iam nesse conto moral. Sabiam tanto que perigoso era ele!

– Pois sim, fez Godinho, mas com tudo isso sabes bem que, durante a minha estadia aqui, posso prender-te.

– Sei que V. S.<sup>a</sup> fará o que bem entender, e que eu procurarei defender-me.

Todos viram o seu sorriso. O chefe não podia, senão contra a lei, prender um cidadão sem flagrante e de quem ninguém se queixara. O próprio Dr. Godinho mordeu o bigode. E, mudando de tática:

– Dizem que este sujeito é espantoso. Rouba sem que ninguém perceba.

– É o nosso primeiro ladrão! exclamou um *reporter*; que *interview* daria ele! Não há quem lhe escape!

– Ora!

– Eu, por exemplo, aposto a vida como não me rouba! exclamou o Dr. Godinho. E olhou Espinha. Espinha tinha um imperceptível sorriso. O chefe indignou-se.

– Parece duvidar?

– Não, senhor.

– Sim, estás a rir!

– Por quem é, sr. doutor!

– Sempre quero ver. Sejamos francos. Eu, diante de você, sou impotente. Sem provas a minha ação é nula. O que poderia fazer era retê-lo seguidamente, mas sem conseguir a sua condenação. Ora, sempre queria ver. Dou-lhe a minha palavra de honra que está livre, que nem isso faço, que não o retenho, se mostrar-me a sua habilidade.

– Que habilidade, sr. doutor?

– Deixe de embustes. Um gatuno da sua ordem deixa tais processos para os porcalhões. Todos nós sabemos quem você é. Eu reservo-me o direito de o mandar vigiar sem cessar, de o apanhar com provas. Isso é fatal. Você sabe bem. Mas dou-lhe a minha palavra como está livre se me roubar, dentro de um quarto de hora, este relógio.

Ergueu-se, mostrou o relógio com a corrente. Os *reporters* e os funcionários divertiam-se imenso. Todos exclamavam e riam a um tempo. Ora, também era demais! Isso não! Então, Espinha sorriu:

– V. S.<sup>a</sup> dá a sua palavra de honra?

– Com todas estas testemunhas. Eu não sou você.

– Por um quarto de hora?

– Quer mais?

– É que essas brincadeiras fi-las eu em outro tempo.

– Não minta.

– Juro a V. S.<sup>a</sup>. E o hábito perde-se...

Todos olhavam os dois homens. O chefe cravava nele os olhos.

Espinha abaixou-se para apanhar o lenço que torcia entre as mãos. O chefe berrava:

– Mas já lhe disse que não mentisse!

– Sim, de fato... outrora. Mas V. S<sup>a</sup> para prender um gatuno inteligente devia ter na polícia gatunos. Eu não, eu sou um pobre infeliz, charuteiro...

E o diálogo continuou, todos a olhar os dois homens, com uma hiperacuidade de atenção estranha. De repente, porém, José Espinha cortou o diálogo:

– Bom, sr. doutor, se dá licença, vou-me embora.

– Que é lá isso? Então, o roubo?

– Ah, é verdade. Já ia esquecendo.

Sacudiu o braço e apresentando ao chefe atônito – o relógio:

– Sou de V. S<sup>a</sup> muito obrigado.

Esse fato dera-lhe a celebridade ainda maior. Ele conseguira algum pecúlio, garantido em bancos estrangeiros. Agia com uma prudência cada vez maior e escrevia para a família. Mas mentindo. Era negociante, trabalhara muito. À primeira carta que recebeu da terra, soube que o pai, já havia dez anos, morrera. A mãe, com o seu trabalho, ia a viver. Mas pobre. Pobre e honrada. Não tinha onde cair morta. Não acreditou senão no desejo que tinham de intrujá-lo para arranjar massa. E uma bela manhã acordara com o desejo de ir ver a terra, ir ver a sua gente, ir fazer d'homem sério. Como o receberia a velha! Como havia de rir! Não partiu do Rio, partiu de Santos; e estava ali em Coimbra enfim, para no dia seguinte ver a criatura que lhe dera o raio da vida. Não tinha amor, não tinha saudade. Tinha uma curiosidade irônica, aproveitando as horas antes do fatal calabouço. Não era homem para viver ali, e voltaria à grande cidade, continuaria a roubar. Era um hábito que se fazia necessidade, era uma moléstia... Já um mês e dias havia passado sem trabalho. Talvez naquele meio pudesse divertir-se um pouco, até.

Como caminhasse sem saber por onde, deu numa aglomeração. Havia iluminação, girândolas, gente endomingada, estudantes de capa ao léu, e fogueiras, altas fogueiras, ardendo à luz das estrelas, enquanto por todos os lados eram cantigas e guitarradas. Meteu-se na turba febril e amorosa, que a música e os versos ensandeciam. Quantas futricas, quanto sr. doutor, quanto tricana! E quanta gente do campo!

Ele ia indo, de nariz ao vento, avaliando num rápido olhar o peso das carteiras pelo ar dos homens. Haveria gente com dinheiro? Talvez apenas dois ou três brasileiros, de anéis com brilhantes. De repente esbarrou com velha e forte aldeã, dessas solenes e brucas, que vão à feira e parecem ter pataco. Quanto teria ela? A mulher estava solitária, mas gostando da festa. Quanto teria? Foi a acompanhá-la, e por exercício, para experimentar a destreza, imaginou apossar-se do lenço, que ela tinha na mão, com as moedas amarradas numa das pontas. Seria difícil. A tentação, porém, era por demais

forte. Se a mulher percebesse, seria o escândalo, seria a prisão. Como resistir, porém? A velha seguia, vestida à moda da terra. Estava só.

Quis vê-la de frente. Tinha uma cara desagradável, cara de forreta. Seguiu-a. A velha parou a comprar uma gulodice qualquer. Era rica, tratava-se. A velha desamarrou o lenço, pagou, e para comer o bolo, pôs o lenço no bolso do avental. José da Espinha tropeçou junto. Estava com o lenço na mão. Ao mesmo tempo ouviu uma voz:

— Ora seja bem aparecida, Sr.<sup>a</sup> Maria da Espinha!...

José parou como se recebesse um raio, pensando ter sido apanhado em flagrante, naquela brincadeira. Apertava o lenço mecanicamente, imaginando o meio de deitá-lo fora. Veio-lhe em turbilhão a idéia de ser preso, com o seu dinheiro, a prisão, as notas informativas do Rio, o fim próximo, todo o horror de quem de repente vê finalizada a vida livre. Um segundo que lhe pareceu um século. Voltou-se. A aldeã a quem roubara conversava com outra e essa outra ria.

— Que me diz a “sora” Maria da Espinha!

Espinha? Teriam o mesmo nome ou fora uma alucinação sua? Quedou-se a ouvi-las. Era uma conversa sem interesse, em que falando da vida áspera, elas se lamentavam.

— E quando volta?

— Logo pela manhã.

— Pois muito boas noites, “sora” Maria da Espinha.

— Boa noite, “sora” Gertrudes.

José tirou a carteira, examinou a fotografia, olhou a velha que já andava, tornou a olhar a fotografia, seguia-a. No meio daquela alegre algazarra, a anciã começava a bocejar, só. Um momento ficou-o com indiferença, José teve um estremeção. Lembrou-se de uma carta. Os olhares dos dois cruzaram-se. Era calmo o da velha e sorria. Era covarde o dele e tremia. O seu fugace riso de bandido fugira, ficou frio. A sua mão esquerda apertou no bolso o lenço vermelho, enquanto a direita apalpava o bolsinho onde guardava as libras que trouxera para gastar e folgar. A velha caminhou para uma fogueira, em torno da qual havia mais gente. José tirou o lenço imenso, pobre e usadíssimo. Desfez-lhe o nó. Havia vinténs, guardou-os. Depois apanhou uma das libras, deixou-a cair no lugar onde havia os vinténs. Apanhou outra. Apanhou mais outra. Com os olhos fitos no dorso da velha, tremia, os seus dedos agiam sutis, retirando as libras para o lenço. Era como se roubasse a si mesmo. Ele trouxe umas quarenta libras. Meteu-as todas no lenço, como se não soubesse que as metia. Depois tornou a aproximar-se da velha e só — tão perto dela que lhe sentia o cheiro, tão perto dela que a reconheceu de todo. E pela primeira vez, com um infinito, um perdido medo de errar, sutilmente meteu no bolso do avental da velha o velho lenço.

Depois teve um suspiro, um grande ah! de alívio. Era por todo o âmbito uma imensa alegria ingênua, de risos, de sons de viola, de

cantares, de roupagens vivas aos estalidos das fogueiras, dos aplausos aos ranchos. Em coro, todos cantavam um estribilho ardente:

Enquanto a aurora não surge  
E a nossa festa não finda  
Cantemos que o tempo urge...  
Cantemos que a noite é linda!

A velha, só, olhava sem cantar, mas os seus olhos riam, pareciam rir ingênua e simplesmente.

Então, José da Espinha pareceu relutar. Fechou os olhos, ainda tornou a olhar, como querendo falar àquela que lhe dera o ser. Mas deu d'ombros, num arranco e precipitou-se ruas abaixo, sem se voltar. Quando esbarrou no cais, parou, afinal. O rio corria docemente. Na noite clara, onde as estrelas tinham palpitações d'amor, viam-se as sombras dos choupos ardentes do outro lado. Vinha de todos os cantos um sussurro de músicas campestres. José da Espinha olhou aquilo como se voltasse a si. De novo sentiu que lhe retomava o lábio o sorriso frio da navalha. De novo sentiu que a treva, que a semi-sombra o retomava. Apalpou as algibeiras.

— Ora que espiga! Ia a roubar a mãe. E fiquei sem cheta! Coitada... Mas inda cá tenho os seus vinténs.

E, de repente, sem saber por que, desatou a rir, convulsiva, perdidamente, na noite ardente, a apertar na mão fina as moedas de cobre baças e usadas...

## A honestidade de Etelvina, amante

– Por aqui? Temos decerto amor novo?

– Nem velho, meu caro amigo. Vim assistir ao espetáculo, como qualquer mortal. Sem outras intenções...

Era à porta de um teatro, cheio de luzes e de gente. O cavaleiro que primeiro falava parecia contente; o outro era um desses rapazes em cujas faces lemos o estouvamento, a estroinice, a violência impulsiva e que, apesar de tal gênio, a viver em paixões, conflitos, desesperos e pândegas – conservam, muitos anos depois de homens, o mesmo ar de rapazes. A natureza, mantendo essa ilusão, atenua talvez o chocante efeito que tais temperamentos produziriam, se o físico não correspondesse à leviandade barulhenta das opiniões.

– Vem assistir apenas ao espetáculo? Ainda bem. Assistiremos juntos, que a melhor maneira de ouvir uma peça sempre foi conversar durante os atos e falar das atrizes nos intervalos.

– Claro.

Mas, nesse momento, o rapaz recuou e escondeu-se; positivamente escondeu-se por trás de um grupo de senhoras, que ameaçava a entrada. O cavalheiro voltou-se surpreso, e viu que passava a correr a figurinha grácil da pequena atriz Etelvina Santos. Estava de vermelho, d'aparência menina, ainda mais menina – o seu poder definitivo sobre as platéias de cá e d'além mar. Na face fina, como modelada em porcelana, luziam-lhe os olhos entre sonsos e maliciosos; e ela toda parecia um *biscuit* antigo de Sévres. Passou, aliás, numa rajada. A criada, que a seguia, era levada pela mesma ventania de pressa.

– Mentiroso!

– Por quê?

– Este Gastão da Fonseca! Então não acabo de vê-lo esconder-se à passagem da Etelvina? Vão recomeçar os escandalosos amores? Compreendo que voltou a paixão!

– Não é verdade. Recuei para evitar cumprimentos.

– Zanga ou mágoa?

– Mal-estar apenas. Essa mulher é indecifrável.

– Como todas as mulheres!

– A Etelvina mais que as outras. Vivi com ela dois anos, e, quando a deixei, conheci-a tanto como a primeira vez em que a vi. A esfinge de Geziré seria mais confidencial. Foi talvez por isso que

ainda tentei uma nova análise. Depois abster-me. É desconcertante!

– Francamente.

– Faz outra idéia de Etelvina?

– Meu caro Gastão, conheço Etelvina há dez anos. Já nesse tempo ela parecia menina e tinha nove filhos. Os jornais comparavam-na a um *biscuit*. Etelvina cantava como um caniço, e fazia-se incompreendida dos apaixonados. Você não pretende positivamente voltar a amá-la? Pois bem. A minha opinião é que Etelvina não passa de uma idiotinha, cheia de pretensões...

Gastão da Fonseca riu estrepitosamente.

– Era o que eu pensava, mas com erro! Até hoje não sei o que ela é. Se lhe contasse a nossa vida ficaria como eu...

– Conte então.

– Perdemos o ato...

– Temos ainda quase um quarto d' hora.

Gastão da Fonseca parecia deseioso de contar, porque sem transição continuou:

– Lembra-se do nosso namoro? Começou aqui no Rio. Mandava-lhe flores, ia à caixa, beijava-lhe a mão que tremia. Etelvina estava com o ensaiador, um sujeito de nome Eusébio, que também escrevia peças. As informações davam-na sempre fiel aos amantes. Era tão fiel, tão honesta, que não só ninguém se lembrava dos motivos por que mudava várias vezes de cavalheiro como até creio bem ninguém mais se lembrava desses homens. Etelvina era fiel, era honesta perante os amantes, que de secundários passavam a ser apenas o amante, o mesmo, o geral. Não podia haver discussões. Vi que no meu caso, Etelvina continuaria fiel ao Eusébio. De fato. A companhia partiu, sem que dela obtivesse nem um beijo. Quase esqueci o começo da aventura, posto que conservasse pela Etelvina uma ponta de despeito raivoso...

– O Eusébio estava destinado a apanhar de ti algumas bengaladas?

– Não. Nem pensava no Eusébio, que me dera a impressão apagada de um boneco ou de um aio. Mas, certa vez, a viajar pela Europa, fiquei algum tempo em Lisboa sem relações, de modo que freqüentava assiduamente os cômicos conhecidos do Rio. Num dos teatros, onde amiúde entrava, era a Etelvina quase “estrela”. Os cômicos portugueses são muito amáveis para os brasileiros em Lisboa. Abusei da minha importância. Insensivelmente recomecei a cortejar a Etelvina. E fosse por não ter o que fazer, fosse por aumentar o capricho, o certo é que fui alucinante. Estava onde ela estava, mandava-lhe flores e mimos desde pela manhã, escrevia-lhe cartas. Espantei mesmo a bengaladas dois apaixonados.

Etelvina, entretanto, teimava em fingir tranqüila indiferença. Um dia, o Eusébio ensaiador, atacado de gripe, não foi ao ensaio. Aproximei-me e disse-lhe quase no fim – “Espero-a à esquina num *coupé* fechado.” – “O sr. está doido?” – “Tanto não estou que te-

nho a certeza de irmos tomar chá ao Tavares.” – “Ao Tavares?” – “Tenho um gabinete reservado. Entramos pela porta dos fundos. Ninguém nos verá.” – “Não vou.” – “Lembre-se de que não responderei pelos meus atos, se não vier!” – “Que fará?” – “Tudo! Até já.” Saí. Aluguei um *coupé*. Mande arriar as cortinas. E fiquei a fumar dentro do *coupé*, certo de que fazia uma tolice e que ela não viria.

De fato, a princípio, assim foi. Passaram artistas, coristas, o velho primeiro cômico, que safa sempre por último, alguns carpinteiros. Já ia mandar o cocheiro tocar, quando ela apareceu nervosa, hesitou, olhou para todos os lados, e precipitou-se no trem a chorar convulsivamente.

– Encantador!

– Quis abraçá-la. Recuou. Quis beijá-la. Ameaçou de descer. Esperei o gabinete vazio de Tavares, onde ninguém nunca se lembrara de tomar chá às cinco da tarde, mas onde eu pensava dominá-la com *champagne* e amor. Ao saltar, Etelvina tremia como uma grande dama honesta na sua primeira entrevista criminosa. Quando no gabinete, cal-lhe aos pés e repeti uma ardente declaração sempre de fulminante efeito – ela disse-me, encostada à mesa: – “Mediu bem o que vai fazer?” Respondi que era seu escravo, incapaz de medir a extensão da minha felicidade. Ela murmurou: – “Bem”. Depois sentou-se. Sentei-me também. Um instante rimos porque desastradamente o meu pulso a tremer inundara de *champagne* a toalha clara. E rindo aproximei mais o meu corpo. Etelvina afastou-se um pouco. Insisti. Ela afastou-se mais. Estava à beira da banquetta. Tentei mais um movimento e ela naturalmente pôs-se de pé para partir. Eu, que até então conseguira conter-me, agarrei-a, prendi-lhe a cabeça, beijei-a furiosamente na boca. Ela debateu-se quase a gritar: “Não! Não!” E, conseguindo desvencilhar-se, correu ao outro extremo do gabinete – “Etelvina!” – “Deixe-me, ou eu grito!” – “Mas é estúpido!” – “Não posso! Abra a porta. Não posso!” Esfregava o lenço na boca como se eu a tivesse maculado. Tive uma dessas cóleras lívidas que se exteriorizam pela pancada ou por um silêncio terrível. Abri a porta. Ela precipitou-se no estreito corredor, que tem visto coisas muito piores. Um criado passava. Mande abrir a outra porta, a da rua. Ela, sem um olhar, correu ao *coupé*, bateu a portinhola, e o trem rodou a toda pelo mau piso.

– Calculista a rapariga!

– Pensei erradamente assim. Ao pagar a conta a um criado que sorria, jurei profundo desprezo por todas as mulheres e por aquela em particular. Estava envergonhado, humilhado, e temendo que alguém desconfiasse da minha triste aventura. Fui ao teatro, conversei nos bastidores, acabei por convidar os dois primeiros cômicos para ceiar no Imperial, uns pratos copiosos, regados a vinhos espessos. Estávamos em meio da ceia, quando vieram chamar-me. Fora, numa tipóia, esperava por mim uma senhora. Corri. Era Etelvina. Tinha os

olhos vermelhos de chorar. — “Que é isso?” — “Entra!” — “Alguma desgraça? Viram-te?” O meu ódio desaparecia diante daquela dor. “Entra!” — “Mas que há?” — “Não posso falar aqui.” — “Para ondes queres ir?” — “Para tua casa.” — “Não tenho casa.” — “Para teu quarto então.” — “Seja.” Dei a direção. A tipóia rodou. Ela rompeu em choro. “Mas, conta rapariga. Se ninguém morreu ainda, não há nada perdido. Que há?” Ela olhou-me: — “Gastão, deixei o Eusébio para sempre! Eu não sou mulher que engane o homem com quem está. Eusébio ama-me. Eu já não o amo. Seria entretando indigna se o enganasse. Depois do seu beijo, ao voltar a casa, não tive mais coragem de o encarar.” — “Mas recusaste o beijo...” — “Sim. É, porém, superior às minhas forças. Não o posso ver. Lutei todo este tempo, em vão. Acabei por escrever-lhe uma carta, contando-lhe tudo!” — “Tu fizeste isso?” — “Fiz, fui franca, disse-lhe que vinha para a tua companhia. Amanhã mandarei buscar as malas. Pronto. Esqueçamos!” Passou o lenço nos olhos, alisou os cabelos, como quem volta de uma dor tremenda. — “E tua filha?” indaguei atônito. — “Fica com o Eusébio. Se não a quiser, mando-a viver com a mãe na minha casa do Lumiar, onde estão os outros.” — “E o Eusébio?” — “Acabou.” Encolhido no fundo da tipóia eu não pensava, sentia apenas um vago horror, uma incompreensão dolorosa. Ela continuou: — “A não ser que a tua simpatia fosse brincadeira e que receies alguma coisa...” — “Eu não receio nada!” — “Nesse caso, tratarei só da minha vida...” Senti que qualquer palavra seria inútil. O melhor era crer na fatalidade. Procurei-lhe a cinta. As minhas mãos tatearam o seu corpo. Ela caiu-me sobre o peito, com a boca na minha boca, de tal modo que quando chegamos à casa, onde eu tinha um quarto, os nossos desejos ardiam. Foi ela que falou com voz macia e íntima: — “Chegamos, salta.” Saltei e ia dar-lhe a mão, quando vi erguer-se da porta um vulto. Pus a mão no revólver. O vulto era Eusébio com uma criança nos braços...

— Puro melodrama, caro Gastão!

— E tão verdade como estas senhoras que entram para teatro.

— A verdade é sempre inacreditável. Mas continue...

A minha surpresa foi tanta que fiquei sem movimento. O pobre homem falou — “Atire, se quiser. Pouco me importa a vida. Matar-me será entretanto um crime inútil. Não vim agredir. Vim pedir. Vim com esta criança. O sr. é homem. Talvez não saiba que esta mulher é mãe de minha filha, a única pessoa que eu amo, a razão de ainda existir este coitado que vê a chorar. Eu amo Etelvina. O sr. por enquanto não pode ter senão capricho. Nunca pensei que ela me abandonasse. Tão honesta! Estou perdido, estou desgraçado. Tenha dó de mim. Dê-ma...” Tremia. Grossas lágrimas afundavam-lhe pela bigodeira melancólica. E, entre soluços, sua voz repetia: “Tenha dó!”

Olhei Etelvina, irrevogável e má como um anjo. Que responder? Responder quando não sabia o que devia fazer, quando o meu

coração batia de orgulho, de pena, de nojo, de medo, quando a minha razão oscilava! Fiz um esforço e senti-me hediondamente ridículo a dizer estas breves palavras: — “Como deve saber, não mando na sr.<sup>a</sup> d. Etelvina. Ela fará o que entender. Submeto-me à vontade dela.” Meti a chave no trinco. Eusébio erguera a petiza, implorando: “Etelvina, olha a tua filha! Vem comigo. Morro, se me abandonas...” Etelvina estava de mármore. Apenas aberta a porta, murmurou: “Eu não mudo de proceder, Eusébio. Adeus. Amanhã estarás melhor. Agasalha a pequena. Vamos, Gastão...”

A porta fechou-se. Enquanto subíamos as escadas, fomos como pisando nos ais do pobre homem embaixo. — “Etelvina! Etelvina!” gania a criatura. Agarrada em mim, na treva, Etelvina tinha as mãos de gelo. Desgraçadamente tenho visto comigo, que não sou nem melhor nem pior que os outros homens, o efeito desastroso do choque dos preconceitos sociais sobre a nossa animalidade. Eu era abjeto. Aquela criatura que se agarrava a mim era refinadamente miserável. Abandonara a filha, deixara um homem a soluçar, por outro a quem não podia amar e que ainda não a amava. E, apesar de tudo, talvez por tudo, o desejo, como uma alucinação, queimava-nos. No meu quarto era impossível falar. A vizinhança protestaria. Se tivéssemos falado, talvez nos contivéssemos. As palavras fizeram-se para desvirtuar a vida. Calados, eu tremia, ela tremia. Rolamos no leito. Foi a noite de mais exasperado prazer que conheci.

— Cáspite!

— Fiquei preso. Podia dizer-lhe — para fazer literatura — que ficara no desejo de decifrar o monstro. Não. Tinha vinte e quatro anos, idade em que os homens tanto se importam com a psicologia das mulheres como com a sua certidão de idade. Também não era amor. Fiquei simplesmente porque ela se fazia carinho, ternura, o dia inteiro. Fiquei por sensualidade. Nunca lhe vi os filhos e a mãe. Ela achava inútil. Nunca lhe perguntei quantos anos tinha. Obedecia-me de tal modo, que eu era muito mais velho sempre. E, quanto à ordem, à dedicação, que dona de casa e que esposa! Falava pouco, nunca me fez uma cena. Eu era o seu Deus. Esperava-me quando mandava que esperasse, dormia quando não lhe dizia nada. Macia, silenciosa, boa. Para comprar-lhe um vestido, tinha de zangar-me. Ela própria os transformava. Fazíamos economias. Dei-lhe certa vez um anel. Pois, chorou!

— E o Eusébio?

— Ah, é verdade. O Eusébio! Enquanto existiu, manteve na nova situação um ar de delírio. Imagine você que o Eusébio ia para o teatro com a pequena. O teatro inteiro censurava Etelvina. Etelvina amimava a filha como se amima a filha de um conhecido, e não falava ao Eusébio. Levava de capricho. O pobre diabo exhibia demais a desgraça. Deu mesmo para o fim em ir ceiar com a pequena, que poderia ter nesse tempo pouco mais de um ano. Ficava bêbedo, debru-

gado sobre as mesas, enquanto a criancinha dormia nas banquetas. Um horror!

— Isso não os envergonhava?

— Exasperava-nos. Era uma raiva! Quando o Eusébio, doente do peito, saiu para a Serra da Estrela, deixando a filha com a avó, é que notei a normalização da nossa vida. Acordávamos tarde, almoçávamos. Ela saía para o ensaio. Eu às vezes ia levá-la. Doutras, ia conversar aos cafés. Voltávamos a jantar. Ríamos, contávamos mutuamente os nossos dias. Era bom. Depois ela ia para o teatro e eu aparecia a buscá-la, indo mesmo cear com camaradas. Passamos assim ano e meio. Devia ser por toda a vida! Ao cabo dessa maravilha de temporada, recebi uma carta anônima, assegurando que Etelvina entrava em francos colóquios com um jovem cômico, o Justino.

— Desagradável...

— Não sei se era verdade. No momento, perdi a cabeça, lembrei o Eusébio, a minha felicidade. Corri ao teatro. A um canto, Etelvina justamente conversava com o Justino. Atirei-me aos impropérios e ali mesmo espanquei o cômico. Houve pânico, gritaria, sangue, portas fechadas. Toda a companhia berrava, ameaçando-me. Eu sacudia a bengala. Só Etelvina, branca e impassível, assistia à cena. Fiquei louco de ira. Agarrei-a pelo braço, levei-a aos encontros até à rua, atirei-a num trem que passava, e durante a corrida insultei-a. Insultei-a de desespero, porque ela sem dizer palavra, olhava fixamente a ponta das botinas, distante de mim, cada vez mais distante, à proporção que os meus insultos cresciam... Ao chegarmos a casa subiu rápida. “Vai fechar-se no quarto e chorar”, pensei. Mas, quando cheguei acima, Etelvina estava na sala de jantar, de luvas, de chapéu, com uma pequena valise na mão. “Temos cena?” indaguei colérico... “Sabes bem que não faço cenas. Tomei apenas uma resolução irrevogável.” — “Qual?” — “Parto!” — “Estás louca?” — “Cometestes um ato indigno. Desmoralizaste-me diante da companhia.” — “Minha querida, nada de farsas. O Justino, esse canalha, já dava que falar até aos anônimos. Olha esta carta! Conheço-te.” “Deves pois saber que não é meu costume enganar o homem com quem vivo. Quando a harmonia cessa — desapareço.” — “Olha que eu não sou o Eusébio.” — “Não, porque o Eusébio nunca me insultou! — “Etelvina, não me infuries!” — “Farei o possível. O sr. duvida de mim, o sr. espancou um pobre rapaz, o sr. insultou-me, dando-me nesse tremendo escândalo como amante de outro. Não podemos viver juntos; para a sua própria dignidade. Seja feliz.” — “Vais ter com ele, como fizeste comigo, quando deixaste o Eusébio?” Ela voltou-se lívida: — “Juro-lhe que não pensava nesse homem; juro-lhe que não serei sua amante. Vou daqui para a casa de minha mãe”. Dei uma gargalhada de desafio: — “Pois até à vista!” — “Adeus, Gastão”. Ao vê-la sair, esperei um instante, por orgulho, por vaidade. Depois, sentindo o desastre, atirei-me com vontade de espancá-la, de pedir-lhe perdão e ao mesmo tempo certo do irremediável. Desci, chamei. Já não es-

tava. Corri ao Lumiar, à casa onde tinha a mãe. Não aparecera. Fui ao teatro, sem saber o que ia fazer. Etelvina representava. A minha entrada tinha sido proibida na caixa, e vinham a mim o vice-cônsul do Brasil e um senhor amável. Etelvina reclamara garantias à segurança e mandara um bilhete ao vice-cônsul. Aquele senhor amável era da polícia. O vice-cônsul aconselhava-me...

Fiz um enorme esforço para conservar uma certa linha de distinção: como as mulheres humilham! Com que rapidez aquela criatura me reduzia de amante a desordeiro inconveniente! Disse algumas palavras de ironia, que as duas autoridades ouviram a sorrir com receosa piedade. O vice-cônsul convidou-me para dormir na sua residência. Era solteiro. Conhecia a vida. Devia ser doloroso ver um lar vazio...

Fui. Não dormi à noite. Pela manhã, saf. Era evidentemente acompanhado por um polícia secreto. Entrei na minha casa. A impressão foi a de quem revê cenários depois da representação da peça. Lá estive enojado alguns momentos, não dela, mas de meu ato. Abri gavetas, li cartas. Todas as cartas de família mostravam o susto pela minha demora! E eu ainda em Lisboa! Deixei os criados atônitos, fui de caminho a uma agência de leilões e à agência de vapores. Oito dias depois embarcava para o Rio. Antes informei-me dela. Não estava com o Justino. Escrevi-lhe uma carta pedindo-lhe perdão. E até a hora de embarcar esperei a resposta.

— É sempre triste o fim.

— Esse foi lamentável. Tanto mais quanto perdendo-a, livre da sedução, a curiosidade tornara-se enorme. Eu desejava conhecer o coração daquela mulher, saber ao certo o que ela pensava, o que ela sentia. Há um ano, ela reapareceu no Rio, numa companhia d'operetas. A pretexto de abraçar os amigos, fui a bordo. Etelvina ia desembarcar com o seu novo amante, o segundo tenor, um sujeito beixigoso, que tinha anéis em todos os dedos das mãos. Olhou-me calma. Não me cumprimentou. Era como se nunca nos tivéssemos visto. Fiquei de novo irritado. Mas o procedimento dela fora de tal ordem, que eu, o violento, o estouvado, eu sentia a timidez de um rapazola, a vergonha de qualquer ato menos polido. Assim, em vez de atacá-la, de ter uma explicação, voltei a ter uma frisa permanente no teatro, a mandar-lhe diariamente flores, a ser de novo o namorado! Quando estava nesse ridículo, pensava: — “Ela deve ficar agradecida. O meu romantismo sobrepujará o estúpido tenor.” Ela continuava de gelo. Da sua permanente impassibilidade nasceu a pouco e pouco a minha irritação. Comecei a encarar o tenor com insolência, a rir da sua voz. O tenor pareceu ter medo. Fiquei mais insolente e resolvi ir à caixa. Note você que não era paixão, era despeito só, talvez...

— Compreendo.

— Não ria; despeito ou paixão, o certo é que eu ameaçava explodir. E na minha terra não haveria autoridades que obstassem uma

campanha desagradável ao pobre tenor e àquela impertinente mulherzinha... Pois estava eu assim uma noite e entrava na caixa durante o intervalo, quando vi o tenor desaparecer no camarim e a Etelvina vir a mim com a maior calma:

– Boa noite, Gastão! Senti-me desarticulado:

– “Afinal falou-me, grande ingrata!” – “Oh, homem não falava porque v. não me cumprimentava. Os cavalheiros saúdam sempre primeiro... Demais, julguei tivesse o pouco senso de não me ter dado razão no nosso rompimento...” – “Não houve rompimento da minha parte.” – “Ainda bem. Foi uma terminação, só.”

Depois, sem transição, levou-me naturalmente pelo fundo do palco, o braço enfiado no meu. E baixo, amigável, carinhosamente: – “Fez você bem em vir cá ao palco. Tenho de falar. É aliás um pedido, Gastão. Que brincadeira é esta? Porque me persegue você?” – “Eu?” – “Como criança, creio, já basta! Como cavalheiro, o Gastão nunca teria repetido tal pilhéria, se pensasse no que faz!” – “Ora!” – “Antes, bem. Mas agora, depois de um bom momento que passou e não poderá mais voltar!” – “Por quê?” – “Gastão, para que frases inúteis? O encanto rompeu-se. Sabe bem. Nem eu, nem você, poderíamos recomeçar senão para mutuamente nos odiar. Depois não quero, não recomeço nunca. É estupidez querer fazer novo um copo que quebrou”. Fiquei um momento calado, como criança teimosa que ainda insiste: – “Mas eu gosto tanto de você...” – “Estamos a falar sério.” – “Podia ser só uma vez mais...” – “Que tolice, Gastão.” – “Creio que não ama o tenor bexigoso?” – “Para você basta dizer que o respeito. Quereria que eu fizesse contra você o que me propõe contra ele? De resto é mesmo a seu respeito que desejaria falar. O rapaz tem sofrido com os seus modos, Gastão. Isso é tão triste, para um homem como você!... Pediu-me até para falar-lhe. Conto com este favor seu. Deixe de disparates, de conquistas – seja camarada de quem nunca lhe deu um desgosto... Ao menos! O que foi, foi – passou. Nunca, em hipótese alguma, torno a ser sua amante. Não envenene a minha vida. Seja gentil, seja amigo. Posso contar?...” Olhei-a imenso tempo, depois disse: “Es esquisita a valer”. “Não, sou honesta.” – “É uma explicação.” – “Não, é a verdade. Fui e continuo a ser sempre honesta.” Curvei-me: – “Será satisfeita, Etelvina...”

– Deixei a caixa e nunca mais voltei ao teatro. Sinto uma sensação indecifrável quando a vejo. Como não consegui compreendê-la, evito os cumprimentos, o mal-estar das saudações...

Houve um silêncio. O outro cavalheiro perguntou, como continuando:

– Agora, porém, parece-me que ela não veio com o tenor?

– Não, está com o secretário da companhia e já esteve com um jornalista.

– Cada vez mais menina e mais honesta?

– Tal qual como comigo, com o Eusébio, os anteriores e decer-

to os futuros...

O cavalheiro pensou:

— Daí talvez seja um gênero. Honestidade é uma questão de interpretação. No fundo, Etelvina não tem vício porque só ama um de cada vez; é digna porque tem a lealdade de não enganar aquele com quem está; é mulher porque não gosta só de um para toda a vida. Quanto à honestidade, de fato ninguém pode dizer que não é das mais honestas. Talvez de um modo singular. Honesta por partidas, honesta sucessivamente...

Mas no saguão do teatro as campainhas retiniam. O cavalheiro riu com deleite da sua frase. Quanto a Gastão da Fonseca não riu — talvez por não ter ouvido. Estava preocupado, à procura da cadeira. A honestidade, sucessiva ou absoluta, aparente ou real, é das qualidades que na mulher mais interessam ao homem. Porque, quando a possui um homem, vive na preocupação de vê-la roubada pelos outros, e quando a vê com os outros, só pensa corrompê-la.

## Cleópatra

O melhor momento da vida! Que perpétuo segredo da silenciosa dádiva que o destino faz sem nos prevenir nem antes nem depois! Para tudo há avisos, indícios, anúncios. Para a felicidade nunca. A sorte é discreta: não diz estar presente. Andamos tão desejosos de mais alegria e mais satisfações que não nos vemos, não nos sentimos no melhor momento, quando estamos no melhor momento . . .

Quando lhe morreu o pai, Raul Guimarães não compreendeu que atravessava a época da felicidade. Ele voltava com vinte e quatro anos dos Estados Unidos. Sabia nadar, falar inglês, jogar o boxe, usava um cinturão, andava com rapidez e pretendia entrar em negócios práticos. O pai, com a esclerose adiantadíssima e vagamente assustado, não lhe deu tempo para os negócios: rebentou certa manhã. Raul Guimarães acompanhou o enterro e foi ver o testamento. Ficava com setenta contos em dinheiro e o velho casarão paterno em Ipanema. Imediatamente a ânsia dos negócios cessou. Chefe de um grupo de rapazes nadadores nas imediações da Igreja, encontrara aí um sujeito de origem desconhecida que sabia o japonês e era professor de *jiu-jitsu*. O grave problema da sua vida era a urgência de jogar *jiu-jitsu* e falar japonês. Tomou o professor por conta. E a sua vida tornou-se cronometricamente feliz. Acordava às seis da manhã e estudava com o professor a língua do Império do Sol Nascente. Às nove e meia chegavam os rapazes camaradas para os trancos do *jiu-jitsu*. Nesse exercício passavam até o meio-dia. Suado, esfalfado e vitorioso, Raul entrava numa prolongada ducha fria. Em seguida almoçavam todos: o professor, os camaradas e ele. Brutalmente. Pratazadas de feijão, de carnes, grandes copos de vinho. Terminado o repasto, a companhia eclipsava-se. Raul ia dormir. Dormia até às seis horas, jantava e vinha à cidade, dar um giro. Em geral assistia ao programa de vários cinematógrafos. Às onze horas estava de volta ao solar, e dormia até o outro dia, sem sonhos. Vivia na cidade, ausente da cidade e do mundo. Não lia um jornal. Nem livros. Estava gordo, corado, feliz. A sua glória era falar o japonês e jogar o *jiu-jitsu*. No jogo, ninguém o vencía. Na língua, com a sua extraordinária vocação para aprender idiomas estrangeiros, o professor assegurava que ele falava melhor do que o ministro do *Mikado*. Faltava apenas uma outra pessoa que falasse o japonês, para provar. Como todo o homem forte, Raul Guimarães era bom e era simples.

Uma vez, num cinematógrafo, o professor de japonês fez-se aparecido, no intervalo entre duas projeções.

– Que prazer vê-lo, Raul!

– Que há?

– Encontrei uma senhora que fala japonês. É americana e jovem. Viveu muito tempo em Ieddo. Está no Rio, com o diretor do Trust Universal de Laticfnios, o velho Harry Goldschimidt. É aquela.

Raul olhou. Viu uma pequena morena, de *tailleur* azul e olhos verdes. Mas a luz apagou-se. E logo ele esqueceu a dama e cuidou especialmente de ver o *film*, o vigéssimo-quinto episódio em doze partes de um drama policial que ninguém seria capaz de compreender.

Ao terminar a sessão, à porta, o professor chamou-o. Na confusão da saída, houve as apresentações.

– Miss Glayds Fire, que fala japonês.

Raul olhou a dama como um torneio de que sairia vencedor. Os três desceram a avenida até o ponto dos bondes falando japonês, Raul estava contentíssimo. Não era que ele falava mesmo? As palavras vinham-lhe aos lábios sem o menor esforço. As réplicas eram até com espírito. No ponto dos bondes, *miss* Glayds Fire, que tinha os lábios finos, participou que seguiria no mesmo trem-via. Morava em Botafogo: Conversaram mais japonês no mesmo banco. Naturalmente discutiram o *jiu-jitsu*. Ela mostrava um certo desejo de ver a aula matinal. E ao despedir-se:

– Qualquer destas manhãs apareço por lá. Não aborrecerei. Sou como um rapaz.

O professor de japonês, quando a viu pelas costas, deu informações. Glayds Fire era excêntrica, como todas as americanas. Diziam-na ardente, voraz, de uma sensualidade terrível, mas fiel a Goldschimidt. O velho ricaço dava-lhe fortunas e a maior liberdade. Apenas, ao que se dizia, dera a sua palavra de honra que a abandonaria quando soubesse ser enganado. Glayds conversava com muitos rapazes, denominava nos *clubs* Goldschimidt de *Cold-meat*, trocadi-lho que não deixava dúvida acerca da frieza incapaz do amante. Mas era fiel. Todos esses inumeráveis rapazes, fortes, bonitos, bem dispostos, que parecem inafegar à avenida, à disposição das damas, como taxímetros de satisfação carnal, não se atreviam à vanglória de se dizerem conquistados por ela.

– E ela terá algum?

– Mas, decerto, grande ingênuo. Deve ter tido muitos. Apenas, qualquer coisa de misterioso os força a guardar segredo. Ela decerto ameaça-os com tremendas coisas, que se realizam . . .

Raul Guimarães riu com a sua ingenuidade.

– Você tem cada uma!

– Não posso afirmar, murmurou o professor de japonês. Mas há um ano, quando ela aqui chegou, apontavam-na como amante de um desses rapazes cuja vida é ter amantes, um tal Oscar Benevenu-

to. Dizem mesmo que Oscar confessara o caso no *club*. Dias depois, como ele tinha o hábito da morfina, foi encontrado morto no quarto. Injetara morfina demais.

— E foi ela?

— Ela foi só chamada à polficia e lá esteve insolentíssima com o *Cold-meat*, perdão, com o Goldschimidt . . .

Raul Guimarães achou muita graça. Um drama como nos cinemas em pleno Rio! Uma qualquer mulher por conta de um *truster* que possui os rapazes e os obriga ao segredo e os mata quando eles a traem! Mas estava com muito sono. Ao chegar a casa, dormiu bem. Tanto mais quanto aquela criaturinha de beijos finos e olhos verdes não o impressionara.

No dia seguinte, à hora do *jiu-jitsu*, contou o ocorrido aos camaradas.

— Já falo japonês! Conversei ontem com a Glayds Fire.

Houve um rebuliço. Os rapazes conheciam todos a Glayds Fire. E todos soturnamente repetiam o temor, a atração que esse temor espalhava. O Justino Gouveia, um latagão habituado às damas das pensões, entrou em pormenores.

— Eu fujo quando a vejo . . .

— Pois ela prometeu vir cá.

— Estamos perdidos.

— Mas afinal vocês são doidos. Não é possível.

Oito dias depois inesperadamente saltava à porta da residência de Raul Guimarães, Glayds Fire. Viera a cavalo. Estava de bombachas, botas altas, grande chapéu de feltro. A sua entrada não foi sensacional. A residência tinha dois criados bisonhos. Os rapazes estavam todos seminus no enorme salão transformado em *rink*. Raul jogava com o Justino Gouveia. Glayds entrou, fez sinal que se não incomodassem, assistiu a vários trambolhões de Gouveia com um ar entendido. Depois, tratando todos de você, mostrou vários golpes de defesa e alguns de ataque. Achou interessantíssima a casa, recusou o almoço, fumou alguns cigarros, referiu-se a propósito de seu cavalo e com imenso desprezo a Goldschimidt. Nada indicava nos seus gestos agrados por qualquer dos rapazes. De repente consultou o bracelete-relógio, bradou:

— Bom dia à companhia!

Precipitou-se sobre o cavalo e partiu a galope.

Essa visita foi motivo de comentário dos rapazes. Comentários de jovens dados a exercícios físicos. O exercício faz um grande bem à alma. Um nadador, um remador não tem a respeito da mulher que se aproxima senão a idéia do sexo. Quanto ao resto são conservadores. Não haveria anarquistas se o mundo fosse povoado de hércules. Raul Guimarães, ao demais, não vira em Glayds Fire nem mesmo uma conquista. A vida americana em que passara largo tempo tirava às extravagâncias da rapariga o sabor do imprevisto. A sua época violentamente desportiva afastava o apetite do amor. A falta de ima-

ginação preservava-lhe o cérebro. Por último, ele gostava de mulheres fortes, loiras, sãs e aquela era magra, morena, frágil, mórbida.

A vida continuou, pois, perfeitamente feliz, sem que Raul desse por isso. Quando uma tarde, estando a dormir, o jovem estudante de japonês acordou precisamente nos braços frenéticos de uma pequena mulher. O quarto tinha as janelas cerradas. Uma cálida semi-sombra espalhava a tentação das luxúrias. Um açucarado perfume de essência de rosa desnorteava-lhe o olfato. E a pequena mulher, numa ânsia louca, dizia-lhe carfcias em inglês. Era Glayds Fire. Se Raul tivesse lido muitos livros teria deixado o leito e, abrindo as janelas, exigiria explicações. Mas não lera. O seu movimento animal foi corresponder ao abraço. E, quando a mulher rolava num suspiro de fadiga, só então levantou-se e rindo, exigiu as razões da insólita aparição.

- Porque gostei de ti! decretou ela olhando-o fixamente.
- Podias dizer - antes.
- Erá perder tempo. Depois, só hoje, de fato, tive o desejo.
- E se eu recusasse?
- Não serias homem.

Ele sorriu. É incomensurável a tolice masculina. Naquele momento exatamente julgou que começava a ser feliz. Mesmo sem fantasia sempre arquitetara o prazer de ser desejado por uma criatura. Ela saltara também do leito.

- Não ralhes com os criados que me deixaram entrar.

Vestiu-se. Estendeu-lhe a mão.

- Peço-te o maior cuidado com as indiscrições. Eu perderia tudo se esse intolável *Cold-meat* viesse a saber.

- Ah! é verdade, as histórias . . . As tuas ameaças. Mas, francamente, comigo . . .

- Ameaças. É que eu não poderia voltar mais . . .

Voltou. A princípio com espaços que foram encurtando. Depois, todos os dias. Raul recebia sem interesse, nos primeiros dias, o caso. Sem interesse d'alma. Mas o amor vem do hábito, principalmente nos simples. Ele não gostava da mulher, mas achava aquela série de visitas de alta significação. O próprio vago receio das entrevistas iniciais desfez-se. Ela era canina, com um apetite de amor canino. E inofensiva. Trazia às vezes um revólver ou pretendia fazê-lo tomar ópio. No fundo, entretanto, o seu desejo tornava-a inofensiva.

Apenas é difícil ocultar o amor, a passagem feminina, seja ela qual for, seja numa casa, seja numa alma. Tudo se dilata e transforma, tudo parece dizer a própria depravação, os objetos, as paredes, o ar. Uma casa de rapazes, freqüentada só pelos rapazes, muda à breve passagem de uma criatura do sexo oposto, os mais embotados sentem ao entrar qualquer coisa de diverso, de imensamente diverso. Um mal-estar sem razão aparente estabelece reservas nas relações dos homens, frases ambíguas surgem sem desejo de quem as profere.

Há o imprevisto, que é sempre o amor, por mais banal. Na casa de Raul não foi só o jogo indefinível das aparências. Ao cabo de duas semanas, ele deixara não só de vir à cidade como de dar diariamente a sua lição de japonês. Em seguida não entrou no *jiu-jitsu*. Depois aqueles rapazes que antes se referiam às mulheres como uma função sem poesia, em vez de aventuras de força, deram para contar amores, paixões. O próprio professor parasita, que afinal lograra um lugar no corpo de agentes secretos, tinha notícias de acontecimentos passionais em que fazia de personagem principal.

Por fim, Raul ficou tão diferente que os seus excelentes camaradas resolveram espia-lo. E como Glayds Fire chegava às três da tarde, logo descobriram tudo com alarido. O professor, na lição de japonês, preveniu-o:

- Olhe que já sabem.
- Mas é falso.
- É preciso dizer isso até ao fim.
- Por quê?

- Há Goldschimidt . . . Eu atrevo-me a dar-lhe um conselho: negar e partir. Que lhe adianta essa mulher? Nada! Reúna os restos do seu dinheiro e vá dar um passeio à Europa.

Raul Guimarães indignou-se. Ninguém tinha nada com a sua vida! Neste estado d'alma recebeu os amigos. A primeira alusão reventou violento. A uma frase de Justino Gouveia bradou:

- Que seja! Sou livre; ela é livre. Não morro de caretas.

E o seu enervamento cresceu porque Glayds Fire desaparecera. Só oito dias depois, ainda à tarde, recebeu um recado. Ela esperava-o num automóvel. Armou-se e partiu. Glayds mostrava-se apavorada. Tinham ido contar a Goldschimidt. Goldschimidt sabia tudo e mandara vigiá-la. Bem sabia ser culpada. Ele porém negara sempre?

- Sempre! Não por medo, por dignidade.

Era preciso deixar passar as suspeitas. Estavam terminados os encontros. Com que pena! Jamais amara assim! Ele era tão bom, tão forte . . . Que pena! Também logo que houvesse ocasião, mandava-lhe um aviso, para se encontrarem por aí, em qualquer parte . . . A conclusão banalíssima de uma aventura.

Raul Guimarães voltou humilhado aos camaradas. Repetiram-se as lutas de *jiu-jitsu*, repetiram-se as lições de japonês. Sem entusiasmo. Ele explicava já saber tanto uma como outra coisa. O bando deu para os *raids* de resistência em natação. O professor já não aparecia porque tinha outras aulas. Ele sem ter amado, sentia o despeito. Aos amigos íntimos chegou a dizer:

- Quanta história inventada! Acabamos aquilo estupidamente.
- Ela tem agora um mecânico de *garage*!
- Sempre guardando o segredo? Porca!

Dois meses depois, entrando num cinematógrafo, Raul notou com alvoroço que era seguido pela insignificante Glayds Fire. Sentou-se. Ela sentou-se ao lado. E imperceptivelmente:

- Há quanto tempo! Estou com saudades. Não resisto. Queres amanhã?

- Onde?

- Na Tijuca. Esperas-me no Mangue. Serve? Às duas da tarde. Não digas a ninguém.

- Levo automóvel?

- É melhor no meu. Alugo qualquer. Sai agora.

Raul Guimarães saiu no escuro deixando a fita em meio. Estava alegre e preocupado. Encontrou o professor e quis contar-lhe o ocorrido. Mas teve vergonha. Encontrou Gouveia e, apesar do imenso desejo de lhe dar parte do ocorrido, não falou. Foi para a casa e não dormiu, agitado, nervoso. Pela manhã não nadou. Almoçou mais cedo. Ao sair lembrou-se do revólver, da carteira de identificação. Voltou a buscá-los. Veio para a cidade num táxi, gritando com o motorista, receando a velocidade nas curvas, temendo desastres. Era tal o seu estado nervoso, que fez de bonde o trajeto até o Mangue.

Na tarde do mesmo dia, Justino Gouveia jantava num dos restaurantes de luxo, quando viu entrar maravilhosamente vestida e pálida Glayds Fire. Acompanhava-a o velho *truster* Goldschmidt, de casaca. Glayds parecia vestida de lhama d'ouro. O seu corpo flébil dançava dentro do fulgor. Debaixo do retrato de Raul Guimarães e da fotografia de um automóvel em pedaços de encontro a uma árvore, uma notícia, ele a lia como se não a lesse: "Hoje, às três da tarde, na volta da Gávea, indo a toda a velocidade, o automóvel 2532 despedaçou-se de encontro a uma árvore. O passageiro, o *sportman* Raul Guimarães, morreu instantaneamente. O motorista foi encontrado no precipício com uma pedra sobre o crânio. A polícia abriu rigoroso inquérito. A nossa reportagem seguiu para o local."

Pediu a conta, ergueu-se. Antes de sair, os olhos rasos d'água, caíam por acaso onde estava o casal. Glayds Fire escolhia o cardápio tão tranqüila, que não teve coragem de lhe dar a triste nova e saiu aos soluços . . .

## A linda desconhecida

Foi no inverno passado. Estava a preparar-me diante do espelho para a primeira recepção da ministra da China, matrona horrenda nascida na Inglaterra. De repente olhei o meu físico, alarmadamente. Eu engordava. Demais. Muito. Ninguém é gordo por prazer. O único sério combate da minha vida tem sido contra a adiposidade, considerada imbecilidade dos tecidos. A revelação do espelho fulminou-me. Em vez de ir saudar a velha diplomata, corri ao consultório de um médico amigo. E no dia seguinte, com indicações severas e várias receitas, abandonava a cidade pela montanha. É impossível viver na cidade durante o inverno sem comer demais, sem dormir pela madrugada, sem acordar ao meio-dia. Para diminuir, dissera-me o facultativo, seria necessário acordar à hora em que me deitava, tomar as refeições de acordo com inflexíveis horários, não beber *champagne*, sujeitar-me a duchas, massagens e acelerados passeios a pé. Só na montanha.

Fui para a Tijuca, Alto da Boa Vista. Assim, por causa de uma simples diátese, perdia o inverno um dos seus incontestáveis ornamentos, e sofria eu no hotel deserto o verdadeiro exílio, pois, com medo de não resistir à tentação das sessões mundanas, banira os jornais e vivia a uma hora da cidade, como se nós separassem vinte dias de viagem através a floresta.

Também me vingava da extravagância do ventre. Às cinco da manhã, ainda escuro, já estava na ginástica sueca e na massagem. Depois, das sete ao meio-dia, corria a montanha como um furioso. Almoçava frutas, uma taça de chá a ferver. Voltava a andar até a hora da outra massagem com banho de ar quente. Ao cabo de quatro semanas de tal regime, sendo impossível morrer, parecia um convalescente. Sentia-me fraco. O sono invencível pregava-me nas cadeiras após a refeição. A melancolia enchia-me o pensamento.

Precisamente nesse estado, quando, temendo a volta da gordura, eu não reagia contra a melancolia, comecei a sofrer da indiferença com que não reparava em mim uma formosa senhora. Encontrava-a todos os dias, pela manhã e à tarde, acompanhada de manhã por um cavalheiro e um chapéu de palha, ao cair do sol só pelo chapéu. E nem com o chapéu nem com o cavalheiro, a formosa senhora parecia dar por mim. Isso irritou a minha sensibilidade de homem da sociedade, abatido pelo regime.

— Como se chama aquela dama que passeia tanto? Indaguei de um detestável criado do hotel.

— Dela não sei o nome. Do homem sim. Chama-se Antero. Moram com dois criados alemães, numa pequena casa entre moitas, perto da Gávea. Anda ali mistério . . .

— Por quê?

— Ela nunca desceu à cidade, e vai para quatro meses que es tão cá.

— Não é uma razão.

— Acha? Mulher bonita a esconder-se . . .

— Ama decerto.

— O sr. Antero é que tem ciúmes.

— São casados?

— Podemos lá saber?

Cortei a palestra, certo de que tinha dado confiança demais ao criado. Fiquei com raiva do criado. Do que concluí, ao chegar ao quarto, estar a sofrer não tanto da diátese gordurosa como de uma forte neurastenia. Os neurastênicos têm idéias fixas. A minha preocupação não seria sintomática? No mesmo dia mandei buscar ampolas de neuro-soro e comecei de injetar-me estricnina.

Apenas via a linda senhora de instante a instante. Ela era morena, de um moreno ardente. Lembrava-me uma dessas mangas-rosa que excitam de longe o apetite do olfato e do gosto. Depois, dois grandes olhos negros, uma cabeleira de ópera, inexistente na vida real, negra, enorme, cabeleira que parecia a noite e devia ter todos os cheiros das florestas à noite. Vestia sempre de branco, muito simples. O corpo vivia dentro dos linhos com os coleios lascivos das baiadeiras. Enfim, provocante! Provocante e insolente. Porque só propositalmente só pelo desejo direto de ser-me desagradável essa senhora poderia continuar a não me ver a mim, homem conhecido, sem o menor interesse pela minha gordura, o meu exílio, a minha neurastenia.

Esse processo irritaria qualquer. Eu entretanto seria superior. Não daria por ela. Nem pelo enorme chapéu de palha. Nem pelo homem chamado Antero. Teria de fato reparado nessa acidental ilustração de paisagem?

Por contradição de moléstia fiz exatamente o contrário do que resolvera. Em primeiro lugar, não subia mais a correr a estrada. Ia devagar. Seria ridículo se ela descobrisse que eu corria para derreter o ventre. Depois, organizei composições elegantes de fatos, vestindo-me como os galãs do Vaudeville nos atos que se passam em St. Moritz ou em Corfu. E inaugurei o meu ar Balzac, o ar psicólogo, graças ao qual tenho sido tão facilmente enganado por todas as mulheres. Assim os comprimentei, ao homem chamado Antero e a ela. Foi um cumprimento discreto, superior, longínquo. Como quem diz: “Ah! estão aí . . .” O homem tirou o chapéu, seco. Ela não me viu. No dia seguinte, de raiva, ignorei-os. Mas, tempo adiante, encon-

tramo-nos na estrada em torno de um automóvel, a que as árvores tinham pregado a peça de rebentar.

É curioso, monologuei alto. Os motoristas sabem que a volta da Gávea é perigosa, e continuam a fazê-la a toda a velocidade, apesar dos consecutivos desastres.

Os dois estavam celados. Achei-me ridículo. E a ele, diretamente:

- Teria havido mortes a lamentar?
- Não sei. Passávamos; paramos um instante.
- Dentro em pouco cá estará a polícia.
- É verdade, exclamou ela. Vamos, Antero.
- V. Ex.<sup>a</sup> tem razão. Já não há tranqüilidade nem no Alto da

Tijuca.

O par afastou-se. Voltei ao hotel, sem saber o que fazer do dia. Para matar o tempo, aceitei do hoteleiro uma partida de bilhar. Estava doente. Aquela gente prejudicava o meu tratamento. Era preciso reagir. No dia seguinte passei por eles sem os ver, no outro fui até à praça para não os encontrar. Tornava-se, porém, obsedante o desejo de ser camarada daquela senhora que me não olhava. Assim, se evitava o par pela manhã e à tarde, dei de me fazer encontrado quando ela passeava só com o seu chapéu de palha. Uma vez falei-lhe de repente, como vizinho:

- V. Ex.<sup>a</sup> passeia a valer.

Ela olhou-me sem responder. Eu multipliquei as frases idiotas. Cheguei mesmo a dar explicações de coisas que ela não perguntara.

- No inverno, a Tijuca só para doentes. Eu estou cá por doença. Não pareço. Pois tenho mesmo várias. Primeira, a gordura.

- Faz-lhe mal?

- Principalmente a neurastenia, que é a minha segunda enfermidade.

Ela agitava a sombrinha, impaciente. E de repente:

- Diz-me que hora são?

Compreendi. Era o momento de dar-lhe uma lição, agora que a forçara a ver-me:

- As horas que V. Ex.<sup>a</sup> quer.

- Como sabe?

- Porque V. Ex.<sup>a</sup> quer que eu a deixe. Não me julgue, entretanto, erradamente. Sou um cavalheiro. Não pensava em abusar, falando-lhe. Às ordens, excelentíssima.

Curvei-me. E continuei a andar. Ela ficara meio espantada. Eu caminhava radiante. Pronto! Estava acabado! Não me preocuparia mais com a desatenção do par. Poderia vê-los aos beijos e não me aborreceria. Mas, como na tarde do mesmo dia os encontrasse abraçados, perdi a cabeça, certo de que era um acinte pessoal, uma troça ao meu exílio. Bem posso dizer que não saí da estrada, enquanto a não vi surgir só no dia seguinte. Ela, aliás, parecera ter mudado. Sorria amável. E em vez de uma explicação minha, foi ela quem falou:

- Esperava-o. Como se chama o senhor?
- Justino Pereira. Tenho que pedir desculpas.
- Ao contrário, sr. Justino Pereira. Fiquei ontem certa de que

é um *gentleman*.

O qualificativo em inglês inclinou-me lisonjeado.

- Acha?

- Tanto que o esperava para pedir-lhe um obséquio.

- V. Ex.<sup>a</sup> manda.

- Vou falar com franqueza, sem vaidade. Não veja nas minhas palavras senão necessidade urgente.

- Ouço-a.

- O sr. Justino Pereira, desde que apareceu, vejo-o tentar chamar-me a atenção. Não proteste. Há coisas que as mulheres vêem, mesmo quando não olham. A sua irritação cresce e ontem começou a explodir. Ora, tenho a certeza que terminaremos esse mal-estar sem motivo. Não tenho pelo sr. a menor antipatia. Seria interessante se pudéssemos conversar. Há, porém, motivos especiais que me inibem relações. O senhor cura as suas doenças. Eu estou também curando as minhas, convalescendo de um grave mal. Aquele que me salvou, ama-me. É Antero. Ama-me e tem um louco ciúme com razão e sem razão. A sua insistência, percebida por ele, far-me-ia sofrer muito. E eu não posso mais sofrer!

Ela dissera aquilo com tal dor que balbuciei:

- Oh! minha senhora! . . .

- Sim. Teria de recomeçar o impossível. Vi que felizmente não é um amoroso. Os amorosos não se convencem. Eis porque vim pedir-lhe que seja amigo de uma desconhecida, não insistindo em falar-me. Talvez pareça-lhe imprevisita. Seria impossível entretanto contar-lhe os motivos que me forçam a falar assim. Sr. Justino Pereira, conto com a sua palavra?

Tomei um grande ar:

- Será obedecida!

E voltei ao hotel assim. Estávamos em pleno drama! Aquela criatura na Tijuca durante o inverno, guardada por um homem ciumento que a salvara de coisas atrozés, o mistério e ao mesmo tempo a franqueza imprevisita com que ela confessara ter reparado em mim . . . Apenas, a imaginação das mulheres é capaz de inventar os maiores dramas. Eu devia oscilar entre acreditar e duvidar. Mas acreditar em quê? Mas duvidar de quê? Oh! Seria pouco masculino não esclarecer os fatos. Nessa exaustiva meditação, ao entrar num dos salões do hotel - o salão do gerente, esbarrei, positivamente, esbarrei com o Rodolfo Paixão, grande figura da *set* indígena, comerciante durante o dia, elegante o resto do tempo, sempre atrapalhado com mil conquistas e sabendo e querendo saber a vida de todo o mundo.

- Tu, aqui? Que fazes?

- Eu é que pergunto que vens cá fazer?

Paixão sorriu.

– Procurar-te. Não há quem não indague de ti! O inverno tem estado escandaloso.

– Vais trazer o escândalo até a montanha?

– Não fazes o mesmo?

– Mas criatura de Deus, estou cá por doença. Há um mês.

– Oh!

– Várias doenças: diátese gordurosa, neurastenia . . .

– Deves andar aborrecido.

– Não tanto. Faço no deserto o que tu fazes na cidade: interessome pela vida dos outros. Ainda agora anda por cá um grande amor nascido lá embaixo há quatro meses e que tu não sabes.

– Sério?

– O homem chama-se Antero.

– Não digas mais! gritou Paixão. Conheço o caso. Antero é sócio de uma casa de couros: Gomes e Ferreira. Abandonou a família por causa dessa mulher, que aliás não conheço. Sei só que é casada, reincidente no adultério . . .

– É lindíssima!

– Com que entusiasmo dizes isso!

Depois Paixão consultou o relógio, deu-me dois dedos e partiu. De modo que fiquei com outras idéias. Um pouco contraditórias, aliás. Queria voltar à vida ativa das festas e sentia-me deslocado, tinha ímpetos de pedir a conta e julgava-me destinado a nunca mais deixar aquela detestável casa d'hóspedes, julgava-me idiota e ao mesmo tempo escolhido pelo Destino para acentuar conhecimento com os amores de Antero da casa Gomes e Ferreira. Neurastenia. Falta do que fazer, talvez. E o incrível é que fiquei nesse estado de angustiada indecisão quarenta e oito horas!

Ao cabo desse tempo lembrei-me de fazer exercício, e saí. Estava o dia nublado. Eram duas da tarde. Ninguém pela estrada. Não pensava encontrá-la e os meus passos corriam para o *cottage* da descida da Gávea. Qualquer coisa dentro em mim afirmava que eu iria acabar a aventura. Há desses instintos, dessas certezas. De repente, numa das voltas da estrada, os meus olhos viram embaixo a subir ao meu encontro a linda criatura de vestido branco e um homem baixo que com ela falava. O homem não era Antero. Mas a cena não parecia d'amor. Ela subiu nervosa, discutindo. Saltei da estrada para uns matos marginais. Podia ser indecente o procedimento. Felizmente os homens de sociedade têm desculpas. De qualquer forma, eu afrontava sem utilidade o ridículo. As vozes aproximavam-se. Não tive tempo de discutir mentalmente o meu próprio ato. Vi a linda criatura parar ofegante diante do homenzinho, picado de bexiga.

– Vamos a saber: que queres?

– Sou muito desgraçado. Não posso viver sem o teu amor. Quero a tua companhia.

– Tu?

— Eu, sim. Por que não? Fui para a cadeia, certo de que me estimavas, saf para os teus braços.

— Tu?

— Eu, sim. Por que fugiste? Que te fiz eu? Esqueces que eu sou teu . . .

— Não continues! Não continues!

— Arranjaste outro então? Mas eu é que não te largo!

— Miserável!

— Custou para descobrir-te o paradeiro. Temos de nos juntar de novo. Estou sem emprego, preciso de dinheiro.

— Canalha!

— Se gritas, faço escândalo. Já não tenho o que perder.

— Ladrão!

— Isso. Chama-me nomes. Mas vem daí.

— Larga-me!

Vi-o agarrá-la pelo braço. Perdi a cabeça. Saltei na estrada, teatralmente, berrando:

— Que faz o senhor?

O homenzinho recuou. Ela, lívida, encostou-se a um tronco d'árvore, aos soluços.

— Minha senhora, não chore. Estou aqui para defendê-la.

O homenzinho sorriu, limpou o lábio fino com o lenço. E disse, friamente:

— Perdão. O senhor engana-se. Esta senhora é minha mulher.

— E o senhor é um bandido que vai deixá-la já.

— Como?

— Ouvei as suas palavras. Suma-se ou chamo a polícia.

A esta última palavra, o sujeito endireitou-se, olhou-me como a avaliar a minha decisão. Depois, tornou ao sorriso cínico, e dando d'ombros, a ela:

— Não creias que te esqueço. Hás de ter breve notícias minhas.

Até logo!

É continuou a subir a estrada, só. Em pouco perdia-se no alto com o passo regular de quem passeia. Então voltei-me para a linda criatura. Ela soluçava baixinho:

— Covarde! Covarde!

— Por quem é, não se enerve mais. Acabou. Volte para a sua casa. É melhor. Eu ficarei vigiando . . .

— Já agora perdi a minha tranqüilidade. Ele voltará. Ele quer dinheiro.

Teve um arranco:

— Não quero que pense de mim o que eu não sou. Devo contar-lhe tudo, contar-lhe o que ainda não contei a ninguém. O senhor é um homem generoso. Compreenderá.

— Será para outra vez.

— Será já. Tenha piedade. É preciso que alguém me absolva no horror desta vida! Esse miserável é meu marido. Casei-me aos de-

zoito anos. Tenho vinte e dois. Não o amava. Casei porque era um rapaz bem empregado. Mas seis meses depois, ele passou à vida das orgias e das tavolagens, abandonando-me. Resisti a todos os desastres. Resisti à penúria, à fome. Há ano e meio, já sem motivo senão para desprezá-lo, soube que o tinham prendido como falsificador de firmas. Fiquei como doida. Corri à polícia. Ele fora apanhado em flagrante e todos diziam que não era o primeiro crime. Pedi para vê-lo. Confessou-me tudo a chorar. Só eu poderia salvá-lo! A idéia de que seria a mulher de um condenado, e um falsário, alucinava-me. Não sabia a quem, como pedir. Mas tinha de salvá-lo, para não ter no meu nome, na carne, o labéu atroz. Atirei-me, então, sem experiência na infâmia humana. Só, miseravelmente só, vi o que são os homens. Arranjei-lhe advogados.

Não tinha dinheiro. Entreguei-me. Necessitava que o tratassem com regalias porque adocera na cadeia. Pedi, supliquei, entreguei-me. O processo demorava. Faltava dinheiro? Ia a um, a outro. Vendia-me. Sem juro, sem prazo. Vê-lo livre era o desejo. Esses homens, todos os homens não tinham importância. Não os via. Via o meu marido absolvido, eu mulher de um homem que a justiça dissera não ser criminoso. Que importava o número dos que me possuíam? Não os sentia. Maquinalmente cedia pensando no que aquilo desfazia de maldades para ele. Um hoje, amanhã dois – nada. Não pensava no que poderiam dizer do meu proceder. Ele não me perguntava nunca de como eu arranjava dinheiro. Eu prostituía-me a quantos pudessem vender a piedade por ele: contínuos, juizes, homens. E andava pela rua de cabeça erguida.

Um dia, ao sair da Detenção, precisava de duzentos mil réis, não sei mais para que papel. Vi Antero a seguir-me. Fi-lo parar, contei-lhe como uma doida a minha necessidade, o motivo. Ele abriu a carteira, deu-me a quantia. “Vá fazer o seu dever. Estimo-a agora mais do que antes. Quando precisar, venha a mim”. E não me tocou! Nesse dia foi como se me tirassem uma venda dos olhos. Senti-me com vergonha de mim mesma no nojo dos outros. Mas tinha de ir até ao fim, por que era superior às minhas forças a idéia de ver meu marido condenado. Antero dava-me dinheiro, olhando-me tristemente. Nos últimos dias anteriores ao julgamento, com a vontade a enfraquecer e o horror crescente de tudo aquilo, continuei, pedi, roguei, entreguei-me em segredo a alguns jurados. Mas quando, no tribunal, acabei de ouvir a sentença da absolvição, corri desvairada para um automóvel, mandei tocar para a casa de Antero, caf-lhe aos pés: – “Salva-me! Esconde-me em qualquer lugar. Está acabado. Ele livre não posso mais vê-lo, tenho-lhe nojo. E quero-te só a ti que ti-veste pena, que és bom . . .”

Foi há quatro meses. Antero trouxe-me para aqui. Estava a ressuscitar, com medo de perder a felicidade, porque Antero, sabendo o passado, tem no íntimo o receio do futuro, guarda o amargor do ciúme. O senhor viu vomo lhe falei. O senhor viu, porém, mais: viu-me

de novo nas mãos de meu marido, abjetamente cínico, querendo explorar-me. Estou perdida! Vou falar a Antero. Não sei o que faça. Mas o senhor que o acaso fez meu juiz, não condene esta desgraçada . . .

Respeitosamente beijei-lhe a mão. Depois, com calma:

— O caso é de simples resolução. V. Ex<sup>a</sup> conta ao sr. Antero a cena de há pouco. O sr. Antero previne a polfícia. A polfícia apesar de muito deficiente ainda presta serviços. Assim prende o malandrim de seu marido e deporta-o como cáften que pretende ser da própria esposa.

— Nunca! bradou ela. É meu marido. Não lhe posso fazer mal. Tenho-lhe asco. Por ele enlameei a mocidade e perdi a alegria. Tenho-lhe medo — medo do seu contato, medo das desgraças que me vai trazer. Mas, preso, condenado, meu marido . . . Não posso! Não posso! Não é possível!

— Que vai fazer então?

— Fugir, defender-me, não sei . . . não sei!

— Seja como entender. Terá sempre um amigo ao seu dispor.

E despedi-me. Ela voltou a casa quase a correr. Eu ao hotel, devagar. Estava fatigadíssimo. Deitei-me com seguro desejo de meditar. No fundo a prática da vida fazia-me ter pena do futuro de Antero, até que Antero se libertasse. Quanto à linda criatura, ao voltar-me na cama, notei que a minha curiosidade tivera uma tremenda falha: esquecerera de saber-lhe o nome. Neurastenia. Só podia ser neurastenia. Fechei os olhos e dormi profundamente até o dia seguinte.

Não tornei, aliás, a ver a bela e infeliz senhora. A chuva, que estava a ameaçar, caiu sessenta horas consecutivas. Fazia frio, umidade. Fiquei preso no hotel. Depois tinha perdido interesse. É verdade. Essa história parecia-me remota e confusa como a de Semíramis, por exemplo, que eu nunca ouvi contar senão por alto. E com razão. Nada mais inútil que a psicologia das mulheres. Nunca se sabe ao certo o que elas são nem o que elas querem . . .

## O veneno da literatura

– Justo!

– Boa noite.

– No trabalho da correspondência?

– O martírio dos escritores que freqüentam as colunas dos jornais...

Era raro, cada noite, não encontrar na galeria de entrada do grande diário, àquela hora tardia, Justo de Sousa. Vinha em geral de teatros, de recepções. Estava sempre de casaca. O rosto magro dizia fadiga, o olhar ardente confessava ânsia. Mas a sua palavra era alegre e o conjunto de Justo de Sousa exprimia a simpatia de uma inteligente elegância. Daí não lhe invejarem aquela escandalosa correspondência diária em que se amontoavam pedidos, confissões, intrigas, aplausos, desaforos.

Escrever nos jornais é abrir uma tenda de loucuras no meio da rua! dizia ele, no fundo lisonjeado.

Uma certa vez encontrei-o atento sobre um maço de folhas escritas à máquina e rescentes de perfume.

– Algum romance?

– Decerto, uma brincadeira que continua. Há oito dias recebi uma carta como esta, longa demais. Era uma senhora que se fazia donzela, maior e solteira, para declarar enorme paixão por mim. Já não tenho idade de causar paixões e muito me arreceio do ridículo. Como a carta era bem escrita levei-a a algumas senhoras minhas amigas para que elas descobrissem de quem seria a brincadeira. Não era nenhuma delas. De homem também não podia ser. Não há homem que por pilhéria seja tão difuso.

– A carta não tinha indicações?

– Nem esta que é a segunda. Ela queixa-se de que não lhe dou importância, conta histórias com snobismo e ingenuidade e mais nada. Enfim deve continuar...

Dessa noite em diante, quando subia ao jornal e via Justo de Sousa a ler a correspondência, indagava sempre:

– E a rapariga misteriosa?

Quando não havia cartas, ele sacudia os ombros. Quando havia, porém, insensivelmente animava-se.

– É um caso curioso, um caso mórbido. Dez folhas de papel em máquina de escrever! Não se trata de um brinco de mulher. Posi-

tivamente encontro-me diante de um mistério. Tanto mais quanto pelas cartas vejo que é uma rapariga ingênua mas inteligentíssima. Nem uma só indicação! O diabo é que ela sabe a minha vida e escreve-me coisas... Lê estas linhas!

— De uma vez li realmente o seguinte:

“Justo, meu supremo bem! — recebeste minha carta última? Recebeste, sim. Somente, como tomaste por orgulho e vaidade o que era apenas o receio de ser importuna, quiseste castigar-me. Que injustiça! Esperei tantos dias! És o soberano senhor: tens o direito de demonstrar o desagrado. Mas fala!

Custa-te ser paladino? Nas religiões antigas, havia deuses perversos, inexoráveis, mas nenhum vedava ao crente o direito da adoração nem da oferenda e da prece. Sê um deus, ainda mais bárbaro, que tudo recusa e prosbe, mas deixa adivinhar os oráculos! Não sei o que pensar. O desdém silencioso é o mais desprezível. Em que o mereci? Que culpa tenho eu de ser ciumenta? Tanto quanto a de amarte. E amo-te e sou ciumenta como não podes calcular! Quem me dera possuir um fluido, um elixir, um poder, um meio qualquer que te desse a amnésia de todas as mulheres que passaram em tua vida e que também te cegasse para todas as outras, no presente e no futuro!

Tivesse, então, a luz mais esplendor; a cor outros matizes que nunca ninguém viu; o perfume das rosas mais calor suave; e que o som tivesse aos teus ouvidos vibrações, que nem aos anjos Deus permite ouvir — para indenizar-te, ó meu doce amado. Não seria possível amar tanto, mas, com certeza, amaria com mais tranquilidade teus queridos olhos sem memória e apagados para sempre a todas as mulheres. Tenho ciúme de tudo. Do teu passado desde o berço; ciúmes do presente, nos menores fatos da vida; e do futuro até a cova que te há de servir de sepultura!

E no entanto, amo-te com tudo quanto há de mais imaterial e fluido em nosso ser. E às vezes até tenho desejo que ames uma outra como eu te amo para sentires a vida em toda a plenitude da beleza, do gozo e até da dor! Sou contraditória, pensarás. E tu? Quem o não é?

Amo-te, minha deliciosa tortura! Amo-te! é tão bom dizê-lo! Deixa que eu seja feliz um pouco.

Quererás banir-me da tua vida? As tuas mãos parecem-me agasalhantes e o teu gesto acolhedor. Em ti tudo é mentira? Tenho a cabeça fria e cansada de pensar sofrendo; toma-a em tuas mãos, que devem estar mornas e não a deixes rolar. Faze o que se faz a uma filha, tem paciência carinhosa, debruça-te para escutar-me o balbucio e procura adivinhá-lo. Tenho tanta cousa que contar-te e não sei como começar!

Quando me fazes sofrer, nunca tive a vontade de matar-te nem de matar-me. Seria o pecado que Deus não perdoad, mas dá-me o desejo de morrermos. Talvez que em minhas veias corra sangue assassino.

Quando sofro de ti ou por ti, rezo e não sei por que, dá-me o desejo de rever o passado e encontrar esse desejo de extermínio e amor que palpita no meu amor”.

– Que dizes? indagou Justo.

– É difícil ter opinião sobre as mulheres. Em todo o caso, parece-me uma rapariga muito inteligente, meio tola, pervertida pelo veneno da literatura.

– Exatamente! E apesar de eu não saber quem é, tenho o horror de que ria de mim.

– Meu caro, no amor ou o amor é bastante forte para não ver o ridículo ou quando se sente o ridículo não existe amor...

– Pelo amor de Deus! Não posso crer no amor de uma pessoa que não conheço. E tenho quarenta e três anos de experiência das que se deixam ver...

Estas filosofias trocávamos pelo menos uma vez por semana, sempre que chegava uma carta. A misteriosa escritora, mantendo o mesmo ardor, mantinha a mesma incoercível infantilidade, narrando uma vida fantástica, a sua vida, a vida como a desejaria viver, com a preocupação evidente de espantar o pobre Justo. Eram alusões a Miss, sua aia, eram referências aos galgos brancos, ao seu palácio, à sua fazenda, aos ancestrais fidalgos, ao pai embaixador. Devia haver uma verdade escondida nessas criações. Havia mesmo a verdade inteira de uma profunda religião. Ao cabo de dois meses ela assinou as cartas: Leônia. Mas só. Absolutamente só. E quem lesse essa correspondência encontraria a marcha de uma intriga amorosa com desesperos, arrufos, êxtases, reconciliações, tão d'aparência reais que Justo punha as mãos na cabeça:

– Mas que papel faço eu em tudo isto?

E estava, afinal, inteiramente preso, querendo saber, querendo conhecer o mistério. As cartas continuavam agora implacáveis. Cada ato de Justo era discutido ou embelezado. No dia seguinte àquele em que o escritor mundano fizera uma conferência num salão em que todas as pessoas eram suas conhecidas, Justo mostrou-me a carta fatal. Dizia assim:

“Começaste a falar. O meu *orgam* de Corti deve ser especialíssimo. Ou já se acha muito aperfeiçoado ou muito próximo ainda do dos animais.

Descubro no som vibrações que para todos são desconhecidas. E associo essas vibrações, por um trabalho obscuro do meu cérebro e que não sei explicar, a cores, a matizes. Como que todos os meus sentidos percebem o som. A tua voz dá-me a impressão da prata aquecida pelo mel a ferver. Vejo-a cor das sempre-vivas e sinto-a no olfato e no tato como o calor perfumado de uma mão enluvada, a roçar pelos lábios. A primeira cousa que amei em ti foi a tua voz. Foi ela o fio condutor do meu coração. Depois olhei-te e amei os teus olhos.

Estavas alegre. Os teus olhos riam como tua boca. De repente,

à leitura de uns versos, o teu ar tornou-se grave; o teu olhar nublou-se de uma expressão estranha. Senti que estremecias. E ao recomêças a leitura a tua voz era velada e tinhas a testa tão pálida que julguei-a fria! A quem viste? Em quem pensaste, meu amado? Foi o perfume de alguma rosa do Oriente que sentiste através dos versos que ouvias? Devia ter sido muito amada a sultana que a simples evocação de seu perfume quase te fez desmaiar!

Cem anos que viva nunca esquecerei esse momento. Tive vontade de arrancar-te a alma. Mas qual delas? Tenho-a no meu cérebro e já não sei qual é a minha. Não podias ter guardado as tuas recordações para outro lugar em que não fossem percebidas e não houvesse quem sofresse com elas? Por que carregas a tortura para os outros? É porque lhes trazes a felicidade? Faze só felizes! É tão bom ser bom!

Falavas em rosas e tua fronte estava orvalhada de suor como as rosas em manhãs de julho.

Não desejava o gesto de Desdêmona? Eu fiz mentalmente o gesto dela, e o fiz melhor do que ela. Não sentiste que tua testa ficou cheirando a rosas? Eu a enxuguei com os meus cabelos.

Sem queres, sem saberes, simples acaso, o teu olhar duas vezes cruzou o meu olhar. Tive sonhos de rainha. Pensei – vê que loucura! que tinhas pensado em mim quando escrevias a tua conferência. Foi verdade, meu amor?

Quiseste mostrar-me que conhecias muito bem os costumes turcos? Mas não conheces a alma das turcas e dizes que elas não a têm. Será por isso que não são ciumentas? Imagina como devo sê-lo, eu que tenho duas!

Eu sinto tanta alma! E às vezes fico abismada do poder que tens de criar-me e para mim ser Deus!

Ao partirmos dei ordem que o auto fosse a toda a velocidade e corresse sem destino por todos os lugares asfaltados. Fazia luar, fazia frio e eu fiz das rosas travesseiro. Passeia tu também assim.

Um travesseiro de rosas é tão boa companhia! Se soubesses tudo o que se sonha? E mais do que o Oriente, são os quatro pontos cardeais. E eu sonhei todos os céus, por que sonhei o impossível céu do teu amor! Bebi luar; sacudi árvores cheias de murta; afaguei beija-flores; senti vestígios de perfume em plumas há muito guardadas; lasquei o sândalo; machuquei a malva; embalei-me em redes; vi a corola das rosas cheias de besouros dourados; vi mil asas de insetos todas irisadas, através da luz; vi topázios lindos em veludos negros; mordi os jambos e mastiguei mangabas; ouvi violinos descendo dos montes; dancei cantando como Mignon; toquei as sinfonias de Beethoven, sem resvalar uma nota; li Shakespeare e repeti insofrida a insofrida Julieta...

Não é melhor viajar com as rosas? Mas só com as rosas!

Vou viajar, porém, e não com elas. Miss está muito fatigada e precisa subir a montanha. Voltarei em agosto. Só te lerei com três

dias de atraso. Eu que detestava as terças-feiras porque não escrevias! Quem dera que esse tempo voltasse! Agora é apenas uma vez na semana ou na quinzena.

Disse-te tanta tolice! Vás pensar: essa menina diz cousas que não são lá muito Sacré Coeur... Os modos dela também não serão lá muito Sacré Coeur? Fica sabendo que os meus modos são sempre muito Sacré Coeur, mesmo quando me descalço e corro pela Praia Maravilhosa e subo a montanha. E se disser, como faço, que te amo, acharás que se não é muito Sacré Coeur, é pelo menos do coração de — Leônia.”

E o papel cheirava a uma esquisita mistura de chipre e violeta.

— O meu ridículo! murmurava Justo. Essa rapariga olha para mim e ri, talvez escreva de colaboração com as amigas... Não tenho que me queixar. Mas, francamente, a indecisão envolvente... Imagina que recebo agora também pelo rápido, em casa, presentes...

— Presentes?

— Mandou-me uma caixa de charão com a *Imitação de Cristo*, encadernada em veludo bordado. Tu ris? Eu riria também, se não estivesse numa situação extravagante. Por que essa criaturinha procede assim comigo, fazendo-me alvo de uma brincadeira cruel?

— Pode amar-te.

— E defende-se.

— É o veneno da literatura.

— Com certeza. Olha, também faz versos.

Vi-o desdobrar a folha com receio. Felizmente eram apenas algumas quadras ao mais ingrato de todos os ingratos:

Pouco me importa não ser amada;  
Pouco me importa não ter seus ais.  
Todos os dias, de madrugada.  
Canta-me as aves madrigais.

Pouco me importa que não me queira;  
Pouco me importa com o seu sentir.  
Todas as tardes, rosa faceira,  
Suspira terna por meu sorrir.

Pouco me importa que não me veja;  
Pouco me importa com o seu olhar.  
Todas as noites, no céu lampeja.  
Formosa estrela ao meu deitar.

O caso era tão interessante que também eu fiquei preocupado e com aquele perfume das cartas no olfato, como à espera de encontrar a possuidora. Mas há tantas mulheres usando a mesma combinação que elas julgam a única; há hoje tantas senhoras que escrevem versos e amam literariamente. Nos salões que ambos freqüentávamos, nos teatros em que estávamos juntos, muita vez pensei encontrar o perfume. Seria o da Genoveva d' Abrantes, a linda esposa do diplo-

mata Gensérico e que também faz versos? Seria o da jovem marechala Eponina Marques? Seria o de Rute, filha do Visconde de Serro? Mas a velhíssima baronesa de Salto, que nestes últimos tempos adotou o papel de Musa, e a dionísica Alda Leme, romancista lírica, usam o mesmo perfume e há uma família inteira: a Paiva Gomes, com cinco filhas inteligentes, recitando nos salões e todas com o mesmo perfume de chipre e violeta. Essas meninas são um modelo moral, sem *flirts*. Duas iam mesmo casar. A mais alegre, Margarida, desposaria Marco Pereira, um rapaz fortíssimo dado ao *foot-ball*, inteiramente americano. Interroguei Justo sobre essas senhoras. Justo na ânsia de saber já mostrara as cartas a essas senhoras suas camaradas. Só não falara à família Gomes — a qual conhecia apenas de cumprimento. Com a anedota de Justo interessei a sociedade nesse inverno e uma vez a jantar na casa de Gomes contei a tortura do escritor. As meninas ouviram-me espantadas.

— O difícil é saber a autora da brincadeira.

— Eu não me ralava! exclamou Marco, envolvido no olhar amoroso de Margarida.

— Não é tão difícil assim. Olhe, eu parto do princípio de que Leônia é da nossa sociedade. Conheço o tipo das máquinas de escrever.

— Há muitas iguais e hoje qual a casa em que não há um desses objetos impessoais?

— Conheço o papel também. Ora, com papel, máquina e perfume, se não encontrar os três reunidos, encontro pelo menos indícios.

— E com que fim?

— Para saber...

— Por simples coincidência. Justo, que recebia cartas de ciúme com referências a várias senhoras suas amigas, recebeu uma breve epístola:

“Escrevi-te anteontem para brincar e não perfumei a carta para ficares desconfiado. Recebeste-a? Recebeste sim. Se me desses a entender que o meu gracejo chegou-te, sabes o que eu faria? Não te digo porque talvez seja pior. Vou-te deixar em paz; volto para a roça.

Hoje me disseram que estavas apaixonado por uma cigana. Uma cigana! Certamente que cabelos ásperos não cheiram a rosas.

Já não tenho mais ciúme de ninguém. Quem está apaixonado por três pessoas a um tempo não gosta de nenhuma. E eu olharei sempre os cravos sem lembrar-me dessa Carmem sem poesia e se não cantar a habanera é porque Bizet não a escreveu para soprano dramático. Felizmente não tens a alma nem o punhal de D. José!

Tu sabes que alguns animais foram muito agradecidos a S. Francisco de Assis que os chamou seus irmãos. E a ti, criatura humana, qual o nome que não dei que não fosse só carinho?! Há de pensar, às vezes, que sou uma insensata e que penso e desejo que

me possas amar. Nunca tive essa ambição, mas ao menos podias deixar adivinhar que gostavas que te amasse! E dizer que chego a pensar que me guardas rancor porque... não me podes mostrar aos outros!

Escrevo-te por ser esse o meu único consolo; nem sequer te vejo! Porque não quero, pensarás tu. Porque não posso, porque tenho medo! A última vez que te vi foi no dia 30 de junho. Fui uma tola em te escrever! Privei-me do pouco que tinha para não ter cousa nenhuma! Se ao menos gostasses das minhas pobres cartas!

Já pensei em abandonar essa cidade para ter mais liberdade e viver um pouco como toda a gente. Meu destino escravizou-me, meu amor acorrentou-me e tenho tantas vezes vontade de ser livre e de correr!

Mesmo que ainda me demore aqui uns dias, antes de partir para a roça não te escreverei, meu querido ingrato. Até a volta?... — Leônia.”

Não sei por que esta carta fez-me insistir nas minhas atenções à família Paiva. No Municipal passava intervalos inteiros na sua frisa; saí com eles de algumas recepções. E esse meu cuidado sofria desilusões. Porque as raparigas eram de fato normalíssimas e sem literatura. De fato usavam o cheiro que existia nas cartas a Justo; de fato havia na casa uma dessas máquinas de escrever que substituí o ensino da caligrafia pelo dátilo, substituindo a pena pelo dedo; de fato deveria haver papel. Mas nenhuma dessas meninas escreveria assim, poderia manter um romance tão curioso e principalmente com tanto segredo. A mais inteligente, Margarida, era uma criatura mais gorda que magra, com os cabelos negros e enormes, dois olhos tão negros que desprendiam um fulgor noturno de estrelas e uma boca sensual carnuda. Os últimos dias de noivado, parecia-me haviam apagado a inteligência de tão ardente rapariga. Ela andava num bamboleio que as mulheres têm quando estão exasperadas de desejo. O noivo, Marco, aparecia para ficar com as mãos presas nas dela. E ela tinha uma tal maneira de lhe pronunciar o nome, misto de arrulho e de ronronar, áspero e doce ao mesmo tempo — que os mais indiferentes perdiam a calma. Felizardo rapaz! O seu pescoço de Hércules, os seus bíceps, a sua força de adolescente de estádio, tudo isso era esperado por Margarida como uma pira espera a vítima. Que amor! que desejo! Ela não poderia pensar noutra coisa senão em Marco. E só de resto falava com ele, só estava perto dele. É irritante ver uma rapariga apaixonada por outro homem. Pelo menos sentimos a vontade de substituir o indivíduo.

Nessa época tive de ir a São Paulo, e no dia da partida fui passar a manhã na *garçonnière* do impenitente celibatário Justo. Ele estava tranqüilo, contente, paradoxal. Perguntei-lhe pela missivista anônima.

— Continua a escrever, disse ele, acumulando mentiras ingênuas, para que seja impossível descobri-la. É um temperamento

artístico. Reuni-lhe as cartas. São capítulos de um romance interessante: o romance da imaginação. Se ela publicá-lo ou se alguém por ela publicar estas duas cartas, ninguém acreditará que no século XX, uma pequena educada, de boa sociedade, passou vários meses a escrever de paixão a um homem quase velho, sem procurar conhecê-lo, antes encobrendo-se sob absoluto incógnito.

— Com que fim?

— Sei lá! A princípio irritei-me. Depois refleti que sendo eu a criatura mais pública na obrigação diária de exprimir sentimentos, idéias pelos jornais — ela voltou-se para os meus olhos como para um confessionário onde depositasse o excesso da imaginação. Apenas.

— Ora!

— Garanto-te que para a incógnita seria o maior desastre se me conhecesse pessoalmente. E entretanto ainda hoje recebi uma carta que começa assim: “Justo adorado de ontem, de hoje, de amanhã, de sempre!”, em que me conta a sua história, a história que ela queria ter, com pormenores nos quais encontro o pulso de um romancista na imaginação pueril de uma pequena pura de alma...

— Não compreendo.

— As mulheres é melhor não compreender. Choremos um pouco porém, porque Leônia está com dois dedos deslocados. É fantasia. Mas a fantasia é a única realidade no caso. Lê o final da carta em que se contam os mais imprevistos episódios:

“Se ficares aborrecido comigo por causa das revelações dessa carta, vingá-te ao saber que foi escrita com o maior sacrifício moral e físico que é possível imaginar. Há cinco dias, num passeio a cavalo, o último que dei na roça, divertia-me em puxar pelos galhos das árvores por onde passava; numa delas, numa casa de marimbondos que não vi, um dos habitantes mordeu o meu cavalo e o animal ferido tomou o freio nos dentes. Para evitar a queda, saltei e fui cair com a mão que segurava o chicotinho de encontro a certa “maria mole” que foi bastante dura para deslocar-me três dedos, dois dos quais com que te escrevo. Cada tecla que firo é uma nova dor que me vai até a clavícula e às vezes se irradia pela cabeça. Mas é tão bom escrever-te!...

Tem paciência que hoje errei mais do que os outros dias. Não te rias muito da pobre Leônia.”

Fui a São Paulo onde passei quinze dias entre o Automóvel Club e o bar do Trianon, assistindo ao esforço com que aquela gente trabalha para dar a impressão de Paris e de Londres. Lia sempre os jornais do Rio. Li o casamento de Margarida de Paiva Gomes com Marco Pereira, imaginando a felicidade de Marco. Li a partida de Rute para a Argentina. Li grandes acontecimentos que só interessavam a minha sociedade. E voltei, convencido de que não era possível à vida mundana do Rio continuar sem a minha presença. Assim,

indo à noite ao jornal, encontrei sentado à mesa do contínuo, na galeria de entrada, o querido Justo.

— Sempre a correspondência?

— Exatamente.

— E o romance da menina?

— Chegou o capítulo final, que eu esperava para ter a certeza.

Lê.

Eu li cheio de curiosidade:

“Fui sempre sincera, é a minha escusa. E quanto a sua vida íntima, era naturalíssimo que eu a ignorasse. Sou reservada por temperamento (duvida talvez), e nunca faço pergunta a ninguém, nem mesmo sobre terceiro, por mais que me interesse. Tenho tanto pudor em indagar como em revelar. Nunca houve no mundo pessoa a que eu tanto interrogasse e tanto dissesse como ao senhor e por quê! Os meus amigos do Brasil mal sabem quem sou, e há cinco anos que temos relações.

Se soubesse como ainda de manhãzinha, no dia 25, festa da Miss, eu estava alegre! Se tivesse lido o que, na ignorância de tudo, eu escrevi-lhe de travesso e de brincado! Certamente não teria, talvez, a suspeita que foi cansaço o que me fez agir.

Costumava, todos os anos, convidar as pessoas com quem me dou para no inverno terem a bondade de me conceder a sua respeitável companhia na temporada teatral. Este ano prometera a Deus privar-me disso e a ninguém, por cousa alguma, faria a confidência. Era preciso ausentar-me para não causar estranheza e projetei ir para a roça. Quando resolvi partir para sempre, pus mãos à obra e só lá passarei dois dias em despedida. Esta carta só lhe chegará às mãos quando tiver deixado o Rio de Janeiro para nunca mais voltar.

Deixo nossa casa como está, aos pouquíssimos amigos que tive aqui. Quero, ao partir, ter a ilusão que regressarei à tardinha; quero levar na retina o aspecto das cousas que me foram familiares tais quais como elas eram. Só o móvel que suporta esta máquina será aliviado do seu peso; só os retratos queridos deixarão claros nas paredes.

Tenho pena das minhas rosas e levo uma grande saudade dos pássaros.

Não irei para a Europa enquanto durar a guerra. Não me sinto com coragem de expor a vida de duas pessoas que estão prontas sempre a me acompanhar ao fim do mundo.

Nos dois primeiros anos de minha estada aqui, viajei o Brasil inteiro, de norte a sul; não há um só Estado do meu país que não seja meu conhecido. Fui também até Montevidéu e pretendo ir agora até aos Andes.

Hei de, se Deus permitir, conhecer toda a América e voltarei aos Estados Unidos, de onde conservo apenas uma muito vaga recordação.

Como o meu pai, e como costume fazer, viajarei incógnita e

por terra, o mais que for possível. Finda a guerra voltarei a Londres; irei novamente à Índia e ao Japão. Viajarei até a velhice ou até cansar. Só então fixarei residência e será na Itália ou no Meio-Dia da França. Procurarei um céu cujo azul me recorde um pouco o do meu Brasil. Em Londres, creio que morreria de tédio e de tristeza apesar da vida turbilhonante que seria forçada a levar e talvez mais por isso.

O senhor não é apenas um fidalgo milionário, conhecido somente em certa roda e através do luxo e das festas frívolas das grandes capitais; seu laureado nome chegar-me-á sempre aos ouvidos passando por todas as cidades e atravessando todas as fronteiras.

De muito longe e sem que ninguém diga, poderei saber de sua vida e do emprego de seu tempo: lá também será possível viver do seu cérebro e na esperança do que para a outra vida supliquei a Deus. Será então sem injustiça e sem remorso.

Tenho o consolo de pensar que fui a alma amiga que nunca fiz sofrer, o que é tão raro! àquele a quem mais me dediquei. E nem ao mesmo suspeitará quando deixar este mundo, e só então, depois disso, saberá quem sou e sem indagações e sem trabalho. Durante a vida hei de guardar o incógnito a todo o transe. Ser-lhe-á impossível descobrir-me; para alguma cousa, valeu-me ter aprendido a esgrima e o xadrez.

Perdoe o que não devia ter dito; perdoe o que disse mal e perdoe sobretudo o que calei. Adeus! — Leônia.”

— É Rute! exclamei.

— Não é Rute! riu Justo. Mas sei quem é. Dei o caso que me angustiava, com as devidas reservas, a uma agência secreta de informações, ministrando-lhes os envelopes que tinham os carimbos e os registros das agências em que tinham sido entregues. Os agentes trabalharam, e me anunciaram com antecedência as cartas. Essas cartas eram postas na caixa do correio ou registradas na agência de Bota fogo antes ou depois da missa de domingo. Os agentes acompanharam a “criminosa”. Era Margarida Gomes — aquela encantadora menina, hoje a sr.<sup>a</sup> Marco Pereira!

— É que fizeste?

— Nada. Desvanecidamente nada. Encantadamente nada. Para que assustar uma deliciosa criatura que escolheu para o bem, que, sem nunca ter falado comigo, foi boa a ponto de me dar o que mais podia dar: o seu pensamento, a sua alma durante o noivado com outro? Assisti ao casamento. Compreendi que ela podia amar Marco, e podia pensar que eu compreendia a inteligência dos seus sentidos. E senti-me miserável por não ter lido o que me escreveu com a unção e a gravidade devidas.

— É incompreensível.

— É feminino.

— É como bem dizias o veneno da literatura. Depois do casamento...

— Talvez o Marco tenha a sua alma. Em todo o caso eu é que não serei convidado a repartir o que se chama a carne... Só se ama assim, deliciosamente, uma vez. Margarida! Queres saber? Foi o único perfume da minha velhice, a miragem floral da primavera. E se eu morresse hoje, morreria contente, sem que ninguém soubesse ter morrido o homem que soube ter sido o outro...

## Uma criatura a quem nunca faltou nada!

— Oh! meu caro Dr. Praxedes! Bons olhos o vejam. Então também aqui?

— A consolar o nosso digno e infeliz amigo Antônio d'Albuquerque. Compreende. Apesar da situação irregular e do passado da finada, o Antônio é um funcionário de tanta honestidade e tem padecido tanto que achei dever prestar-lhe esta homenagem.

— Fez muito bem. O sr. Dr. Praxedes sabe o que fez.

— Procuo estar acima dos preconceitos e sou amigo de Antônio, posto que não lhe freqüentasse a casa. Compreende. Não poderia jamais dizer à minha esposa o modo de vida do meu desgraçado amigo.

— E não acompanha o enterro?

— Infelizmente não tenho condução.

— Se é só por isso, oferecia-lhe lugar no meu automóvel. Somos tão poucos que o Antônio redobraria a gratidão. É uma seca, bem sei. Vou também só por ele. Com a sua companhia lucraria a palestra.

— Muito obrigado. Que horas são?

— Três horas. Já o Dr. Praxedes não volta à repartição, e assim despachado o enterro, eu o levaria a casa. De automóvel os enterramentos são rápidos.

— Cerimônia bem dolorosa.

— Todos nós para lá iremos. Venha, caro doutor.

— Homem, aceite. Não, se me dá licença, fico à sua esquerda.

— Por quem é!

— Senhor Argemiro Leitão, o coche fúnebre já marcha. A minha resolução é inabalável.

— Não o quero contrariar.

A portinhola bateu. O automóvel seguiu. Era na miserável Rua do Carmo, em frente a um prédio esborcinado. Um grupo sórdido de curiosos vizinhos assistia ao lúgubre saimento daquele enterro de terceira classe. O sol de verão dardejava, vestindo as frontarias sujas e o mau piso da rua de um fulgor causticante. Durante alguns momentos, dentro do automóvel que saltava, os dois cavalheiros não disseram palavra. Mas desde que o minguado cortejo tomou a Aveni-

da Assembléia, deslizando sobre asfalto, o respeitável Dr. Praxedes exclamou, aliviado:

— Safa! Que calçamento!

— E para V. S.<sup>a</sup> ver, no Centro da cidade . . .

— Também, a moradia aqui deve ser muito em conta.

— É.

— Eu nunca me habituei ao Centro. Quero ar puro. Minha senhora sofre de asma.

— Ah!

Houve um silêncio. O Dr. Praxedes estava solene e grave. Argemiro Leitão olhava a rua. De repente, entre importante e curioso, com o sorriso de quem desculpa os erros da humanidade, o primeiro indagou:

— O senhor era íntimo da casa?

— Como desde o tempo da saúde de Antônio.

— Conheceu então a pobre transviada que vamos a enterrar.

— Conheci.

— Que tal? Ela morreu ainda nova?

— Com trinta e dois anos.

— Essas infelizes morrem sempre cedo. Ainda é bom quando lhes sucede o que a esta sucedeu: morrer sem nada lhe faltar . . . Argemiro Leitão voltou-se às últimas palavras:

— Dr. Praxedes, conhece a história dessa mulher?

— Não. Sempre tive repugnância de me imiscuir na intimidade irregular dos meus amigos.

— Eu fui forçado a isso. Sabe quanto sou camarada de Antônio.

— É notável a sua dedicação.

— Que irá até à morte de pobre homem. Posso pois contar-lhe uma história.

— Com referências à defunta?

— A sua própria história. Há doze anos, Antônio e eu éramos dois estrólinas. Antônio, com trinta e cinco, era de uma resistência de aço. Na repartição, vendo-o assíduo, ninguém imaginaria aquela vida de noites em claro, ceias, mulheres. Não tinha nem uma dor de cabeça. Certa vez, à tarde, foi buscar-me, participando a grande novidade: ia conquistar uma rapariga, coisa fina. Chamava-se Rosa. Filha de um promotor no sertão de Minas, deixara-se seduzir por um caixeiro viajante, que a abandonara por imposição dos patrões em pleno Rio. Rosa encontrara, porém, o velho desembargador Sepúlveda, que lhe montara casa. Vivia isolada no maior recato, com vinte anos e formosa. Antônio imaginava ser adventício. Ela recusava. Não tinha jeito de enganar um homem que a salvara da miséria. O assédio continuou por meses. Até o dia em que Rosa, já vencida, declarou deixar Sepúlveda de vez, se Antônio quisesse. Para os homens há sempre uma providência.

— Se há!

– Quis a providência que Antônio, exasperado com a resistência, louco de desejo, aceitasse a proposta. Uma noite levou-me a jantar em casa. Era nesse tempo amanuense e com algum esforço suplementar fazia meio conto por mês. A casa devia ser paupérrima. Era. Rosa, que deixara o luxo e o palacete de Sepúlveda, vivia nesse lugar com uma criada preta e a sua beleza. A primeira vez que com ela conversei, tive de admirar o seu bom senso, a sua bondade e os seus conhecimentos, tão sólidos quão discretos. Como para a sociedade que permitia Antônio leão de mulheres fáceis, não ficava bem Antônio exibir uma senhora que não era sua esposa, o nosso amigo não safa com ela. Rosa ficava em casa. Dirão os mais sem preconceitos que ele poderia casar. Mas quando não se tem dinheiro e se depende do governo, há gestos honestos imoralfssimos.

– O meu caro sr. Leitão exagera o paradoxo.

– Perdão. Quero apenas dizer que Antônio por uma porção de motivos não pensou em casar.

– Tanto mais quanto devia estar de sobre-aviso. Quem faz uma, faz cem . . .

– Exatamente. Rosa ficou em casa. Divertia-se em cozer para ela e para Antônio. Quando faltava a criada fazia ela o serviço da casa, desde a arrumação até à cozinha. Era o matrimônio. Se V. S.<sup>a</sup> permite a um renitente celibatário a expressão: era o atroz matrimônio em toda a sua aflitiva vulgaridade. E, conseqüentemente, Antônio, o solteirão, reunia os cuidados prestados pelo lar – aos divertimentos externos. Chegava tarde, cortava nas despesas e quando eu lhe notava a injustiça, dizia, convencido: “Não lhe falta nada.” A quem não pede e não reclama, nunca nada lhe falta. Assim, o comentário, a vida de Rosa, não podia ser outro. Ainda agora mesmo o sr. Dr. Praxedes dizia que não lhe faltou nada.

– Com o seu socialismo feminino o sr. Leitão envenena as bases da sociedade.

– A Rosa não era, como diz V. S.<sup>a</sup>, socialista. Estava contente com aquele estado de miséria irregular, de culpada sem ter culpa e sem o direito de queixa. Era como um perpétuo susto grave. Afinal, um belo dia o nosso Antônio adoeceu. Consultou vários médicos, queixando-se de dispepsia, de neurastenia. Estava também taquicárdico. Os médicos mandaram-no a Caxambu e lá, numa ducha escoceza, o pobre caiu hemiplégico. Fomos recebê-lo à Central, como ainda está hoje, muito pior: o braço pendente, a língua trôpega, a perna arrastada e dois olhos cheios de terror e de ódio impotente.

– Realmente, há dez anos, Antônio está assim . . .

– Graças à bondade de V. S.<sup>a</sup> conseguiu ser primeiro oficial sem trabalhar.

– Não fale. Temos tanta pena.

– Mas V. S.<sup>a</sup> deve lembrar-se do ano de licença e depois, dos consecutivos pedidos de dispensa. Pois nesse longo tempo eu vi o mais agonizante drama da minha existência. Antônio chegara com o

desespero, a raiva, o egoísmo dos estropiados. Os médicos constata-  
vam o mal horrendo da avaria. Mas, para tomar tempo e dinheiro,  
acenovavam com mil esperanças que eram tratamentos dispendiosos:  
eletricidade, massagens, drogas, um inferno. O nosso amigo viva em  
oscilação d'ânimo: desesperança extrema e certeza de melhora. E ao  
lembrar-se do tempo em que era forte e são, tinha crises de lágrimas,  
rolava pelo chão, gritava, queria matar-se. Os raros camaradas desa-  
pareceram. Certa vez fui encontrá-lo debaixo da cama, resistindo aos  
rogos da Rosa. Era a ameaça da loucura. Tínhamos que dominar o  
novo mal, recorrendo a especialistas. E durante um ano, diante de  
um desgraçado a que a infelicidade fizera áspero e duro, eu vi Rosa  
sem dormir, lívida, multiplicando-se, só o deixando para ir pedir aos  
médicos e à farmácia. Como o Dr. Praxedes sabe, eu não tenho re-  
cursos e as minhas relações mesmo que os tivessem, não nos da-  
riam. Fiz o que podia fazer. Mas vi a parca mobília ir desaparecendo,  
vi Rosa com o casabeque roto, lavando à noite a camisa única  
para vesti-la pela manhã. Não tinha uma queixa. Chorava silencio-  
samente por ele. E só ela, à custa de paciência, de cuidados, conse-  
guiu recompor a alma em destroços do nosso Antônio, que a ela só  
tinha no mundo. Muitas vezes eu meditava na esquisita alma da  
criatura que se resignava aquele esforço donde não lhe adviria ne-  
nhum resultado nem moral, nem prático, nem sensual. Antônio tinha  
que viver à espera da morte, como vive. Apenas. Aos vinte e dois  
anos, mantendo-se ela naquela atitude, era uma viúva paupérrima e  
honesta, trabalhando para um filho grande. Não lhe viria à memória  
o tempo de Sepúlveda? Não sentiria latejar nas artérias o sangue ju-  
venil? Não amaria, não se arrependeria, não se revoltaria, não teria  
desejos? Disse-lhe em certa ocasião, depois de mudarmos a cama de  
Antônio: "Isso vai ser por toda a vida!" "Coitado!" murmurou ela.  
E fiquei tão acabrunhado, não por ele mas por ela, sã e moça, que  
nunca mais lhe falei. Era um respeito como se tem  
pelas irmãs de caridade . . . Quando Antônio melhorou dos nervos e  
voltou a uma aparente resignação, o seu egoísmo tornou-se furioso.  
Ele queria. Queria sem dó, sem ver, sem pensar. E exigia da pobre  
criatura a quem não dera o nome para dar a angústia e a quem nega-  
ra mesmo o direito de sentir o que todas as mulheres sentem. O seu  
desejo era passear, andar. Ela não devia ir. Pagavam a um homem de  
confiança que o acompanhasse. A sua preocupação era vestir-se  
bem: gravatas, fatos dos primeiros alfaiates, chapéus diversos. —  
"Ainda sou bem razoável", dizia diante do espelho. "Quando ficar  
bom disso, a Rosa não me vê". E indagava de tratamentos, corria  
feiticeiros, curandeiros, continuando nos laboratórios elétricos.

— Devia ter-se endividado.

— A Rosa montou uma oficina de costura arranjou dar comida  
para fora. Lavava, engomava, cosia. Nunca a vi na rua. Não devia  
ter vestidos senão de andar por casa — duas blusas e uma saia. E tra-  
balhava, trabalhava. A sua voz tornara-se seca. Lutava contra a

sorte! E depois, o esforço terminou por ser mecânico, já sem sombra de carinho diante do desprezo exigente do nosso infeliz doente. Ao despedir-me, quando lá ia, por cortesia, indagava:

— “D. Rosa, precisa de alguma coisa?” Ela respondia: “Obrigada. Não me falta nada.” E quando ele estava em casa, só com ele se ocupava. Era dar-lhe o banho, vesti-lo, ler-lhe os jornais, jogar as cartas. Já na sua qualidade de homem Antônio deveria ter o mal de não compreender a dedicação. Estropiado, era sem querer, sem maldade, muito mais cruel. Exercia o despotismo tremendo do parafítico. Lembro-me há quatro anos, um domingo. Antônio estava de roupa de flanela branca. Queria ir d’automóvel às regatas. Rosa veio à escada: “Sr. Leitão, faça um sacrifício, leve Antônio d’automóvel. Eu não tenho dinheiro. É domingo. Se ele não for, vem a crise, fica pior. Não teremos nem os ordenados do emprego porque ele não poderá lá ir.” Gritei como quem vem para um pândega: ‘Antônio! Onde está o nosso Antônio! Vim buscá-lo para ver as regatas!’ Antônio estava no meio da casa, em pé, apoiado à bengala, sorrindo meio bobo. — ‘Vamos a pé?’ — “Vamos d’automóvel”. Ele disparou uma gargalhada. E voltando-se bruscamente sério para ela: — “Estás a ver? Ainda tenho amigos. E tenho sorte. Quando quero uma coisa logo arranjo.” — “Mas D. Rosa virá conosco.” — “Qual! Ela não tem vestidos.” — “Graças a Deus, sr. Leitão, nada me falta. Fica porém para outra vez . . .”

— Que triste história!

— Infelizmente, Sr. Praxedes, o mundo está cheio destas histórias que não vêm nos jornais. Devo dizer que me empenhei para as quatro horas de locomoção. Antônio estava radiante. Em casa, depois do jantar, narrando o que vira, recordando pessoas suas amigas que passavam na festa marítima e falando mal de todas, acabou por exigir uma bisca. Precisava jogar a bisca. Precisava jogar a bisca de três. E aí, sob a lâmpada, eu olhei Rosa. Não lhe tem acontecido olhar uma criatura que se vê todos os dias? Olhei-a como se não a visse desde o tempo do Sepúlveda. A fatalidade não lhe deixava tempo nem pra que a olhássemos. Estava magra, tisonada, as mãos gretadas, o cabelo já a branquear. E curvada. “Caramba! D. Rosa, a sr.<sup>a</sup> está um pouco abatida. Parece que precisa descansar. Agora que o nosso Antônio vai melhor, por que não passam um mês na roça? Lucrariam ambos e a sra. tomava cor . . .” Antônio estava ganhando. Rui. “Qual! Eu ainda podia ir, mas não posso deixá-la. É o meu contrapeso. Tenho de me submeter. Depois parece não ver bem. A Rosa está bem, tem uma saúde de ferro. Também não lhe falta nada . . .”

Sou pobre, sr. Praxedes, e resignado. Mas o meu entendimento chega a perceber além do meu próprio eu. Fiquei assombrado, em face daqueles dois entes: o egoísmo inconsciente do meu amigo parafítico, a incapacidade dolorosa da mulher. Ele, sincero, doente, inútil, sem forças para se defender, sem poder correr, dependendo

daquela obscura figura que não o abandonara . . . E por isso mesmo desesperado . . . Por que era assim a vida? Por quê? Sentiria ela alguma coisa? Estaria convencida de que não lhe faltaria nada?

Deixei a residência de Antônio com arrepios de frio. E para voltar lá tive de revestir a alma dessa força de incompreensão que mantém os infelizes na infelicidade sem pensar nela. Assim vi Rosa definhar, cada vez trabalhando mais, e vi o nosso pobre Antônio dilacerantemente mau sem querer, exigindo puerilmente carinhos de escrava, enquanto a moléstia, a terrível avaria que concentrara em quinze anos de vida airada, não o podendo matar da congestão, irrompia em outros pontos do seu organismo, atacando-lhe o rim, o coração, o fígado.

Por último convenci Rosa de que devia consultar um médico. Ela disse-me: “Não; é impossível tratar-me. Quem trataria de Antônio?” Mas o médico foi e examinou a ambos. Um médico novo, camarada, que não me cobrou nada. Ao sair, disse-me: “Ela não tem três meses de vida, se não for para a Suíça. Ele talvez morra antes dela e pode vir a morrer depois com um ataque de uremia . . .” “Mas que tem ela? “Cansaço do organismo inteiro com uma espécie de tuberculose muito interessante: a granulada. Imagine v. o pulmão sem cavernas mas revestido desses grânulos. Se o grânulo corrói um vaso importante, hemoptise e morte.”

— O sr. Leitão conta com pormenores . . .

— De fato. Ontem estava ela, depois de uns xaropes, preparando com imensa dificuldade o banho de Antônio, quando sentiu sangue na boca e cambaleou. Precipitei-me. Veio a golfada. Veio outra. Corri à farmácia, enquanto Antônio gritava: “Que é isso! Que é isso! Não me ponhas nervoso!” Ao voltar com o médico, Antônio estrebuchava com um ataque, sem que ela pudesse cuidá-lo. Estava morta.

Mas, chegamos, sr. Dr. Praxedes. Antônio teimou em vir ao enterramento com dois companheiros da repartição. Vamos vê-lo. Triste enterro. São sempre tristes os enterros dos humildes. Ninguém chora. E a lágrima é a alegria da tumba.

— Devemos convencer o pobre Antônio a não ir até à sepultura. Não acha? Depois do que o sr. Leitão contou . . .

— É uma idéia.

Os dois homens saltaram. À porta do cemitério, os cinco veículos do préstito não conseguiam animar a desolação ensolada da praça. Um sino tocava indiferente. Os camaradas de Antônio de Albuquerque, funcionários, meio aborrecidos, vieram saudar o chefe Dr. Praxedes, enquanto desamarravam o caixão do coche. No carro que o conduzia, Antônio chorava, sem forças para descer. Quando viu a imponente figura do Dr. Praxedes, tentou erguer-se.

— O senhor, meu bom amigo,! Nunca pensei. Vê a desgraça

que me fere? Outra! Até ela, até ela me deixou após doze anos de sacrifícios, de sofrimentos . . . Estou só. Não organizei família, não tenho ninguém. Enfim, coitada! Pelos menos tenho um consolo. Até o último momento fizemos tudo. Nunca lhe faltou nada!

## Penélope

Ora, precisamente, naquela tarde, tendo deixado o seu automóvel no canto da avenida, a generala Alda Guimarães subia a Rua do Ouvidor a pé, para a prova dos vestidos de meio luto no grande costureiro da moda.

Ia, como sempre, impenetrável. Alda Guimarães, que extraordinária mulher! Quando o marido morrera seis meses antes, ela já tinha uma legenda de honestidade heróica. O general, seu padrinho de batismo, e seu esposo, casara aos sessenta anos quando ela tinha vinte. Em vez de ciumento era paternal: em vez de fechá-la, passeava-a por todos os salões, dava recepções, queria mostrá-la como o facho da sua glória. E, apesar dos maldizentes dizerem Alda quase virgem, nunca ninguém ousou lhe atribuir sequer um *flirt*. Alda não amava o marido como a Romeu; mas respeitava-o. Assim, morto o marido e ela rica, bela, esplêndida, séria — o entusiasmo em torno da sua carne e da sua fortuna foi grande. Rapazes das melhores famílias, aos quais nunca dera atenção, propunham-se para amantes e para maridos; maridos das suas amigas faziam questão de consolá-la. Se não se fechasse, teria a impressão de que a punham em leilão.

Alda Guimarães fechara-se no seu palacete de S. Clemente. A sociedade causava-lhe ainda mais horror sem a companhia do seu velho esposo. Certo não agia de tal modo por hipocrisia, e sim porque nunca amara, porque lhe parecia impossível o desejo e ainda mais o prazer. À sua camarada, a sr.<sup>a</sup> Lúcia de Vilaflor, cujos amantes eram inumeráveis, ela confessava:

- Que hei de fazer, se não sinto simpatia por ninguém?
- Mas, minha querida, uma senhora bonita e rica, sem um homem!
- Irei viajar com a Leônia, ao acabar o luto.

Estava convencida da própria invulnerabilidade. E ria, ao pensar naqueles homens todos da sua roda que tanto a irritavam com propostas indecorosamente idotas. Ainda o melhor da coleção fora o general, bom, sem pretensões . . .

Era esse o estado d'alma e de corpo de Alda Guimarães, ao subir a Rua do Ouvidor, caminho do costureiro, quando viu num mostrador de modista uma curiosa e linda série de véus. Parou; deu-lhe vontade de comprar alguns; entrou. Como as vendedoras estivessem ocupadas, notou que vinha do fundo, servi-la, um rapaz

quase menino. Era moreno, forte, com dois grandes olhos molhados e um cabelo tão lindo que só o *S. Sebastião* de Guido Reni teria igual. A sua ousadia era misturada de timidez. Ela sentiu o coração bater, um grande calor subir-lhe ao rosto. Reparou-lhe nas mãos. Eram grandes, másculas. Deviam ser quentes . . . Essa opinião atravessou-lhe o cérebro cristalizando a idéia de que seria bom tocá-las. Foi instantâneo. Encostou-se ao balcão para não cometer a tolice. Mas se retinha o ímpeto, olhava mais o rosto do adolescente, e via uma boca rasgada, vermelha, primaveral. Ele não se apercebia do efeito produzido. O seu esforço era para vender bem.

— Veja vossência estas *voilletes* . . .

Tinha uma voz quente, igual, envolvente, jovem.

— Não, decididamente não escolho hoje. Voltarei.

Saiu. Quase a correr. Pareceu-lhe que se operara nos objetos, nas coisas, nas pessoas uma transformação. Tudo esplendia, tudo ria, tudo era suave e alegre. No costureiro escolheu mais três vestidos, depois das provas. Depois na rua lembrou-se de tomar chá e resolveu logo o contrário. Passou pela casa dos véus, olhou sem querer e não viu senão as vendedoras. Tomou o automóvel. Os seus pulsos batiam e as extremidades estavam geladas, as extremidades dos seus lindos dedos. Em casa, foi-lhe impossível jantar. Quis ler. Suspirou, incapaz de atenção. Dentro dos seus olhos, enchendo-lhe os sentidos estava a figura morena e forte, com os cabelos em cachos e as mãos que deviam ser quentes. Deitou-se. Revolveu o leito. Que solidão! Que imensa solidão! Nem a si mesma ousava confessar a impressão instantânea . . .

No dia seguinte, porém, como acordasse fatigada da agitação ínsone, as palavras que dormiam no seu lábio ansiosas soaram a contragosto.

— É uma loucura!

Seria uma simples incidência do desejo esparso na cidade, aproveitando o momento de abandono de sua alma, o momento em que estava menos preparada a resistir? Mas resistir ao quê? O rapaz era um simples empregado de casa de modas, que não lhe dera nenhuma atenção especial. Nem podia. Nem devia. Nem ela consentiria. O desagradável é que ele não existia socialmente, não tinha um nome, um título, uma família ao menos. Nunca por consequência poderia pensar em fazer-lhe a corte. Loucura! Ela, generala, ela que se recusara às tentações dos leões dos salões, ela que afastara propostas de homens admirados, ela invulnerável tendo no cérebro a hipótese não de um *flirt* mas de qualquer coisa de mais positivo com um pobre pequeno. E ao lembrá-lo assim com pena, via-o de novo, modesto, ingênuo, jovem, tão jovem! Não era possível que outras mulheres ainda não tivessem reparado naquela juventude. Com certeza, pobre, já teria tido amantes ordinárias, dessas mulheres que estragam os rapazes e que são livres, inteiramente livres . . . Talvez mesmo, num estabelecimento onde entram tantas mulheres elegantes,

alguma grande *cocotte*. Mas não! Ele não parecia contaminado. Ele era novo em folha. Coitado.

Uma languidez, entremeada de agitações reteve-a nos aposentos até à hora do almoço. Desceu. Almoçou como quem tem medo de perder o comboio. Sentou-se ao piano. A música pareceu-lhe o muro imponderável do isolamento em que vivia. Não pôde mais. Subiu. Vestiu-se com requintes e imensas bondades para Leônia, mandou preparar o automóvel, seguiu para a cidade achando urgente escolher os modelos dos novos vestidos. Quando o automóvel parou, foi como se de repente tivesse de decidir da vida. Tinha um enorme peso nos ombros, arfava, tremia e as vozes chegavam-lhe aos ouvidos como aumentadas por um tubo acústico. Sentia a vertigem e não sabia bem por quê. Andou assim pela rua. Parou diante da montra, ergueu os olhos para ver através os vidros o interior do estabelecimento. As vendedoras moviam-se servindo as freguesas. Lá ao fundo o rapaz estava a despachar uma cliente. Tinha outro fato. Estava de claro. O splendor da sua mocidade era maior.

Entrou, sem hesitar; foi direito a ele.

— Pode mostrar-me os véus de ontem?

Ele fez um rápido esforço para recordar-se.

— Ah! Perfeitamente. Um momento, minha senhora . . .

E ela ficou, humilhada, com o temor de que alguém da loja fosse desconfiar. Passara uma tarde inteira, uma noite inteira, a manhã toda a pensar naquele ente, ela que bastaria acenar para ter vários secretários de legação, e ele não se lembrava dela — vulgar, vulgaríssimo, talvez nos braços de outra criatura. Mas ele vinha solfocito, comercial, querendo mostrar-se negociante, com o orgulho infantil de vender bem.

— Nem lembrei que vossência esteve cá ontem. São tantos os fregueses!

Essa ingenuidade deu-lhe a ela um pouco de ousadia:

— Que memória!

— Mas logo lembrei. Até estive a mostrar-lhe umas *voilettes*.

E sorria. Ela então pôs-se a ver os véus, de que não tinha aliás necessidade. Ele abria caixas e caixas. Sobre o vidro do balcão jaziam rendas, gazes, tecidos aéreos de todas as cores. Ela, inconscientemente, estabelecera a confusão fatigosa como um estrategista, para tocar uma daquelas mãos que deviam ser quentes e macias. No momento propício, vinha-lhe um frio e não ousava. Para não o desagradar, apartava mais um véu, e continuava. Sofregamente as suas lindas mãos contraíam-se de jaspe sobre o multicolor das gazes. O seu colo arfava. Sentia a boca seca, não podia quase falar. Que iria acontecer se conseguisse? Ele compreenderia? Ele falaria cheio de vaidade com a aventura enorme? Ele não recusaria. E depois? E depois?

— Veja a senhora este que é o mais fino.

Ele curvara-se, segurando o véu com as duas mãos. Ela pendeu

o busto para a frente de modo a sentir-lhe a respiração. Cheirava a flor murcha. O seu respirar era um arfar de olores. Alda, com um indizível prazer que a percorria toda, estendeu ambas as mãos. Os seus dedos como por acaso roçaram pelas mãos do rapaz. Não se enganara! Elas tinham um morno calor suave ao gelo dos seus dedos.

— Perdão! disse ele largando o véu.

Ela olhou-o com toda a súbita paixão do instinto, sem forças. Ele ainda não compreendia, tão longe da possibilidade que a sua juventude não tremia. Mas o olhar continuou, continuou carregado de desejo e de súplica, pesado de coisas loucas e deliciosas. Ele sorriu meio indeciso. Ela suspirava forte, olhando-o. Um risco de malícia ingênua clareou-lhe a boca vermelha. Ela estendeu o véu, sem dele desprezar o olhar que sorria. Os olhos dele como quiseram adivinhar. Uma onda de sangue encheu-lhe o rosto.

— Minha senhora . . .

— Como se chama?

— Ferreira. Manuel Ferreira. Onde devo mandar os véus?

No cérebro de Alda Guimarães uma luta entre o receio e o desejo retinha a sua resposta. Com violência e em seu desvario dizia-lhe todos os pavores do preconceito. Com maior força os sentidos inebriados arrastavam-na. Manuel! Um nome bom, macio. E aquelas mãos, aquele hálito, aquela saúde esplendorosa, aquele cabelo . . . Que fazer? Que fazer? Dar a direção da sua casa? Nunca se comprometeria até aquele ponto. Ia dizer alguma coisa e disse:

— Porque não mos leva o senhor mesmo?

Depois da pergunta, o sentimento de pudor foi tanto, que não percebeu o rapaz, tão atônito quanto ela, baixando a voz, murmurando:

— Só quando fechar a loja! É longe?

Foi preciso que ele repetisse a pergunta. Como despedaçada ela indicou o palacete, e saiu sem o olhar, trêmula, palpitante, com a face afogueada e os lábios secos. Chegou assim até o automóvel, teve que cumprimentar o secretário da Bélgica, solteiro; recebeu já instalada a saudação longa do velho Lloyd Balfour da embaixada americana, e quando mandou tocar, sucedera-lhe à atordoação um nervosismo de se explicar a si mesma, de se desculpar, de salvar-se do instante alucinado. Ela que jamais tivera uma aventura, ela que não pecara por não sentir necessidade alguma, ela honesta que compreendia o outro sexo pelas profissões: um diplomata é um diplomata, um general é um general, um jardineiro é um jardineiro — vendo de súbito num pequeno caixeiro de modas um homem! Como podia se ter dado esse horror delicioso? Era preciso afastar as suspeitas dos criados. Lamentáveis, aliás. Porque, livre não era livre, e temia preconceitos quando todas deviam fazer coisas idênticas. Fara se desculpar encontrava na memória as intrigas e as calúnias de seu mundo contra várias senhoras bem recebidas: o escândalo de Sofia Marques com o motorista, o divórcio de Adalgisa Gomensoro por

causa de um rapaz que ninguém conhecia, mil histórias outras. Depois, ninguém saberia se ela realmente realizasse. A essa hipótese, um tremor a sacudia. Podia ser um mariola que a difamasse e que até a explorasse. Mas tratava-se de um quase menino. Ele não podia ter mais de dezoito anos. E tinha a face ingênua no envolvente e rápido vigor, acrescido de manhãs passadas ao ar livre — porque necessariamente com aqueles ombros, aquela cinta estreita, aquelas mãos, Manuel havia de remar. E as palavras objetivaram-lhe na mente a criatura inteira. Que vergonha! Como seria bom acariciá-lo, beijar-lhe a cabeleira negra, os olhos molhados de luxúria ingênua, apertar-lhe os braços e adormecê-lo de encontro ao peito . . .

Desse confuso pensar surgiu-lhe a idéia de estabelecer um plano capaz de evitar todas as suspeitas, apesar de não ter nenhum projeto, nem mesmo o de mandar entrar o rapaz. Saltou assim, no palacete, pálida, resoluta como um estrategista, espiando nos olhos dos criados a possível desconfiança, subiu aos aposentos acompanhada de Leônia, Leônia a sua defesa! Mas acabava de enfiar um roupão, quando Leônia indagou:

— A senhora não sai mais hoje?

— Por quê?

— Porque se não sair e não receber nenhuma das suas amigas, eu pediria para sair esta noite. É o meu dia de passeio e iria ao teatro.

Alda Guimarães estremeceu. Era a fatalidade. Iria ficar só com o seu desejo? Jamais! Jamais! Não poderia resistir. Voltou-se para dizer a Leônia que adiasse o teatro. Mas ouviu-se dizer.

— Não; podes ir . . .

E imediatamente achou que devia responder aquilo mesmo, e imediatamente admirou a calma, a naturalidade com que respondera. Leônia não acreditaria no que poderia estar para acontecer. Assim, desde a resposta, dividiu-se em mente: a Alda picada pela tarântula representava um estado de subinconsciência, e Alda calma assistia à representação como no cinematógrafo. Que inteligência! Que lucidez!

— Vou passar a noite lá embaixo, ao piano . . . Podes sair já.

Preparou-se com cuidado, vestiu um vestido absolutamente de interior tanto no seu mole e flutuante modelado a exteriorizava. Desceu para o jantar. A vida solitária, a tristeza dessa vida como a sentia agora no seu interminável bocejo sem preocupações. Era possível existir assim? Não jantou quase. O copeiro grave passava os pratos, sem que ela os tocasse. Antes da sobremesa ergueu-se. Voltara-lhe a ansiedade como um acesso de febre. Todos os ruídos da rua chegavam-lhe aos ouvidos como chamadas de campainha — as chamadas que anunciariam a presença do pobre pequeno. Afinal não se tratava de nenhum personagem! Era pueril o seu medo.

— Antônio, se vier hoje um menino com uma encomenda de véus, manda-o entrar. Quero vê-los à noite antes de os comprar.

- Sim, minha senhora.
- Ah! Não estou para ninguém.

Foi para a pequena saleta íntima onde havia dois enormes *divans*. A saleta, mobilada com muito gosto, era com certos salões de França, depois das relações com o Grão-Turco — meio francesa meio otomana. E dava para a galeria de entrada. Recostou-se, fechou os olhos. Todo o seu ser enchia de imagem e do desejo da imagem que a desnorteara. O coração batia-lhe de modo que sentia nas artérias do pescoço o seu desordenado bater. Agora, posto que não tivesse definido o futuro, só a assaltava um receio: viria ele? No imenso silêncio, o receio era quase angústia. Era capaz de não vir! Timidez decerto. Talvez, porém não tivesse agradado. Podia ser . . . O ridículo de desejar e ser repelida . . . Pela primeira vez reparou de fato numa pêndula de Boulé que o falecido general comprara em Paris num leilão do Hotel Druot. A pêndula tinha um mostrador tranqüilo e desanimado. Dizem que o tempo é breve. Não viram o tempo que leva um ponteiro a andar cinco minutos! Quanto pensamos e realizamos e queremos e arfamos na terra para o desconhecido enquanto um relógio pesponta, à toa, cinco longos, intermináveis minutos! Se ele chegasse, se ele não chegasse! O ruído do relógio parecia compor essa alternativa, falar a gangorra do seu pensamento, enquanto a sua carne era como que aos poucos aquecida por um aflitivo desejo de consolo.

De repente houve um breve retinir de campainha. Alda Guimarães teve um sobressalto como se a tivessem tocado na nuca com uma ponta de gelo. Tomou de um livro, abriu-o. Como os criados são lentos em abrir as portas! Era a eternidade positivamente. A campainha fez-se ouvir de novo, ainda mais breve e tímida. Um enternecimento pelo que aquela rápida vibração exprimia fê-la sorrir. O criado passou enfim, devagar, como compete a um criado de casa importante. Ela ouviu um rumor indistinto. O criado tornou a aparecer:

- É o rapaz com os véus. Mando entrar?
- Dê mais luz. Mande.

Fechou os olhos, de pé. Um turbilhão parecia arrastá-la. Quando os abriu, à porta da saleta, respeitoso, com um grande embrulho, estava o adolescente. Ela via-o inteiro, dos pés à cabeça, e era como se visse, vestido, um dos muitos S. Sebastião em que os sensualistas do renascimento derramaram o seu amor pela pulcra forma dos efêbos entencedores. O criado, ao lado, estava firme. Alda Guimarães fez um esforço:

- Trouxe a encomenda?
- Sim, minha senhora.
- Quero vê-los antes, à luz. Pode ir, Antônio.
- Vossência permite? gaguejou o rapaz.
- Entre. Pode desfazer o embrulho nesse *divan*.

Com um motivo profissional para mascarar o seu enleio, o ra-

paz andou até o *divan* num passo que era leve e forte, curvou-se numa curva de estatuária, sem esforço, macio e vigoroso. Talvez tivesse ainda dúvidas, juventude enrodilhada na inexperiência e assustada com aquele luxo que tornava inacessível a mulher ao lado.

Alda Guimarães sentou-se no *divan*, admirando-o. Como era diverso dos indivíduos que conhecera, rapazes e homens na sua sociedade – que vinca tanto as criaturas na mesma dobra!

– Vossência desculpe eu ter demorado um pouco.

Ela reparava agora no pêssego maduro que era o seu pescçoço. Uma desorientada vontade de mordê-lo obrigou-a a indagar:

– Por que não mandou outro?

– Vossência disse que eu mesmo trouxesse. O que eu não pensei é que desejasse ver de novo os veús.

Essa ingenuidade trouxe a Alda uma súbita confiança.

– Não tem levado encomendas a outras casas?

– Não, minha senhora. Isso é para empregados de outra categoria, os principiantes . . .

– Ah! Já tem uma categoria?

– Oh! bem modesta.

– E que idade tem?

– Fiz dezoito.

– Era o que eu pensava.

Houve um enorme silêncio. Ele abria as caixinhas.

– Diga-me, Sr. Manuel, faz *sport*?

– Um pouco de remo, ao domingo, para divertir.

– Era o que eu pensava. Mas para divertir? Na sua idade há outros divertimentos.

– É uma questão de gosto.

Graças ao hábito de sociedade, ela não só falava com desembaraço como falava com o tom de quem trata com um inferior. Graças ao seu ofício ele respondia com desembaraço, conservando o tom de respeito para com alguém socialmente superior. O instinto aproximava-os para a maior das igualdades. Ele indagava sem o saber com a desconfiança maliciosa: “Onde vai ela chegar?” Ela pensava, com o desejo palpitante: “De que modo resolver tudo isso?” Se ela estivesse diante de um cavalheiro da mesma roda a ânsia do imprevisto não existiria, já teria passado à declaração caso consentisse. Se ele estivesse diante de qualquer mulher não indagaria nada. Fatais estados d’alma que se dão sempre quando incide o desejo em seres de diferente situação social. E tão terríveis que o mais desvairado amor não faz esquecer nem a um a superioridade nem a outro o grau abaixo. Assim ele poderia arruiná-la, difamá-la, espancá-la até. Nunca esqueceria a preferência e se não fosse muito bom, estaria perdido, cheio de ambições. Assim ela poderia sofrer, amar, perder-se. Mas seria sempre a criatura que dava a preferência . . .

Nenhum dos dois pensou exatamente isso. Ficaram na pergunta que é a resolução do problema imediato nesse gênero de choques, ele

não ousando, ela não querendo ousar para não parecer mal. Mas as mulheres, mesmo as mais honestas como Alda Guimarães, são fortes quando desejam.

Alda Guimarães ergueu-se, tomou um dos véus na ponta dos dedos, agitou-o.

— Como é lindo, à luz!

Ele sorriu.

— Vossência acha?

— E você? Veja!

Agora tomava dos véus — um, dois, cinco — verdes, brancos, cor de morango, negros. Eram como amputações de asas de uma ornitologia nigromática em torno dela. As suas mãos cada vez passavam mais perto do rosto de Manuel, cujo sorriso ia-se estereotipando numa fixidez angustiosa. De repente ela voltou-se. As mãos dele caídas sentiram o roçar breve do corpo dela. Ela escorregou no *divan* bem junto, a cabeça erguida para ele. Manuel ficou sem coragem de avançar nem de recuar.

— Mas, minha senhora . . .

Os olhos dela, a boca que ela tinha formosa não podiam mais, revelavam demais — porque de súbito ela viu o semblante do adolescente convulsionar-se, os seus olhos luzirem, um vinco brusco tornar-lhe severo o semblante, todo ele tremer como queimado por um *simoun* de desejo, que lhe fazia bater os dentes, e a sua voz rouca indagar, enquanto passava a vista pelas portas:

— Não vem gente?

Alda não soube que gesto fez. Ele curvou-se, a sua boca magnífica sorveu-lhe a dela como se sedenta chupasse um fruto cheio de sumo. Ela tremeu na mesma febre passando-lhe os braços no pescoço. Então ele despejou-a no *divan* em súbita fúria. Um imenso, delicioso, doloroso acorde de prazer — o prazer que nenhum dos dois sonhara, sacudiu as almofadas do *divan*. Sem pensamentos, sem outro fim, alheios ao orbe inteiro, no frenesi de atingir ao bem supremo, atingiram o sumo gozo brevíssimo que é a felicidade única da terra.

E foi com infinita amargura que os pretendentes souberam da partida da incorruptível e formosa Alda Guimarães, oito dias depois de a verem na Avenida, em meio luto da viuvez.

Ia num péssimo vapor francês, só com Leônia e radiante. Ningué, porém, poderia desconfiar que entre os outros passageiros, havia o amor . . .

## Glossário

### A

<b>Achego</b>	Ajuda, auxílio; rendimento acessório.
<b>Adufe</b>	Espécie de pandeiro quadrado.
<b>Airado</b>	Sem seriedade; leviano, irresponsável.
<b>Alcouce</b>	Prostíbulo.
<b>Alfêro</b>	Que tem asas (poét.); ligeiro, veloz.
<b>Amadrifades</b>	Ninfas dos bosques.
<b>Amanuense</b>	Funcionário público que fazia a correspondência e copiava documentos; copista.
<b>Armorial</b>	Livro onde vêm registrados os brasões. No texto, em sentido fig.: nobreza, nata.
<b>Arrufo</b>	Ressentimento passageiro entre pessoas que se querem bem.
<b>Arrulho</b>	Ato de <i>arrulhar</i> : dizer palavras amorosas, em tom meigo.
<b>(L') Assomoir</b>	<i>A Taverna</i> , obra de Émile Zola (1840-1902), que denuncia um dos maiores problemas dos meios operários, o alcoolismo, constituindo uma obra-prima do "romance negro".
<b>Azeviche</b>	Varietade compacta de linhito (carvão fóssil), usada em joalheira.

### B

<b>Bacante</b>	Sacerdotisa de Baco, deus do vinho; mulher devassa, libertina.
<b>Baiadeira</b>	Do francês <i>bayadère</i> : bailadeira, dançarina sagrada da Índia.
<b>Bestiário</b>	Livro em que, na Idade Média, se reuniam descrições e histórias de animais, reais ou imaginários, geralmente com ilustrações.
<b>Biscuit</b>	Porcelana fina que, na cor e no aspecto, imita o mármore branco.

### C

<b>Capitoso</b>	Que embriaga, entontece.
<b>Carbuncular</b>	O toque explosivo do motor do carro (fig.).
<b>Casabeque</b>	Casaco leve de senhora.

<b>Cáspite</b>	Indica admiração com ironia; caramba!
<b>Catalepsia</b>	Imobilidade (fig.)
<b>Cendal</b>	Véu.
<b>Charão</b>	Verniz de laca, muito lustroso e duradouro, originário da China e do Japão.
<b>Chelpa</b>	Dinheiro (gfria).
<b>Cheta</b>	Pequena moeda de cobre; pouco dinheiro.
<b>Chiquet</b>	Pequena porção; migalha. Existe ainda em francês, <i>chiqué</i> : afetação, também cabível no texto.
<b>Chomberga</b>	Casa pequena, cochicholo.
<b>Chufa</b>	Caçoada, troça.
<b>Clâmide</b>	Manto dos antigos gregos que se prendia por um broche ao pescoço.
<b>Cocotte</b>	Mulher elegante de vida desregrada; prostituta.
<b>Cold-meat</b>	Carne fria (trocadilho com o nome do personagem Goldschimidt para caracterizar, ironicamente, sua frieza).
<b>Coleio</b>	Movimento sinuoso, serpenteante, ondulante.
<b>Conventilho</b>	Prostíbulo.
<b>Coruscante</b>	Reluzente, cintilante.
<b>Cotillon</b>	Antiga dança de muitos pares, com distribuição de brindes, pela qual se usava terminar um baile; cotilhão.
<b>Cotagge</b>	Casa de campo.
<b>Coupé</b>	Carruagem fechada, geralmente para dois passageiros; cupê.
<b>Cuté</b>	Possível corruptela da expressão francesa <i>à côté</i> : próximo, vizinho, do lado.
<b>D</b>	
<b>Deck</b>	Convés, passadiço.
<b>Dédalo</b>	Cruzamento confuso de caminhos; encruzilhada.
<b>Diátese</b>	Disposição geral em virtude da qual um indivíduo é atacado de várias afecções locais da mesma natureza.
<b>Dichote</b>	Gracejo, zombaria.
<b>Dominó</b>	Túnica, com capuz e mangas, para disfarce de mascarados durante o carnaval.
<b>E</b>	
<b>Enastrar</b>	Ornar, enfeitar.
<b>Esborcinar</b>	Partir as bordas; cortar pela borda.
<b>Esbórnica</b>	Orgia, farra.
<b>Estróina</b>	Extravagante, boêmio; gastador.

## F

- Fato** Roupa, vestuário.  
**Fine** Aguardente natural de boa qualidade.  
**Flirt** Namoro ligeiro, sem conseqüência; flerte.  
**Froco** Variante de *floco*: forma leve e vaporosa.  
**Fúfia** Mulher desprezível, reles.  
**Funambulismo** Arte ou ofício de *funâmbulo*; equilibrista, aramista; indivíduo que muda facilmente de opinião (fig.).  
**Fuste** A porção compreendida, numa árvore, entre o solo e as primeiras ramificações; tronco.  
**Futrica** Indivíduo sem importância social; João-ninguém.

## G

- Garçonnière** Casa de rapaz solteiro.  
**Gravateiro** Ladrão que ataca a vítima pela garganta.  
**Gretado** Diz-se do tipo de pele com pequenas rachaduras.

## H

- Habanera** Dança espanhola originária de Havana, utilizada por Georges Bizet (1838-1875), compositor francês, na ópera *Carmem*, sua obra-prima.  
**Harpia** Monstro fabuloso, com rosto de mulher e corpo de abutre.  
**Hemiplégico** Que sofre de *hemiplegia*: paralisia de um dos lados do corpo.  
**Hemoptise** Eliminação, pela boca, de sangue de origem pulmonar.

## I

- Inexorável** Inabalável; implacável.  
**Interview** Entrevista.  
**Irisado** Que tem as cores do arco-íris.

## J

- Jaspe** Variedade semicristalina de quartzo opaco, de cores diversas, sendo a mais comum a vermelha.

## K

- Kakemono** Certo gênero de pinturas japonesas que se penduram às paredes como ornamento; caquemono.

## L

- Landau** Carruagem de quatro rodas, com dupla capota que se levanta e abaixa.  
**Latagão** Homem robusto e de grande estatura.  
**Lhama** Tecido de fio de prata ou de ouro.

**M**

- Mádido** Umedecido, orvalhado.  
**Mandrião** Preguiçoso.  
**Marçano** Aprendiz de caixeiro; p. ext., aprendiz, principiante.  
**Marchante** Aquele que sustenta uma amante.  
**Mikado** Título do soberano do Japão; antigo título da suprema autoridade religiosa japonesa.  
**Misógino** O que tem aversão às mulheres.  
**Montra** Vitrine comercial.

**N**

- Narguilé** Cachimbo largamente usado pelos turcos, hindus e persas, no qual o fumo atravessa um vaso cheio de água perfumada.

**P**

- Paladino** Homem de grande bravura; defensor; campeão.  
**Pauvre petite** Pobre pequena.  
**Pelerine** Capa longa, em geral godê e com fendas para os braços.  
**Pira** Fogueira onde se queimavam cadáveres.  
**Pornéia** Libertinagem, devassidão.  
**Praxiteliana** Relativa a *Praxiteles*: escultor grego, nascido por volta de 390 A.C., autor de estátuas de deuses.  
**Profuso** Abundante; exuberante, copioso.  
**Pulcro** Gentil, belo.

**Q**

- Quizflia** Aborrecimento, impaciência.

**R**

- Raid** Prova desportiva de longa duração.  
**Ramaiana** Epopéia sagrada hindu, que existe em várias línguas indianas, de imensa popularidade, relatando as aventuras de Ramachandra, a sétima encarnação de Vishnu.  
**Redoute** Festa, baile.  
**Retacado** Diz-se do indivíduo baixo e reforçado; atarracado.  
**Revérbero** Lampião de rua.  
**Rótula** Grade de ripas de madeira cruzadas com intervalos, que ocupa o vão de uma janela; gelosia.

**S**

- Sacré Coeur** Referência a um colégio católico cujas alunas destacavam-se pelos modos finos e recatados.

<b>Sigisbeu</b>	Aquele que corteja com assiduidade uma mulher; chichisbéu.
<b>Simoun</b>	Vento abrasador que sopra do interior da África; simum.
<b>Sportsman</b>	Esportista amador.
<b>Societas Sceleris</b>	Sociedade do crime. Refere-se a Cesare Lombroso (1835-1909), fundador da antropologia criminal, que buscava relacionar as causas da criminalidade com os caracteres físicos do homem.
<b>Steamer</b>	Navio a vapor.
<b>Surata</b>	Nome dos capítulos do Alcorão, dispostos segundo o seu comprimento.
<b>T</b>	
<b>Tavolagem</b>	Vício de jogar, jogo.
<b>Tchartchaf</b>	Véu negro com o qual as mulheres turcas ocultavam o rosto.
<b>Tisnado</b>	Escurecido, manchado.
<b>Tramway</b>	Bonde, trâmuei.
<b>Tricana</b>	Moça do povo ou do campo.
<b>Trisso</b>	Diz-se do canto ou voz da calhandra e da andorinha. No texto: semelhança do efeito sonoro com a voz desses pássaros.
<b>Triques</b>	Vestido com apuro, elegante.
<b>Trirreme</b>	Galera grega, antiga, de três ordens de remos.
<b>Truster</b>	Homem de negócios, integrante de um <i>trust</i> : associação financeira que resulta numa única empresa de grande poder econômico.
<b>U</b>	
<b>Unção</b>	Sentimento piedoso; devotamento.
<b>V</b>	
<b>Vaudeville</b>	Comédia leve, com cenas cantadas, fértil em intrigas e situações imprevistas.
<b>Voillete</b>	Véu pequeno ou curto que as senhoras usam nos chapéus.
<b>(arco) Voltaico</b>	Arco de luz que se forma entre as extremidades dos carvões que representam os pólos de uma pilha elétrica.
<b>Vossência</b>	Contração de <i>Vossa Excelência</i> .
<b>Z</b>	
<b>Zabumbar</b>	Atordoar, aturdir.

## Bibliografia

### 1. Obras do Autor

- 1905 - *As religiões do Rio* (crônicas)  
1906 - *Chic-chic* (teatro)  
1907 - *A última noite* (teatro)  
*O momento literário* (inquérito)  
1908 - *A alma encantadora das ruas* (crônicas)  
*Dinheiro haja* (teatro)  
1909 - *Cinematógrafo* (crônicas)  
*Fados, canções e danças de Portugal* (crônicas)  
1910 - *Dentro da noite* (contos)  
1911 - *Portugal d' agora* (ensaio)  
*Vida vertiginosa* (crônicas)  
1912 - *A bela Madame Vargas* (teatro)  
*Os dias passam* (crônicas)  
1913 - *A profissão de Jacques Pedreira* (novela)  
1915 - *Eva* (teatro)  
1916 - *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar* (crônicas)  
*No tempo de Wenceslau* (crônicas)  
1917 - *Pall-Mall Rio* (crônicas)  
*O momento de Minas* (conferências)  
*Sésamo* (ensaios)  
1918 - *A correspondência de uma estação de cura* (romance)  
*Ramo de loiro* (ensaios)  
1919 - *Na conferência da paz* (inquérito)  
*A mulher e os espelhos* (contos)  
*Adiante!* (ensaios)

### 2. Sugestões de Leitura Sobre o Autor

- AMADO, Gilberto. Paulo Barreto. In: —. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.  
ANTELO, Raul. *João do Rio: o dândi e a especulação*. Rio de Janeiro, Taurus-Timbre, 1989.

- ATHAYDE, Tristão de. João do Rio. In: —. *Contribuição à história do Modernismo*. v.1. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- CÂNDIDO, Antônio. *Radicais de ocasião*. In: —. *Teresina etc*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- CARVALHO, Elysio de. *As modernas correntes estéticas na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Garnier, 1907.
- CUNHA, Helena Parente. João do Rio: o escritor e a paixão da rua. *Suplemento Cultural - O Estado de São Paulo*, n.182, 4 dez. 1983.
- COUTINHO, Afrânio. João do Rio. In: —, org. *A literatura no Brasil*. v.VI. Rio de Janeiro, Sul-Americana, 1971.
- FUSCO, Rosário. Presença de João do Rio. In: —. *Vida literária São Paulo, Panorama*, 1940.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.
- MANTA, Inaldo de Lima Neves. *A arte e a neurose de João do Rio*. 5.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- . *A individualidade e a obra mental de João do Rio em face da psiquiatria*. Rio de Janeiro, Imprensa Médica, 1928.
- MARTINS, Luís. João do Rio: a vida, o homem, a obra. In: —. *João do Rio, uma antologia*. Rio de Janeiro, Sabiá/INL, 1971.
- MONTELO, Josué. Durrell e João do Rio. In: —. *Uma palavra depois de outra*. Rio de Janeiro, INL, 1969.
- PRADO, Antônio Arnoni. Mutilados da Belle Époque; notas sobre as reportagens de João do Rio. In: SCHWARZ, Roberto (org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- RODRIGUES, João Carlos. A flor e o espinho. In: RIO, João do. *Histórias da gente alegre*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.
- SECCO, Carmen Lúcia T. Ribeiro. *Morte e prazer em João do Rio*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo, Brasiliense, 1983.







IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS  
DA IMPRENSA DA CIDADE  
AV. PEDRO II N.º 400 - S. CRISTOVÃO  
TEL.: 589-3823

seguir o golpe transformador - mulheres ditando a preferência.

Em outras narrativas, as agentes do destino surgem a favor, como em "O encontro", primeiro despertar da sensualidade não realizada, domínio do corpo que, não possuído, torna-se por toda a vida desejado. Ou em "A amante ideal", aquela que não pede, não mente, não quer saber, diferente, portanto; a que até morre para continuar perfeita e indecifrável. Em "A maior paixão", tudo se passa na imaginação, a mais perfeita paixão, porque não acontece na trivialidade que torna tudo igual. E, culminando, a incógnita das cartas de amor em "O veneno da literatura".

Também ocorrem narrativas em que ela é a vítima das desigualdades sociais e até mesmo de violências e exploração. O grotesco por vezes se instaura, como no caminhar da velha "D. Joaquina", sugerindo que "a vida é muito mais atroz do que se imagina".

O Rio, como cenário, é uma constante: a velha cidade comercial, com seus becos de retiro e calma, o Alto da Tijuca, a rua do Lavradio, do Carmo e muitos outros pontos de referência da cidade.

A **Coleção Biblioteca Carioca**, mais uma vez destaca o talento singular de João do Rio, trazendo ao público leitor uma de suas melhores criações.

*Rosemary de Siqueira Ramos*

